



# Ilustração Brasileira

ANO XLIII

AGOSTO, 1952

NUMERO 208

# Ilustração Brasileira

FUNDADA EM 1909

Edição da S. A. "O Malho"

Grande prêmio na exposição do Centenário, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940.

Órgão oficial da Exposição do Centenário, em 1922, do Centenário da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842, do Centenário do Dois de Julho, da Bahia, do Instituto Histórico nas comemorações do Centenário do Nascimento de D. Pedro II, do Centenário do plantio de café no Brasil, do Centenário da República do Equador, do Cinquentenário do Cerco da Lapa, e do Cinquentenário da Fundação da Academia Brasileira.

DIRETORES:

**Oswaldo de Souza e Silva**  
**Antonio A. de Souza e Silva**

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Senador Dantas, 15 — 5.º Andar  
Telefones 22-9675 — 22-0466 — 22-0745  
Caixa Postal 880 - End. Teleg. "O MALHO"  
Rio

Publicidades e assinaturas em São Paulo:  
Av. Ipiranga, 879 — 13.º — sala 131  
Tel. 36-4564

PREÇOS DAS ASSINATURAS

(REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:

12 meses .. . . . . Cr\$ 120,00  
6 meses .. . . . . Cr\$ 60,00

Demais países:

12 meses .. . . . . Cr\$ 140,00  
6 meses .. . . . . Cr\$ 70,00

Número avulso Cr\$ 10,00

ANO XVIII — N.º 208 — AGOSTO — 1952

NOSSA CAPA

NARRAÇÃO DE FILETÁS

Tela de Rodolfo Amoêdo

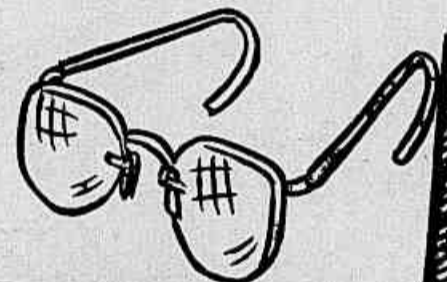
ÓCULOS • FILMES

# ÓTICA Continental

SOARES  
& GUIDO

RUA SENADOR DANTAS, 118-C  
próximo ao Taboleiro da Baiana

TELEFONE  
52 - 4326



A ALFAIATARIA PENA  
ESPECIALISOU-SE NA  
CONFEÇÃO DE FAR-  
DÕES PARA OS MEM-  
BROS DA ACADEMIA  
BRASILEIRA



PRAÇA GETULIO  
VARGAS, 2  
ED. ODEON - S. 618  
TEL.: 22-8760

ALFAIATARIA

# PENA

O ALFAIATE DOS IMORTAIS



# PARA UM NATAL FELIZ!



150 PÁGINAS

PREÇO  
CR\$ 20,00

LINDAS HISTÓRIAS  
ENSINAMENTOS  
CURIOSIDADES  
MONÓLOGOS  
ETC.



## ALMANAQUE D'O TICO-TICO



## ALMANAQUE DE TIQUINHO

HISTÓRIAS MUDAS  
BRINQUEDOS DE  
RECORTAR E  
ARMAR

120 PÁGINAS

PREÇO  
CR\$ 25,00



EDIÇÕES DA S. A. "O MALHO"  
RUA SENADOR DANTAS, 15-5.º andar - RIO

ATENDEMOS A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

# FANFULLA

*Quotidiano independente  
del mattino*

*Um giornale continental*

*per le collettivite  
italo - americane*



Sede: SÃO PAULO  
Rua 24 de Maio, 207  
Tels. 32-1216 32-3138 32-3139

## O MELHOR PRESENTE

Antologia de poetas franceses

Organizada por R. Magalhães Junior

As moças — Os estudiosos — As pessoas de fino gosto e sensibilidade

### TODOS

Gostarão de ler e de guardar este livro que é um incomparável tesouro poético.

Os maiores poetas da França traduzidos pelos maiores poetas do Brasil e de Portugal.

Volume de 500 páginas brochado Cr\$ 60,00

Encadernação de luxo papel especial Cr\$ 120,00



Baudelaire

# CURIOSIDADES DO BRASIL

## ORIGEM DO TEMPLO DA CANDELÁRIA

Tinha o Rio de Janeiro apenas cem anos de conhecido e habitado por europeus, possuía apenas uma igreja paroquial, a que Salvador de Sá fizera construir no Morro de S. Sebastião, estendia-se uma varzea paludosa entre esse morro e o de S. Bento, quando por volta de 1604, um casal de fiéis católicos erigiu nessa varzea a poucos metros do areal, uma ermida sob a invocação de Nossa Senhora da Candelária. Antonio Martins Palma e sua esposa, D. Leonor Gonçalves, natural da Ilha de Palma, arquipélago das Canárias, capitaneou uma nau que navegava para as Índias Espanholas. Quando regressava, deu-lhe um temporal tão forte, que a nau foi sobre um rochedo. Vendo-se em tão grande perigo, lembrou-se dos prodígios e maravilhas de Nossa Senhora da Candelária, da sua Ilha de Palma e da Ilha de Tenerife, e recorreu aos seus poderes, invocando o seu patrocínio em perigo tão evidente. Prometeu que na primeira praia onde aportasse, edificaria uma igreja de sua invocação. O primeiro porto onde chegou a nau foi o porto da cidade do Rio de Janeiro, onde Antonio Martins Palma e sua mulher estabeleceram residência sem querer mais navegar. A ermida alvejante, isolada no meio do paul que pouco a pouco se saneava foi teatro de um culto reverente à virgem milagrosa, e às praticas sagradas o povo concorria, transformando a varzea deserta em arraial frequentado. Com o aumento da população e de algumas edificações entre os dois morros, houve necessidade de dividir em duas a paróquia de São Sebastião e o reverendo Lourenço de Mendonça, que então exercia a preleza elevou em 1634, a matriz de paróquia à igreja da varzea da cidade. O fato desgostou os fundadores da igreja, que viram a autoridade eclesiástica de apossar da sua obra e depressa fizeram pública doação da Igreja de Nossa Senhora da Candelária, à Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, que já existia. A respectiva escritura tem a data de 4 de Julho de 1639. Deve datar desse espaço de tempo, de 1634 a 1639, a instituição da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária, com existencia já trisecular. Em 1710, apresentando ruínas a primitiva igreja, a Irmandade empreendeu a sua reconstrução, dando-lhe aspecto mais formoso e orientação mais conveniente. A principio de modesto recursos, foi avolumando as suas poses com legados e doações de generosos benfeitores. Em 1900, o patrimonio da repartição de Caridade, era de quarenta e oito prédios.

### MÁSCARA DE LAMA RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

Limpa os póros—Modela o rosto  
À VENDA EM TODA PARTE

## CORPO ESBELTO E FACEIRO...

### VINHO CHICO MINEIRO

Não! não faça regime para emagrecer. Tome de hoje em diante Vinho Chico Mineiro, usado há mais de meio século! A pele de péso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E  
PERSONALIDADE

### LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o proprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, pontos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(EXIGIR A EMBALAGEM VERDE)

E lembre-se que o segredo de uma linda cabeleira sem caspas é

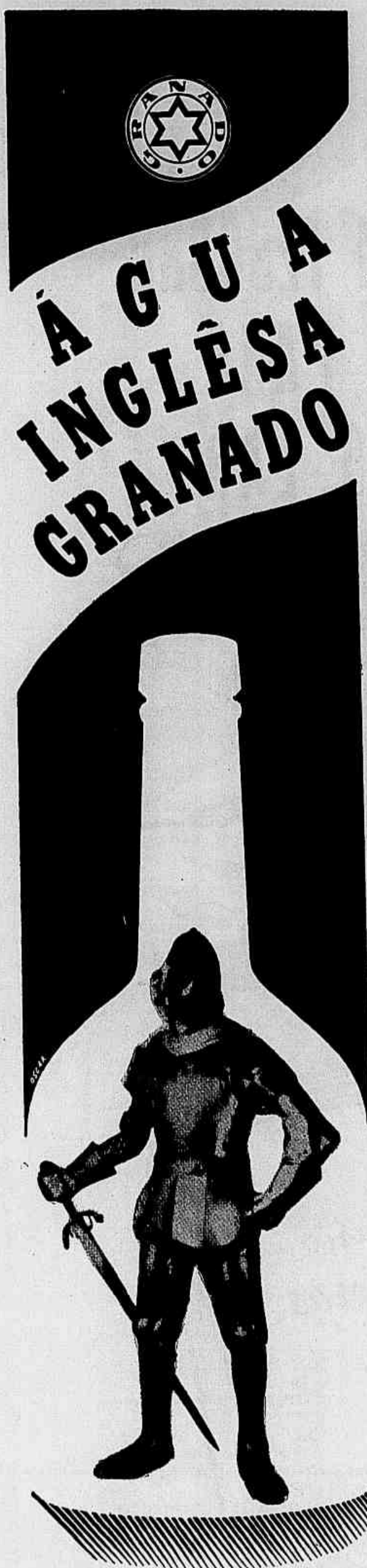
CABELOS BRANCOS  
está em

### EUTRICHOL ESPECIAL

Experimente-o e verá

MULTIFARMA:

Rua Direita, 181 — 6.º — S. PAULO  
Remessa pelo Reembolso Postal



**ÁGUA  
INGLÊSA  
GRANADO**

*Faz de você  
um forte!*

**TÔNICA-APERITIVA  
NAS CONVALESCENÇAS**

### O TEATRO DE OURO PRETO

O Primeiro Construído na  
América do Sul

O teatro de Ouro Preto ofereceu um aspecto curioso, apesar da sua pobreza arquitetônica: ele foi o primeiro teatro construído na América do Sul. No seu palco estiveram celebridades como Diva Candiani, em 1855. Falando de Ouro Preto, diz o historiador Diogo de Vasconcelos, num trecho inspirado: "Não há com efeito rua, nem casa, que seja omíssível numa revista literária tendente a relacionar as recordações ligadas ao movimento dramático da história nesta povoação, da qual fizeram parte os eminentes e mais notáveis vultos do passado. Aqui nasceram todas as artes inclusive a imprensa; a música floresceu, inspirada em compositores e mestres, a pintura, em gênios nativos, a poesia, nos mais extraordinários vates. Daqui saíram, enfim, os primeiros martires. Não há, portanto, casa ou rua em que não vibrem recordações, as mais caras de um povo. Como nos contos de Ossian, refulgem nestas montanhas da tradição e das lendas, e retocam-se de alegria as auroras do novo século. Cidade que foi o cérebro organizador da casa mineira, oficinas das leis e da ordem, é o maior monumento dos seus monumentos. Quando mesmo a fatalidade das circunstâncias fizesse um dia eclipsar a civilização, bastaria o testemunho mudo de nossas ruínas para se reatar o passado ao futuro, e o povo mineiro achar o segredo perdido de suas energias. Si as nossas torres são guardas mudas mas vigilantes da liberdade, as nossas torres, os faróis luminosos que hão de entreter o culto do passado, na marcha animosa do porvir, afugentando o ceticismo e guiando as crenças de nossos destinos". Eis uma imagem gloriosa de Ouro Preto, a cidade que se orgulha de possuir o primeiro teatro construído na América do Sul.



**Um por todos...  
...todos por um**



Há empreendimentos que o homem não pode realizar isoladamente. A colaboração e o esforço conjugados são necessários nos mais diversos setores da atividade humana. Tomemos o exemplo de uma empresa, onde ocorrem problemas, como a proteção contra as incertezas do futuro, que só a união pode solucionar satisfatoriamente.

Foi pensando nesse imperativo social que A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL criou o seu plano de "SEGURO EM GRUPO", que proporciona ao pessoal de uma organização, através da união de empregados e dirigentes, todas as vantagens do seguro individual — segurança, amparo e tranquilidade — sob condições mais acessíveis.

Além dessas vantagens, o "SEGURO EM GRUPO" é isento de exame médico e carência, não está sujeito a descontos e impostos, oferecendo a milhões de homens um futuro mais garantido, proteção efetiva e permanente.

Consulte-nos, para todas as informações e esclarecimentos.

**A EQUITATIVA**

DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
Sociedade Mútua de Seguros de Vida  
AVENIDA RIO BRANCO, 125 - RIO DE JANEIRO



As crianças adoram "Tiquinho"  
a revista infantil diferente.

Dê também, hoje, ao seu garotinho,  
a revista dos tiquinhos de gente.

**UM TESOURO PARA  
A SUA MENTE**



**LIÇÕES  
ROSACRUZES**

PEÇA O FOLHETO "EL DOMINIO DE LA VIDA QUE LHE SERÁ REMETIDO GRATIS, DIRIGINDO-SE A: ORDEM ROSACRUZ (AMORC) PARQUE ROSACRUZ SAN JOSÉ, CALIFORNIA, U. S. A.

PARTE DO FOLHETO "EL DOMINIO DE LA VIDA QUE LHE SERÁ REMETIDO GRATIS, DIRIGINDO-SE A: ORDEM ROSACRUZ (AMORC) PARQUE ROSACRUZ SAN JOSÉ, CALIFORNIA, U. S. A.

**EXIJAM SEMPRE  
THERMOMETROS PARA FEBRE  
"CASELLA LONDON"  
HORS CONCOURS**



Uma primorosa publicação de luxo, de grande interesse para as Senhoras. É o manual necessário à consulta do belo sexo. Contém um sem número de assuntos de palpitante atração para as Senhoras.

Um luxuoso volume, repleto de belíssimas gravuras sobre modas, elegância, conselhos e ensinamentos úteis para o lar. É o amigo e o conselheiro para as Senhoras e Senhoritas.

# ANUÁRIO DAS SENHORAS 1952



# A CRIANÇA E A GUERRA

Sob o título "Brinquedos de Paris", escreveu Axel Munthe dezeseite páginas encantadoras como estilo e como psicologia, antevendo à nova mentalidade os rumos, que se adivinhavam no fabrico de belonaves e bombardeiros em miniatura, espostos à venda para as crianças. Daí por diante, as exposições das lojas de brinquedos, não só em vésperas de Natal, mas através de todo o ano, são cada vez mais belicosas.

Muito antes disso, aliás, os soldados de chumbo, as espingardas de vento, os clarins e tambores minúsculos haviam prenunciado a sorte de uma geração, cujo arsenal, mais tarde, receberia os últimos inventos da guerra mecanizada, brinquedos de ferro e fogo, presentes de feiticeira macabra. Assim os pequerruchos tiveram apenas como novidades as formas ultramodernas da arte de matar.

Esse reajustamento dos pequeninos ao armamentismo vai colorindo e cultivando o estado de alma guerreira, em que a humanidade cada vez mais se convulsiona. Os menores da primeira guerra mundial tornaram-se adultos mobilisáveis em outras guerras maiores, e a indústria de autómatos não se limita, depois delas, a divertir nos campos imaginários de batalha os pequeninos. Com as primeiras lições da vida escolar, o ginásio enfileira e exercita os meninos para as eventualidades assustadoras de uma campanha real.

Novas gerações, novos exercícios... Entre os perigos desta viagem milenária da terra em volta do sol, quase todos os mestres admitiam que o melhor preparo da infância era ainda o curso ideado por Baden Powell — a marcha do escoteiro ao ar livre com a sua cadência de paz e o seu código de

honra. Mas para a travessia do futuro, em desagradáveis excursões até ao vale de Josaphat, o escoteiro necessita de outros acessórios, em outros apetites — as armas com que os homens se desafiavam, os instintos com que eles se entredevoram. Necessita ao menos de uma boa máscara contra os gases asfixiantes, uma boa defesa contra as radiações atômicas e os germes bacteriológicos. Quando os pais envenenam o ambiente dos filhos, onde a guerra deflagra a um sinal dos imperialistas, urge transferir as crianças para os campos e aboletar os canhões ou as metralhadoras nas escolas vãsias... Oriente e Ocidente rivalizam hoje na indústria dos novos brinquedos pueris e marciais. Confúcio, legislador da Primavera e do Outono, viu a existência do homem arraigada ao bem, dirigida para a fidelidade, o pacifismo, a gentileza dos modos de ser, mas na própria bemaventurança chinesa dissolveu-se a ilusão confuciana, prevalece a força comunista dos guerrilheiros de Mao Tse Tung. Por sua vez, os educadores ocidentais da família de Baden Powell queriam aperfeiçoar humanamente a criança, orna-la de virtudes e aptidões bemfeitas. Como infundir-lhe, porém, a fé na civilização, na justiça, na ordem constituída pela moral, quando os seus brinquedos são abreviaturas de calamidades e a experiência manda afivelar ao rosto angelical nas zonas de batalha, cada vez mais extensas, a máscara contra os gases asfixiantes? Reapareceram desde 1914 os degoladores de inocentes e talvez desapareça do mundo contemporâneo, algum dia, o sorriso de todas as crianças, mascaradas pelo terror da química envenenadora. É natural que os anjos não sorrissem às feras.

CELSO VIEIRA

# PARADIGMA

## A COEXISTÊNCIA DAS NAÇÕES

**N**ação é a mais vasta e a mais complexa das formas por que as sociedades humanas se apresentam. É o meio social em que as divergências de interesses coletivos se produzem e se resolvem, de harmonia com os interesses gerais da sociedade e os interesses dos indivíduos. A vida nacional é uma projeção e um desdobramento da vida civil. A nação só apareceu depois que a ordem civil se firmou. Na órbita rudimentar das sociedades primitivas não tinha cabimento o conceito de *nacionalidade*. Não existia a *personalidade humana* como fenômeno de direito, isto é., os indivíduos não representavam sínteses particulares de direitos e obrigações; esbatiam-se, anulavam-se na massa amorfa da coletividade, que era a única forma possível de uma, ainda muito indecisa, afirmação de interesses. O *clan* primitivo era a única síntese reconhecível de direitos e esses direitos, rudimentares e quase impotentes, só se manifestavam em referência aos outros *clans*, com os quais se tinha de ver em contacto. Depois que as sínteses de direitos individuais se constituíram, passando os *indivíduos* a ter significação jurídica de *pessoas*, e as *pessoas* se encontraram reunidas em grupos, núcleos, classes, castas, corporações, con. unidades, cada agrupamento com a sua forma pró-

pria de atividade, diversa ou contrária à dos outros agrupamentos, foram surgindo inevitavelmente as discordias, as irredutibilidades e os choques de interesses coletivos, e a *ordem civil primitiva* foi envolvida pela *ordem nacional*. Por outro lado, se a sociedade pudesse alcançar um grão tão perfeito de organização e de cultura, que os interesses das diferentes classes, dos diversos grupos, dos vários núcleos de atividade se harmonizassem por si mesmos, pelo equilíbrio e combinação de suas próprias forças, de forma que fosse afastada a possibilidade de qualquer colisão, o conceito de nacionalidade teria de desaparecer, visto que a sua razão de ser haveria desaparecido: a *vida civil* dispensaria a proteção da *ordem nacional*, que já não teria a significação prática precisa. Para a harmonia da vida em cada nação se faz preciso que as nações agasalhem num regime comum de segurança e solidariedade, de paz e auxílios mútuos, fora do qual seria impossível a existência das sociedades diferenciadas. Esse ambiente geral de coexistência das nações constitui, por sua vez, uma *sociedade*, sujeita, como todas as outras sociedades, nas relações entre os seus membros, aos preceitos indispensáveis de moral e de direito.

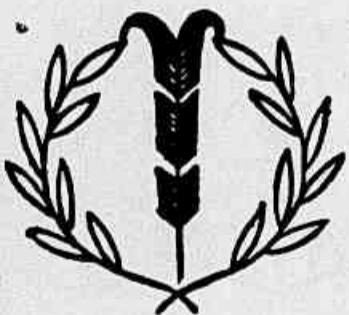
EUZÉBIO DE QUEIROZ LIMA

## FOMES COLETIVAS

**Q**uando se lê ou se ouve falar em fomes coletivas, em angustiadas massas humanas atacadas de epidemias de fome, definhando e morrendo à falta de um pouco de comida, as primeiras imagens que assaltam a nossa consciência de homens civilizados são imagens típicas do Extremo Oriente. Imagens evocativas das superpovoadas terras asiáticas com seus enxames humanos se agitando numa esteril e perpetua luta contra o ameaçador espectro da fome. Massa pululante de esqueléticos coolies chineses. Manchas compactas de ascéticos indianos envolvidos em suas longas túnicas, lembrando uma procissão de múmias. Desesperadas multidões comprimidas nas sinuosas ruelas das cidades orientais, atoladas na lama inunda dos arrozais, asfixiados de poeira nas estradas da China estorricadas pelas secas periódicas. Multidões famintas que revelam em seus rostos, em seus gestos e em suas atitudes fatigadas, a marca sinistra da fome. — Na realidade, a fome coletiva é um fenômeno social bem mais generalizado. É um fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum Continente que escape à sua ação nefasta. Toda a terra dos homens tem sido também até hoje a terra da fome. Mesmo nosso continente, chamado o da abundância e simbolizado até hoje nas lendas do Eldorado sofre intensa-

mente o flagelo da fome. E, se os estragos desse flagelo na América não são tão dramáticos como sempre foram no Extremo Oriente, nem tão espetaculares como se apresentaram nos últimos anos na Europa, nem por isso são menos trágicos desde que, entre nós, esses estragos se fazem sentir sordidamente, mirrando a nossa riqueza humana numa persistente ação destruidora, geração após geração. É preciso que se confesse corajosamente que a terra da promessa para a qual foram atraídos só no século passado, cem milhões de emigrantes europeus procurando fugir às garras da pobreza também é uma terra onde se passa fome, onde se vive lutando contra a fome, onde milhões de indivíduos continuam morrendo de fome. A pouca gente que habita continentes distantes poderia ocorrer pensar que a América com suas enormes reservas naturais, em sua mais parte inexploradas, com tanta terra à disposição de tão pouca gente e com uma larga faixa de seu território ocupada pelo povo mais industrioso e ativo do mundo — os americanos do norte — não haveria pelo menos o mínimo indispensável de alimentos para satisfazer as necessidades de cada um dos seus duzentos e cinquenta milhões de habitantes que aí vivem. No entanto, a verdade é que estamos muito longe deste ideal.

JOSUÉ DE CASTRO



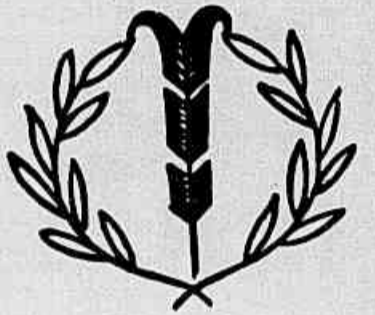


# de ideias

## A ARTE É UM DOS ELEMENTOS ESSENCIAIS DO ORGANISMO SOCIAL

Tôda especulação tende ao conhecimento do mundo e do homem, visando modificar a um e ao outro. A modificação do mundo se dá pela indústria, em proveito da sociedade, enquanto a modificação do homem se dá pela arte, também em proveito da sociedade; mas indústria e arte estão sempre baseadas na ciência, uma exigindo o conhecimento das leis naturais, e a outra, imagens baseadas na realidade; e como ciência observa para induzir, e induz para deduzir, visando as construções, notamos todo o trabalho complexo dos verdadeiros artistas, trabalho que realizam consciente ou inconscientemente. A arte é um dos elementos essenciais do organismo social. Surge com a linguagem e se filia ao culto. O mundo fornece elementos à imaginação. Esta escolhe, liga, agrega. Da observação da natureza há o desejo de reproduzi-la por imitação, que se subordina espontaneamente à idealização. Ora, toda a idealização da realidade, segundo a definição de Augusto Comte, constitui arte, e assim o belo, fundamentado no verdadeiro, alcança o bom, supremo destino de nossa atividade convergente. Para a arte alcançar os seus destinos finais, a melhoria do sentimento no homem, ela trata de ofuscar os defeitos e aumentar as qualidades daquilo que reproduz, estuda ou realiza. Por aí se vê como a "beleza" é tão relativa aos meios, às épocas e aos costumes sociais, visto que beleza e verdade são termos representativos de entidades ou ficções ou tipos abstratos. Durante o período de fetichismo espontâneo, cada um foi

sacerdote e o culto público não existia. O sacerdotio se inicia no período de fetichismo astrológico. Quando houve um maior grau de abstração, e as propriedades puderam ser contempladas, independentemente dos seres, os deuses nasceram. A teocracia foi o governo caracterizado pela confusão do espiritual e do temporal, e em que os chefes governavam pela suposta inspiração dos deuses. Nas teocracias, o sacerdote e o artista, dentro de sua feição primitiva, não se separavam. Mas aos poucos a sua separação se deu, e os artistas protegidos a princípio pelos sacerdotes, acabaram destruindo a teocracia, especialmente no Ocidente. Surgem os governos militares e as conquistas. A arte cantou então, não só os deuses, mas os heróis. Os artistas novos desdenharam a fantasia incoerente de estranho saber Oriental (vedas) para darem precisão e realidade maiores. É esse o trabalho da Grécia, iniciado na Jônia: Poemas Homéricos, Hinos Pindáricos, Odes Anacreonticas. Ao liberta-se do tronco religioso, a poesia surgiu primeiro em forma hínica, para exaltar os atos belicosos de animo heróico. Depois, à forma hínica sucedeu a canção para sublimar as emoções do amor. Enfim a forma cênica ou teatral, que foi a última a surgir, não só pela feição analítica de que se reveste como por ser mais ligada ao culto. A poesia primitiva surge confundida com a música, e quando há a separação da arte especial do som, a canção gera a poesia lírica, os hinos dão origem às epopéias e da cena cultural surge a poesia dramática.



DAVID CARNEIRO

## A HISTÓRIA REGISTA A EVOLUÇÃO, A GRANDEZA E DECADÊNCIA DAS TEORIAS

A história é arte, ciência, filosofia. Colocando-se a margem do tempo, acompanha o evoluir das coisas com a possível objetividade, considera a própria ciência nas suas relações históricas, e, nesse terreno da epistemologia, registra a evolução constante, a grandeza e decadência das teorias. Vivamente influenciado pelo progresso das ciências, de modo a refazer todas as suas concepções metodológicas fundamentais, e a modificar o seu processo de pesquisa, por sua vez o espírito histórico acabou exercendo uma relativa influência sobre o espírito científico. Veja-se, por exemplo, o império que hoje exerce a história sobre a ciência em qualquer tentativa de suma importância dos conhecimentos científicos; é a sua transformação permanente que nos revelam os compendios de divulgação, em que se pretende dar uma síntese para uso do povo. É a consequência de tirar da marcha de tantas "verdades" transitórias através do tempo é constatação do valor efêmero das teorias, resultando fatalmente na dúvida filosófica. Se todas as teorias anteriores, postulando uma verdade relativa, que era evidente naquela fase histórica, tornaram-se antiquadas decorrido um século, podemos considerar as teorias de agora, como destinadas à mesma sorte num futuro próximo ou remoto, e por conseguinte, nada impede que, desde o momento X, compreendido neste minuto, já comecem a caducar. Em tudo a indagação incansável da história, inclusive nos seus domínios. Voltando-se para si mesma, a histó-

ria da história entra a fazer a análise retrospectiva das suas próprias conquistas, a examinar o valor dos métodos que empregou, apesar das circunstâncias locais e dos interesses predominantes que norteavam as diversas interpretações, em diferentes períodos. Numa superação constante, revelando-se a si própria mitológica, teológica, filosófica, materialista ou econômica, de acordo com a variedade ou predominância momentânea daqueles interesses, que a interpretação reflete integralmente ou deforma, ela tende a ultrapassar qualquer restrição teórica, aproximando-se cada vez mais da complexidade real dos fatos históricos e, do mesmo passo, mostra ao homem um complexo psicológico menos restrito do que se pretende esboçar em cada tendência interpretativa. — O espírito histórico se caracteriza pelo senso das realidades concretas, da singularidade e das divergências. É a sucessão no tempo e o irreversível que nos revela a obra do historiador, mesmo quando possuído pela preocupação da continuidade e da síntese. Se é verdade que só existe realmente história quando os fatos são considerados parte integrante de um desenvolvimento social e nunca como fatos isolados, que a história começa com a restauração dinâmica do passado, sugerindo uma cadeia contínua, por outro lado o historiador nos apresenta a imagem cambiante dos acontecimentos, a visão transitória e sempre diversa dos grupos humanos, dentro da sua continência histórica.

AUGUSTO MEYER

# O ENCANTO DAS COISAS FRÍVOLAS

É de hábito sizado — não se dar importância às coisas frívolas. As ligeirezas, o andamento leve e superficial sôbre os temas graves — sempre foram tomados como futilidades que somente poderiam ocupar a atenção dos que nada consideravam na pauta da boa e alta consciência social.

Até mesmo a Moda, das mais ricas invenções humanas, — sempre foi tida como frivolidade das pessoas de elegância, mas sem austeridade e senso vigoroso de ponderação.

Se vislumbrarmos com acerto a História, logo veremos, que a Idade Média, por exemplo, foi uma época grave, solene, e de virtudes austéras e impertigadas. Mas era em evidência, o tempo do predomínio do sentimento religioso. Tudo se fazia para salvar a alma. E os atos para essa segurança de além túmulo, não poderiam ser frívolos. Nem a Prece, nem a Comunhão, nem a Confissão, nem as práticas litúrgicas — ficariam encerradas nesse ciclo de atividade humana.

O último estalão em que se poderia incluir a frivolidade — seria a toada dos trovadores do Sul, e as narrativas épicas dos trovadores do Norte. Mas já nestes cânticos sobrenadavam as visões da tragédia. Outra

Frans Mieris: "Bolhas de Sabão"

POR FLÉXA RIBEIRO  
PROF. CATEDRÁTICO NA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES.

propositura daquele tempo era o teatro. Mas o espetáculo medieval se confinava nos *Mistérios e nos Milagres*. E nessas representações, em que às vezes aparecia Satanaz — havia constantemente o poder de aniquilá-lo. A consciência ficava livre e satisfeita. E' também verdade que somente dois grandes símbolos angustiavam a alma medieval: o Diabo e a Morte.

Como se imagina — não são propostos para uma *costura* de frivolidade...

De tal sorte, só no século XVIII é que, em verdade, começa a se manifestar o anedotário dos aspectos cênicos da frivolidade no grupo social. Nem só de tristeza vive o homem. Quase que se poderia dizer que a Fri-



Boucher: "Bolhas de Sabão"

vidade se gerara no próprio ninho do estilo barroco.

Mas, em verdade, é na época de Luiz XIV, e fundamentalmente do famoso libertino e efêmero Regente, que se inicia, e depois toma alôr, a vida significativa de alta importância social da *Frivolidade*.

E' claro que com Luiz XV — tudo se enquadra numa grandeza até então desconhecida. Aparece o domínio social da mulher.

E foi, de fato, o tempo de Mme de Chateauroux e suas irrn.ãs, de Mmes. de Pompadour e Dubarry — a hora mais destacada, variadíssima, da ascendência brejeira, dos atavios alacres, dos episódios pitorescos, de um imoralismo cordial, de uma espécie de aceitação virtual das derrogações às regras tirânicas da moral dos costumes.

Não foram só os costumes que se alteraram. Foram os hábitos que se modificaram. Dir-se-ia que a sociedade mudou de fôrma...

Para a expressão mundana dessa frivolidade,

e até licenciosidade, possuímos o documentário precioso das *memórias* do século XVIII e das obras de pinutra do tempo. Da "escola mundana", artistas como Watteau, Fragonard, Boucher, Lancret e outros, deixaram, nas composições, e mesmo na fatura, o testemunho daquele alegre e ridente sentimento. Em quase todos os quadros e decorações, paira, aligero, brejeiro, festivo, o buliçoso e brincalhão — Eros alado.

Mas, além dessa pauta mundana, ontra havia, também de futilidade. Mas de outro gênero. Era a futilidade grave, de caráter inocente na sua infantilidade. Desse ponto de seguimento histórico, não poderemos esquecer algumas obras de próprio Chardin, chefe de "escola burguesa", e que se dizia austero moralista, incorruptível, no meio da corrupção.

E' evidente que o mestre francês, tomava os

têmas pueris, neles mesmos, sem intenções ou malevolências, e nem ligeireza na execução.

Não nos esqueçamos do *Menino do Pião*, nem do *Pequeno das Bolhas de Sabão* que se exhibe no Metropolitan Museum de Nova York.

De afo, raramente se encontrará um grande e poderoso artista, como Jean-Baptiste Siméon Chardin (1699-1779) a compôr uma obra, a sério, em que um menino se serve de um canudo para formar bolhas de sabão...

O mais impressionante, porém, se verifica em não ser a idéia do têma dessa composição original de Chardin. E sim de outro mestre, também austero e respeitoso dos hábitos e costumes graves, — Franz Mieris, o velho (1635-1681). Este pintor holandês nasceu em Leyd, teve um filho — Guilher-

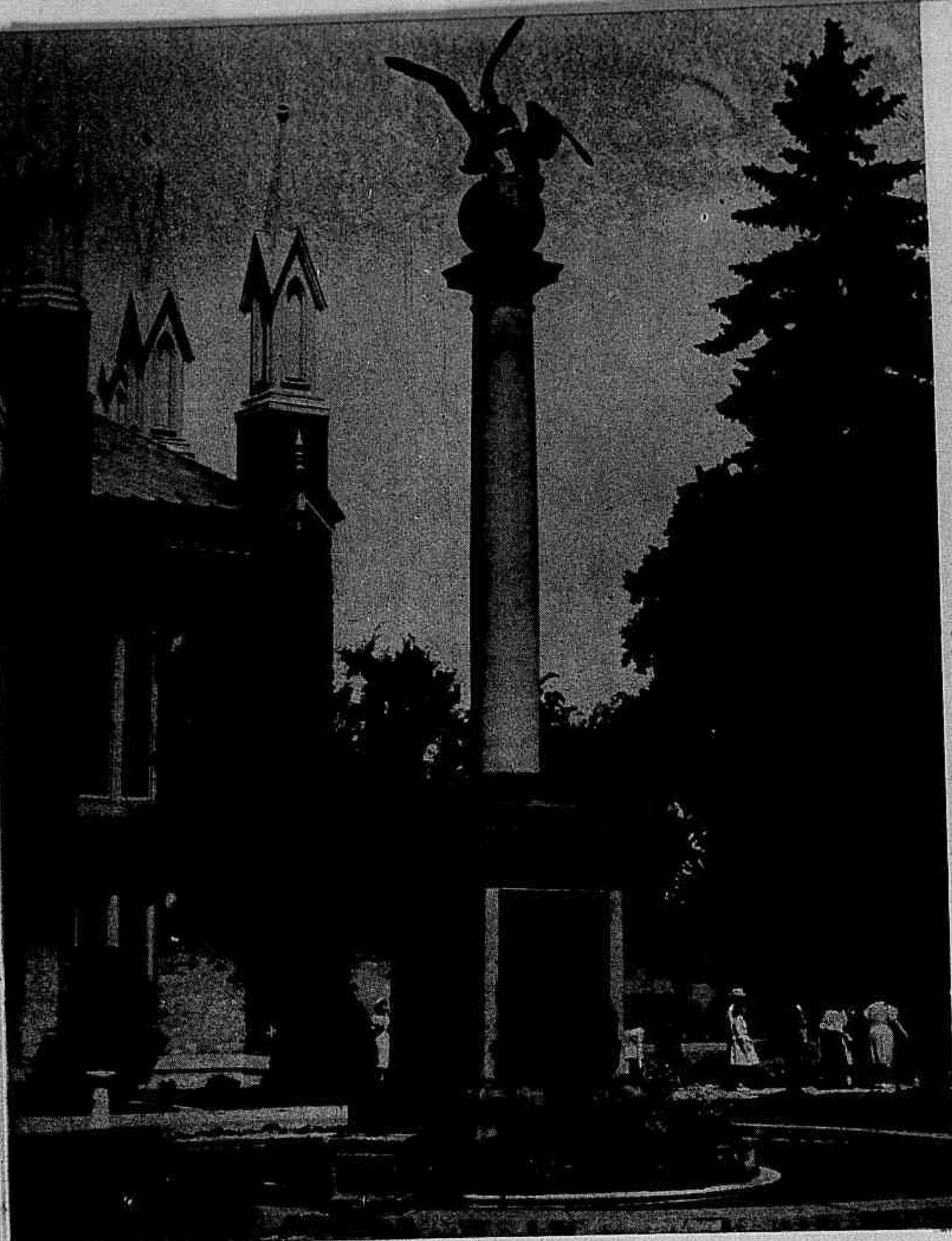
me Mieris, e um neto Franz Mieris, todos também pintores de respeitável reputação. Se Chardin conheceu o quadro de Franz Mieris, o velho, não se sabe. O catálogo de Salão de Paris, de 1737, assim descreve a obra de Chardin: "um quadro de pequenas dimensões mostrando um rapazinho empenhado no frívolo passa-tempo de soltar bolhas de sabão".

Apenas Mariette, na biografia de Chardin diz que a primeira figura que o artista pintou — representa a cabeça de um menino que sopra bolhas de sabão.

Seja como fôr, tanto Mieris, como o pintor francês demonstraram como é possível tirar das coisas frívolas, sugestivos e peregrinos encanto.

E era de fato esse o dom primacial de Chardin — encontrar poesia até nas coisas triviais.

Chardin: "Um Menino Soprando Bolhas de sabão"



Em pleno coração de Salt-Lake-City, no terreno do Templo, ergue-se o monumento à gaviota, único no mundo erigido a uma ave.

O relato de Joseph Smith está repleto, como sucede em todas as religiões, de visões, milagres, profecias, contendo passagens mais ou menos parecidas do Velho e Novo Testamento e mesmo de outras religiões. Seja como for, milhares de pessoas acataram Joseph Smith como um profeta de Deus e uma nova igreja foi estabelecida: "Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias". Está claro que tal acontecimento suscitou uma cruel perseguição, movida contra o profeta e seus inúmeros adeptos. E o resultado foi: Joseph Smith e seu irmão Hyrum, também dessa seita, foram vilmente assassinados por desordeiros, em junho de 1844.

Substituiu o profeta o energético Brigham Young, homem extraordinário que, pelos seus feitos, recebeu vários apelidos, tornando-se mais conhecido como "O maior colonizador da América" e o "Moderno Moisés". Como este, tomou a si a árdua tarefa de conduzir os mormons à Terra Prometida, isto é, à região para eles escolhida por Joseph Smith.

## OS PIONEIROS

E foi assim que em fevereiro de 1847, começou o êxodo dos santos dos últimos dias, rumo à terra que para eles representaria o mesmo que Canaan para os judeus no tempo de Moisés.

Foi uma grande jornada, uma notável epopéia que influiu poderosamente na economia e na história dos Estados Unidos, sem dúvida alguma um dos mais belos capítulos da história americana, escrito por um punhado de gente de valor e coragem.

Percorreram cinco mil quilômetros andando a pé e puxando as suas próprias carroças, nas quais levavam objetos domésticos e sobretudo ferramentas, máquinas agrícolas e sementes, para o cultivo da terra desconhecida. Durante alguns meses tiveram que enfrentar ataques de índios bravios, chuvas torrenciais, tempestades, fome e frio. Arrastavam-se nos pantânos pestíferos, atravessaram planícies, desertos, rochas, rios sem pontes, cataratas, lutando contra um destino cruel e contra os elementos. Uns sucumbiram e outros prosseguiram. Das duas companhias formadas de 1.026 pessoas, 220 pereceram no caminho, vitimados por doenças contraídas, pela fome e pelo frio. Contudo, animados pela fé, venceram! Após vários meses de marcha ininterrupta, chegaram finalmente ao destino, no fim do verão de 1847.

Exaustos, esfarrapados e famintos, estabeleceram-se na terra que Joseph Smith havia escolhido para eles. Diante dos seus olhos, porém, desenrolava-se uma cena de tristeza e desolação. O vale que tinham a seus pés parecia um deserto, que nada prometia, pois dava a impressão de que ali nada cresceria, tendo no centro um imen-

# A AVE SAGRADA DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Por  
NELSON VAINER

OS "MORMONS" E SUA ODISSEIA A CAMINHO DA TERRA PROMETIDA —  
COMO OS "GRILOS MORMON" LEVARAM A SAGRAÇÃO A AVE QUE  
É A MARCA REGISTRADA DE TODOS OS PORTOS DO GLOBO.

Há, na América do Norte, uma espécie de grilo, jocosamente chamado de "Grilo Mormom" (Mormom Cricket) que é tão prejudicial à plantação como o gafanhoto da África e da Argentina ou a saúva, do Brasil.

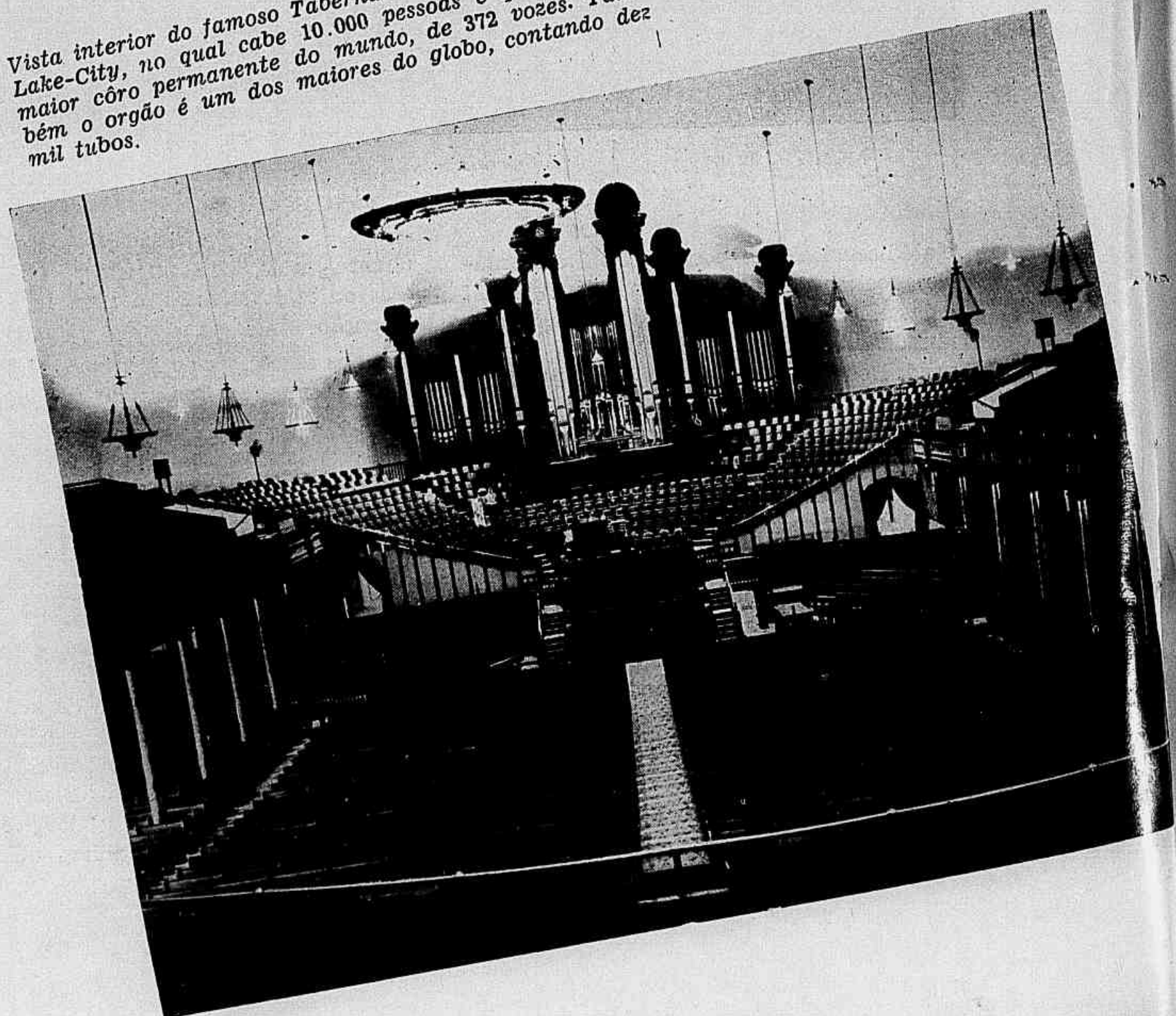
Surge as nuvens de bilhões escurecendo o sol, lançando-se com fúria inaudita sobre os bosques e campos, deixando atrás de si árvores peladas e campos ceifados, desolados. Foi essa praga que há cento e poucos anos levou a graciosa gaviota à sagração na então deserta região de Utah, nos Estados Unidos da América do Norte. É uma história pitoresca e maravilhosa, que merece ser contada.

### "OS MORMONS"

Provavelmente já ouviram falar ou leram algo sobre os "mormons", estranha seita religiosa cristã, fundada nas primeiras décadas do século XIX, pelo profeta Joseph Smith.

Segundo seu próprio relato, Joseph Smith teria recebido, no cume do Monte Cumarah, Estado de Nova York, das mãos do anjo Moroni, um livro de placas de ouro — o Livro de Mormon — ali depositado 600 anos antes da era cristã. Nas placas de ouro viam-se gravados caracteres hieroglíficos, que Joseph Smith, com o poder de Deus, traduziu para o inglês. Findo o seu trabalho de tradução, voltou a encontrar-se com o anjo, ao qual devolveu as placas, que foram novamente enterradas, num local até hoje desconhecido.

Vista interior do famoso Tabernaculo Mormom, de Salt-Lake-City, no qual cabe 10.000 pessoas e que possui o maior côro permanente do mundo, de 372 vozes. Também o órgão é um dos maiores do globo, contando dez mil tubos.



so lago de água salgada, rival do Mar Morto da velha terra dos antigos judeus. Acamado e com febre, Brigham Young, ao lançar um olhar sobre o triste cenário, disse apenas: "Se há um lugar tão pobre que ninguém o quer, então esse lugar é para nós". E ordenou aos seus homens que se estabelecessem em redor do Lago Salgado, nome que a Capital do Estado de Utah até hoje conserva. — Salt-Lake-City.

#### UMA ROSA QUE FLORESSCE

O primeiro inverno dos mormons, na terra prometida, foi terrível e cheio de sofrimentos. Mas eles suportaram estoicamente todas as privações, prepararam a terra para o cultivo.

Com a chegada da primavera, realizava-se a profecia de Joseph Smith, segundo a qual o deserto florescia como uma rosa. De fato, no verão, lá estava a recompensa daqueles que tanto sofreram até aqueles dias: cinco mil e cento e trinta e três alqueires cobertos de trigo, centeio, cevada, batatas e legumes. Uma colheita fenomenal, justo prêmio para aquele punhado de gente que tão bravamente soubera vencer todos os flagélos duma adversidade cruel.

#### A PRAGA DO GRILO

Contudo, o rosário de sofrimentos dos pioneiros parecia não ter fim. Um dia de Maio, um perigo imenso ameaçou fazer desaparecer toda aquela riqueza sem deixar um vestígio sequer. Uma tremenda nuvem de grilos, cobrindo o sol, surgiu repentinamente. Cairam esfaimados, aos bilhões, sobre toda a região, e pouco restava para que deixassem aquela terra cultivada no seu estado primitivo.

Um horror indescritível se apossou dos pobres pioneiros que, impotentes diante de tão monstruoso inimigo, experimentavam a angustiante angústia de um momento em que tudo parece irremediavelmente perdido. Assim mesmo, lançaram mão do único recurso disponível.



O Templo de Mormom, em Salt-Lake-City, que representa para os mormons tanto quanto o Vaticano para os católicos. É a sede espiritual para 1.250.000 de adeptos de Joseph Smith, esparsos no mundo inteiro.

— o fogo e a água. Tudo, porém, foi em vão. Vencidos, os pobres mormons apelaram para um milagre, a única esperança que lhes restava. E o milagre não se fez tardar, operando-se exatamente no momento em que tanto necessitavam dele.

#### O MILAGRE DA GAIVOTA

Eis como se deu o milagre: outra nuvem surgiu, tão densa, como a primeira porém, desta vez uma nuvem de gaivotas, descendo bruscamente sobre os campos e, qual a imagem do próprio castigo, as lindas aves marítimas se precipitaram sobre os grilos, começando a luta de extermínio do pernicioso inseto. Segundo o relato duma testemunha ocular, as gaivotas tinham um padrão definitivo

(Continúa no fim do número)

Detalhe do monumento à gaivota: representa o desespero dos mormons com a chegada da praga do grilo e o repentino aparecimento do exército salvador das gaivotas.



# NASCI PARA ÊSTE SÉCULO

Descendo às minas de carvão, roçando as cordas dos guindastes,  
indo às caldeiras dos "steamers",  
recolhendo nas mãos as bolhas negras do petróleo  
e nas faces a luz das centelhas aflitas  
dos fornos siderúrgicos,  
nasci para este Século.

Minha imaginação, — de antena a antena, — entre relâmpagos, zunindo  
nas rédes dos "broadcastings",  
se espalha em fluxos e refluxos  
de vibrações candentes.

Lateja no meu sangue, em batimentos surdos de delírio,  
o estanho derretido que circula  
pelas artérias fumegantes  
das linotipos.

A minha carne e o ferro são irmãos.

Os meus pulmões e as minhas veias rebeladas  
pulsam no ritmo das polias e dos dinamos,  
aos silvos das bobinas, que se estiram,  
— com suas teias de aço,

a rodopiar,  
asfixiando a Terra, —

como tentáculos de polvos, a girar.

As lançadeiras de milhões de teares, — incessantes, —  
trabalham nos meus nervos.

E os canos dos gasômetros,  
— encharcados de fumo e escuridão, pixe, silêncio e cinzas, —  
cravam suas raízes tumultuárias  
em meu sub-conciente.

A minha carne e o ferro são irmãos.  
Não morrerei enquanto as máquinas viverem.

Sou aquele que sente em si a angústia  
de todos os motores...

Rotativas, canhões rodam em meu destino.

E rodarão, e rodarão, até que, um dia, o Mundo estale  
as suas engrenagens todas  
e pare, num soluço, estranguladamente,

seus cilindros, que descem... para o abismo...

A minha carne e o ferro são irmãos.

P A D U A D E A L M E I D A

Oleg Tupine e Natalia Clare, nossos amigos de 3 temporadas do Coronel de Basil — são hoje valores do famoso Ballet Russo de Monte Carlo.



## POR 1 SEGUNDO DE PERFEIÇÃO

POR JAQUES CORSEUIL

Para a fração de segundo, para o instante de beleza e harmonia que significam estas fotos de Oleg Tupine e Natalia Clare — do Ballet Russo de Monte Carlo — quantos anos de estudo e trabalho, de coragem e dedicação! A maior exigência do ballet clássico é essa eternidade de luta para alguns minutos de perfeição e brilho — às luzes do palco ou do estúdio fotográfico. Uma das atitudes ou piruetas de Oleg Tupine, um dos “arabesques” ou “fouettés” de Natalia Clare, custaram milhares de outros passos e exercícios durante anos e anos de aulas, ensaios e espetáculos, num trabalho constante e silencioso, muitas vezes sem a recompensa imediata, natural a tanto idealismo e energia. A maior injustiça feita a esses artistas do ballet, seria deixar de reconhecer ou desmerecer esse trabalho, esse valôr, essa coragem — com uma crítica leviana, uma comparação injusta ou aplausos ao sucesso fácil de outros.

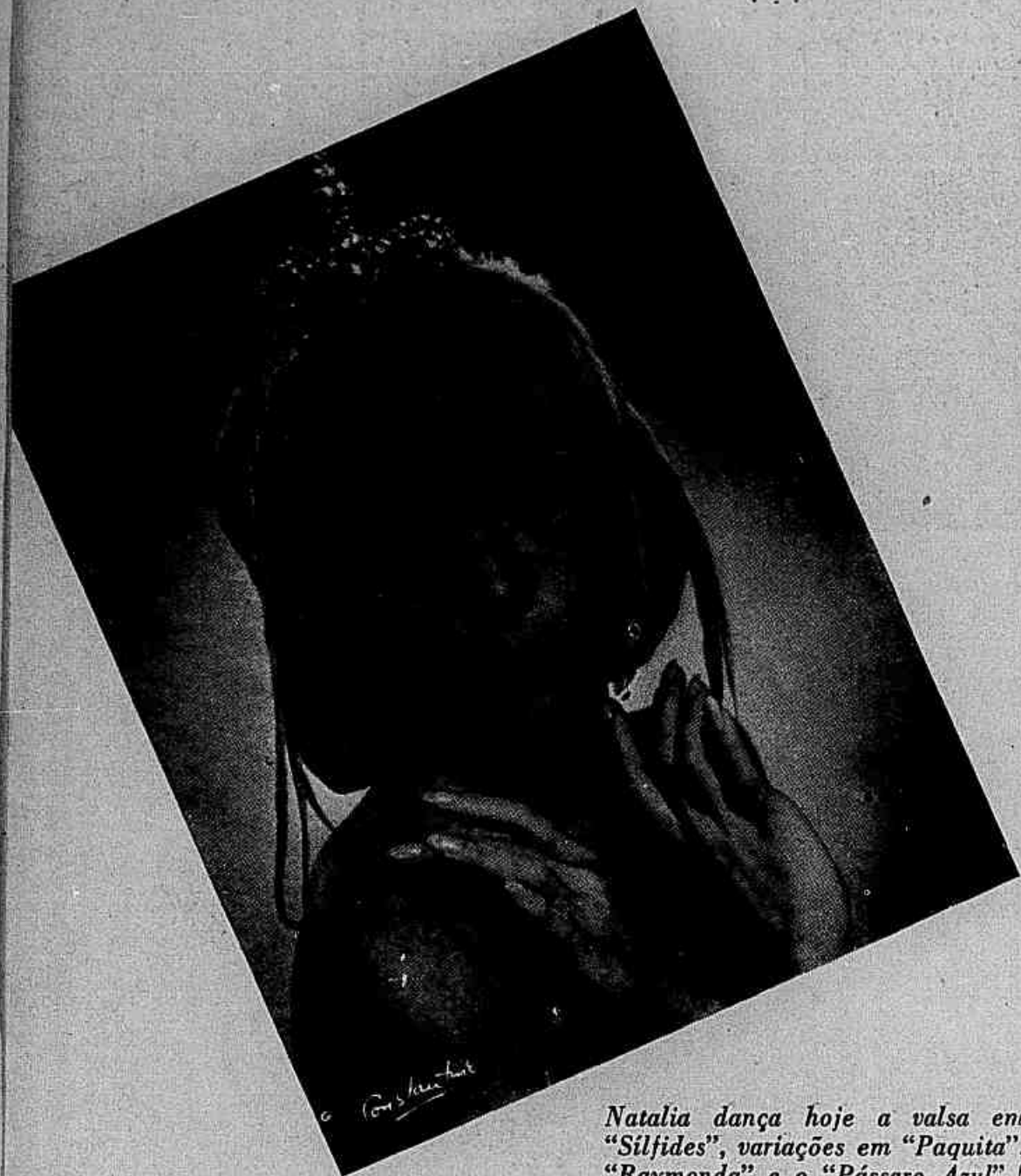
O casal de dançarinos formado por Natalia e Oleg Tupine prende nossa atenção, porque são exemplos do que pede a arte do ballet — e também porque fomos testemunhas, durante 3 temporadas, de seu desenvolvimento segundo a tradição clássica.

Os verdadeiros artistas do ballet são preciosos e raros, eles se destacam por um amor à sua arte que é quase uma religião. São preparados desde a infância para manter vivo o ballet na sua forma pura, começando na classe com as 5 posições, vencendo os primeiros problemas de movimento e equilíbrio, na barra ou no centro, para o perfeito domínio do corpo — o seu instrumento. Oleg estudou em Paris. A revolução não lhe deu tempo de nascer na Rússia

e ele veio ao mundo num navio, no Mar Negro, perto de Istambul. Criado na capital francesa, desejava ser engenheiro e por este motivo não compareceu muito contente, as aulas de sua madrinha, a Princesa Troubetzkoi, ou seja Lubov Egorova. Um aluno rebelde e preguiçoso que a professora tinha que obrigar a estudar, nos primeiros tempos.

Apesar de nascida em Hollywood, criada junto aos estúdios, respirando o ar impregnado de celuloide, o cinema nunca teve sobre Natalia Conlon a fascinação que exerce, naturalmente, sobre as jovens de sua cidade. E apesar da facilidade de acesso que teria aos estúdios, com seu pai um az da publicidade, Natalia preferiu o ballet desde menina e continuou sempre numa fidelidade absoluta à arte que escolheu. Começou suas classes com Verchinina, mas foi Nijinska quem a formou tecnicamente.

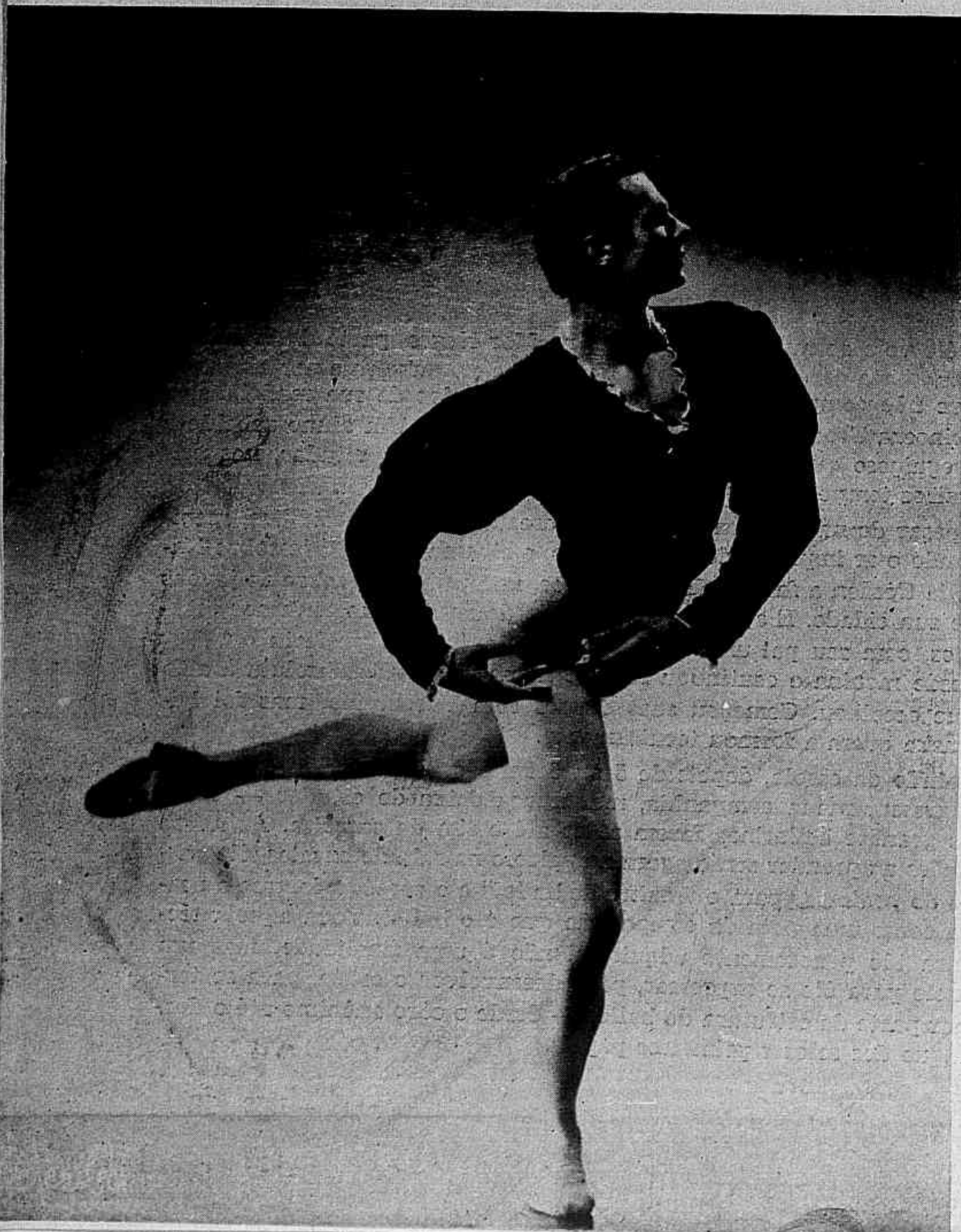
Saindo da escola, depois de 5 ou 6 anos, o aluno está pronto para ingressar numa companhia, mas nunca deixa de estudar — todos os grandes bailarinos fazem aulas até o fim da carreira. As novas passagens a aprender serão agora no palco e na sala de ensaios, êle passará do professor para o “maitre de ballet” e o coreógrafo, que o usará como uma nota da composição que é o ballet. Toda aquela técnica tão penosamente adquirida, não é uma finalidade, mas um meio para êle se expressar, para desenvolver o estilo, para se tornar parte da estrutura do ballet — desde o côro anônimo até o destaque dos solos e primeiros papeis.



Natalia dança hoje a valsa em "Sífides", variações em "Paquita", "Raymonda" e o "Pássaro Azul"!

Oleg pisou no palco em 1936, com o Ballet de la Jeunesse em Paris. Dois anos depois, dono de uma técnica correta (nada de extraordinário, tudo médio mas muito bem feito, como conta) ingressou no Original Ballet Russe pela mão de David Lichine, que lhe deu com o tempo o primeiro solo em "Deuses Mendigos" e que aliás o nosso herói logo perdeu, esquecendo a coreografia em cena, pelo seu nervosismo de principiante! Natalia estreiou com os recitais de Nijinska em 1940, no palco ao ar livre do Hollywood Bowl. Dois anos mais tarde, ingressou no mesmo Ballet Russe, não solista como tinha sonhado ser, mas no "corpo de ballet". Dançar no côro duran-

"Cisne Negro" e todos os "pas de deux" firmam definitivamente Oleg como o nobre, puro e elegante "dançarino clássico".



te anos significa trabalho árduo e ignorado, desilusões e lágrimas. Mas é também uma experiência preciosa como base sólida e o primeiro degráu para uma carreira firme no ballet. Natalia jamais se arrependerá, pois foi nesta companhia que se fez dançarina e que conheceu seu marido, Oleg.

Desde então, as duas carreiras correm paralelas e juntos passam a viver para a dança, esquecendo tudo o mais. Lembro-me dêles na primeira temporada no Rio — Natalia sempre esperançosa, confiante que seria uma grande figura do bailado. Oleg menos entusiasta, sempre nervoso antes de entrar em cena, a quem o velho Grigorieff dizia: "tudo vem a seu tempo"... quando o rapaz queria logo dançar os primeiros papeis. Em 1944, Natalia reapareceu com os cabelos negros e o nome exótico de Natasha Conlon. Se ainda dançava no côro, já se destacava muito bem como a chinezinha em "Aurora", um cisnesinho em "Lago", uma sacerdotiza em "Piroteu". Oleg dançando bons papeis em "Choreartium", "Luta Eterna", "Sinfonia Fantástica", "Sífides" demonstrou forte poder sobre o público e domínio perfeito do corpo: saltos leves, quedas sem ruído, elegância de porte, elasticidade de movimentos.

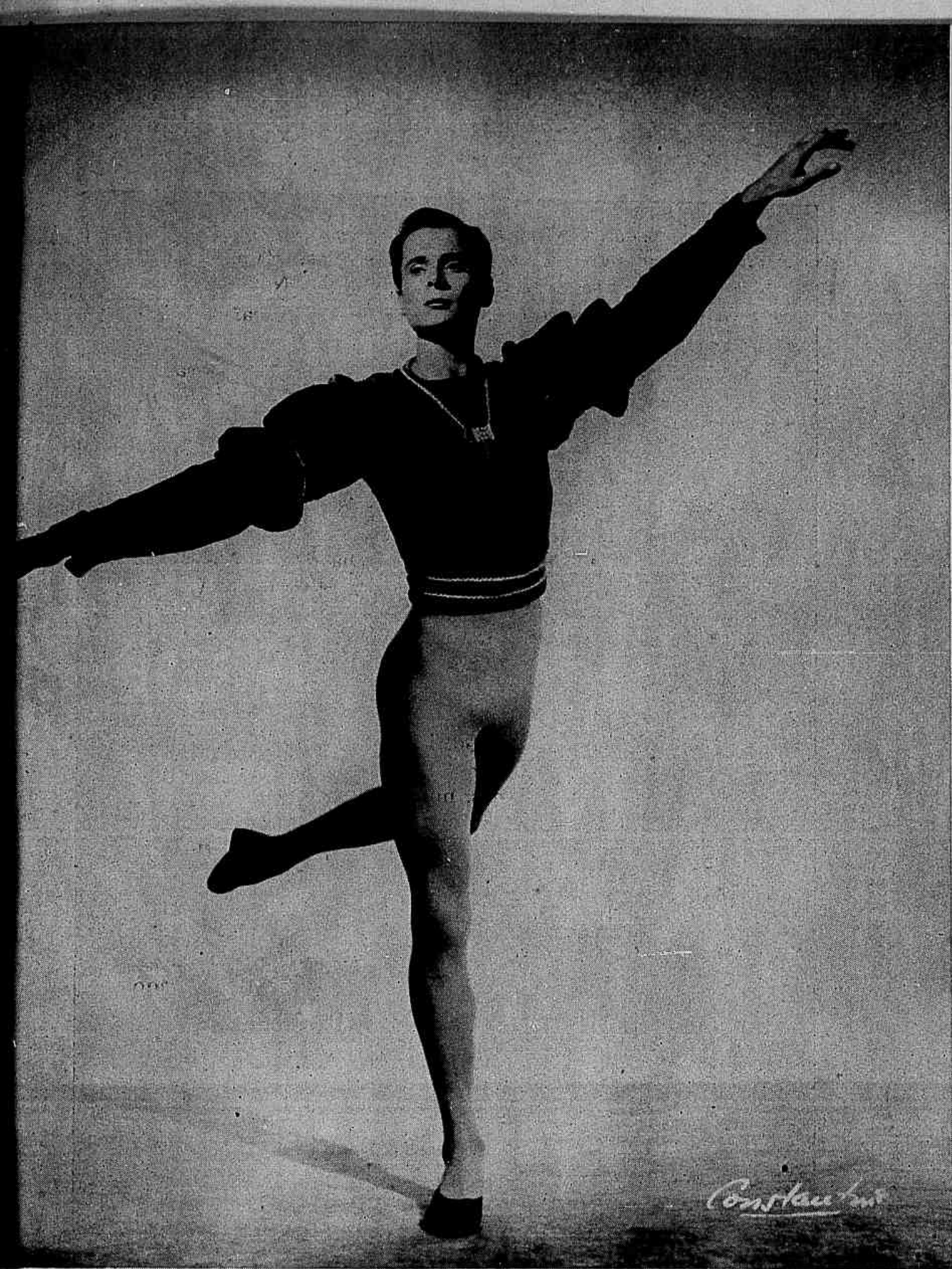
Os dois anos seguintes, feitos de "tournées" exaustivas, teriam aniquilado outros artistas, mas não Oleg e Natalia no seu grande amor pelo ballet. Apesar das dificuldades, nunca faltaram a uma aula de Mme. Tchernicheva ou a um ensaio. Em 1946, que progresso notável! Natalia surpreendeu pela dança firme, harmoniosa e fluente, em papeis de mais responsabilidade como a irmã de Florestan e o Engano em "Paganini". Oleg, sensacional, especialmente em "Cain e Abel" e "Cisne Negro"!

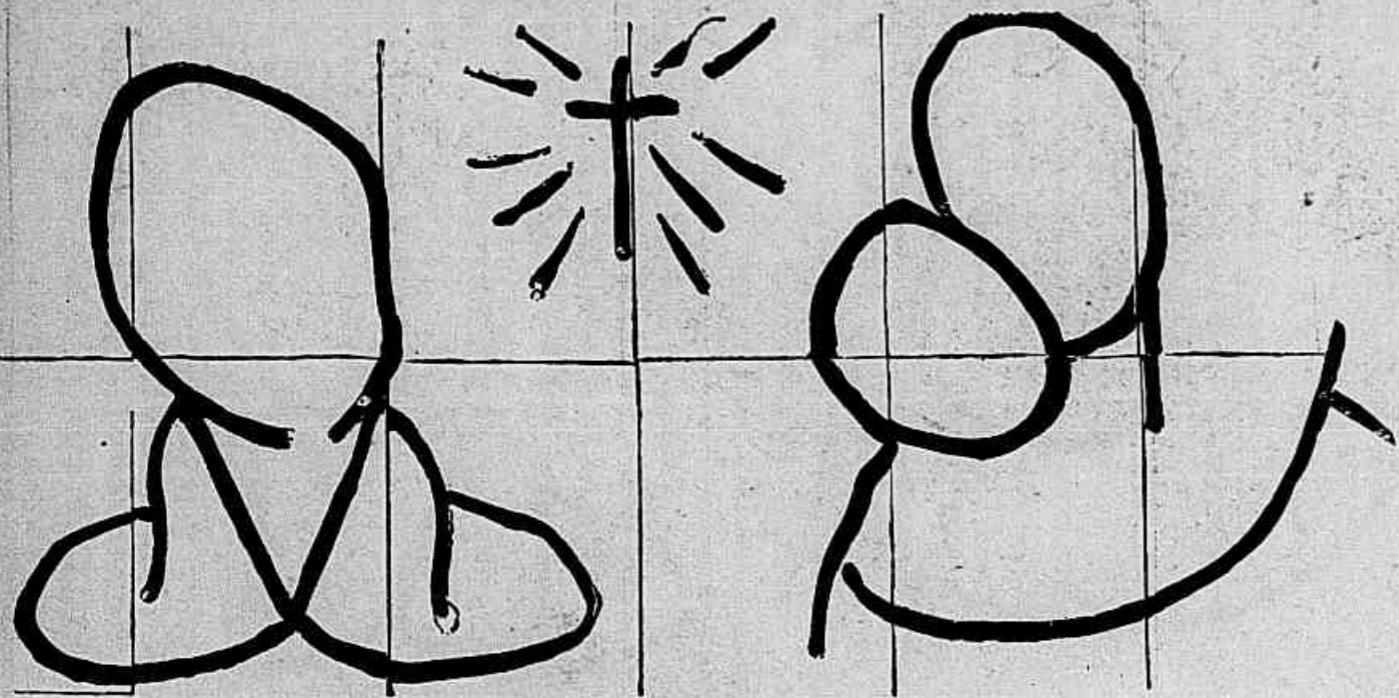
A "tourné" do Coronel de Basil pela América do Sul e Central, com a lealdade de seus artistas para com o Ballet Russe, mal grado os sacrifícios e privações, já é histórica. Mas a volta aos Estados Unidos, que deveria coroar de sucesso toda essa luta e esse aperfeiçoamento artístico — não lhes fez a devida justiça. Na segunda temporada, a companhia foi obrigada a se dissolver, temporariamente, sem que o público americano tivesse a oportunidade de reconhecer o valôr dos novos artistas, desenvolvidos nesses 4 anos de ausência. Oleg e Natalia ficaram em Hollywood. Em 1947, ingressaram no pequeno grupo de Markova-Dolin, com ótimas "chances" no repertório, mas a companhia não durou muito. De volta à Califórnia, entre aulas diárias com Nijinska, eles apareceram na Televisão, felizes por dançarem juntos. Em 1948, quase entram na companhia de Alicia Alonso, que os teria de novo trazido ao público sul-americano. Em Março de 1949, foram afinal contratados pelo Ballet Russe de Monte Carlo.

É sempre difícil começar numa companhia nova, os bons papeis pertencem a artistas mais antigos, é preciso trabalhar muito e subir os degráus um a um. Mesmo assim, Oleg estreiou logo em "Sífides" ao lado de Markova e Natalia revezando Papillon em "Carnaval". Novo período de trabalho intenso — aulas, ensaios, espetáculos, toda a parte rotineira do ballet incluindo as enormes "tournés", dançando às vezes uma noite em cada cidade, durante 8 meses. Hoje, finalmente, os Tupine são dois astros do popular Ballet de Monte Carlo, tendo cada vez mais o destaque e os aplausos que merecem.

O valor artístico no mundo do bailado, o lugar de um dançarino numa companhia, não é marcado pelas festas ou "cocktails" que vai, como está em moda para os Ballets que nos visitam. Mas sim pelos papeis que dança num repertório de valor e tradição. Saber que Oleg Tupine tem dançado "Paquita" com Danilova, "Cisne Negro" com Slavenska, "Lago dos Cisnes" e "Romeu e Julieta" com Chaïviré, o barão em "Gaité Parisienne" — é saber que é um primeiro "danseur noble" em todo o sentido da palavra. Como solista, Natalia revela sua personalidade na estudante travessa de "Baile dos Graduados", sua graça na florista de "Gaité Parisienne", sua técnica em "Pássaro Azul". Afastada alguns meses para o nascimento de seu pequeno Alexis, já voltou ao palco, recuperando a técnica e os papeis. Este ano, Oleg obteve notável sucesso, especialmente dançando os "pas de deux" famosos, onde está realmente admirável, sendo destacado pelas críticas como um dos melhores dançarinos puramente clássicos do ballet em Norte América. Portanto, para este segundo de perfeição fixado nas fotografias — para tanto trabalho, tanta coragem e tanto talento, os louvores serão poucos. É preciso que nos tragam quanto antes o Ballet Russe de Monte Carlo para que possamos aplaudir Oleg e Natalia, numa demonstração mais viva de sua arte, neste grande momento dessas duas carreiras que se combinam numa só — pela mesma luta, o mesmo amor, a mesma vida.







Cerâmica frontal da Estrada dos Freis, Capela Vence.

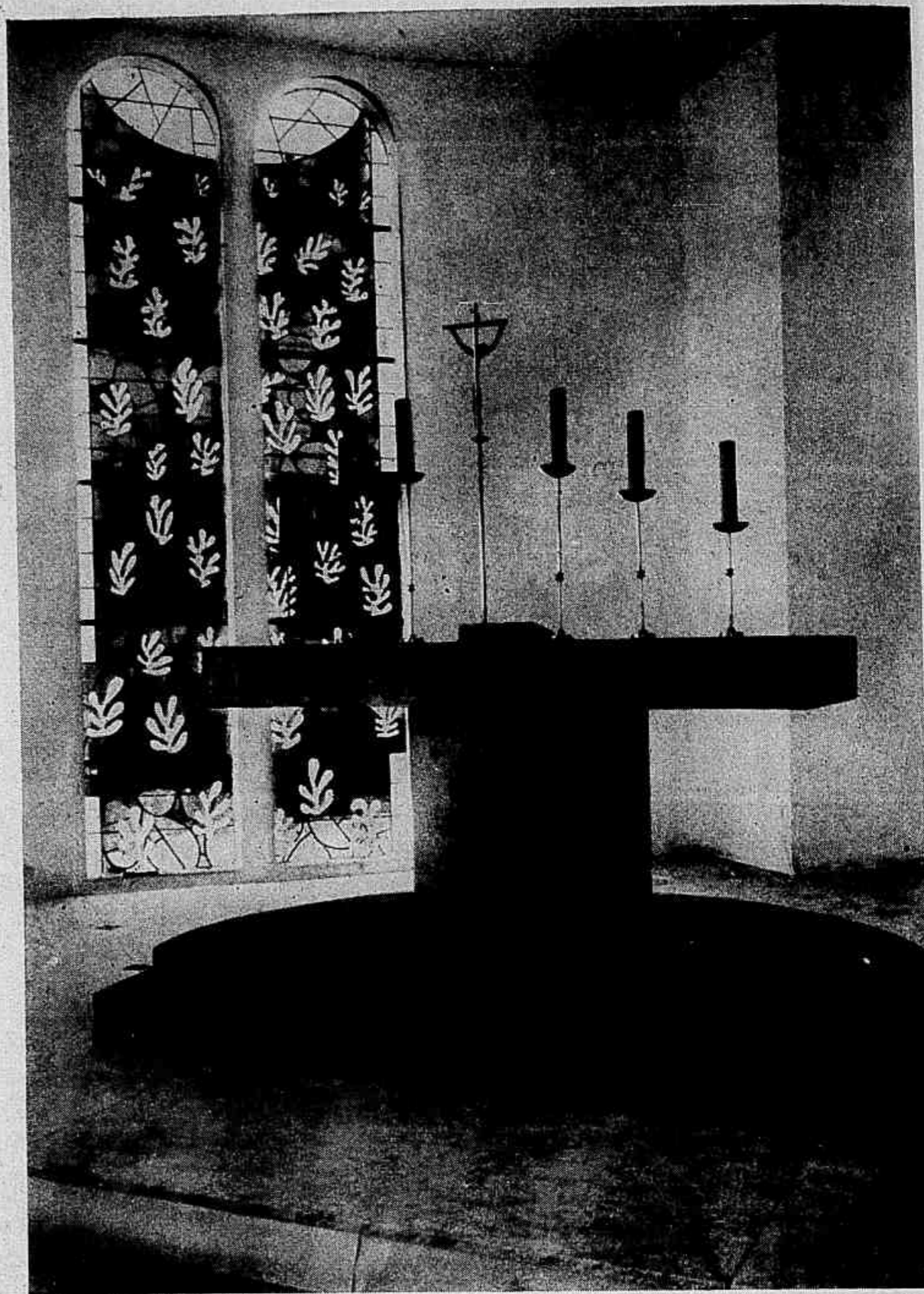
Foi já no dia das despedidas dos congressistas do P.E.N., em Nice. Último almoço em conjunto, no terraço florido, ou verdadeiro jardim suspenso, do *Hotel de la Colombe d'Or*. Fica o hotel de lado de fora da solidíssima, ou pelo menos espessíssima, muralha do burgo fortificado de *Saint-Paul*, que Francisco I fez construir. Pleno século XVI. O burgo domina do cume de um penhasco os vales e os campos em derredor. Um mar de vinhedos prósperos, debruados pelas escarpas de oliveiras sem conta. A velha fortaleza é hoje o monumento de um raro sítio de paz neste mundo atribulado.

Ali perto, a 4 quilômetros, fica Vence, com a sua capela dominicana da Senhora do Rosário, cuja fama vai em crescendo. É que ali está a obra prima de Henrique Matisse. Uma tentação, pois, à curiosidade dos numerosos intelectuais, escritores e artistas do almoço de *Saint-Paul*. Um grupo resolve visitá-la. E lá vamos. Há três anos já que

Matisse

## E A CAPELA DO ROSÁRIO

CARLOS DA SILVA ARAUJO  
(DO P. E. N. CLUBE; DA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS)

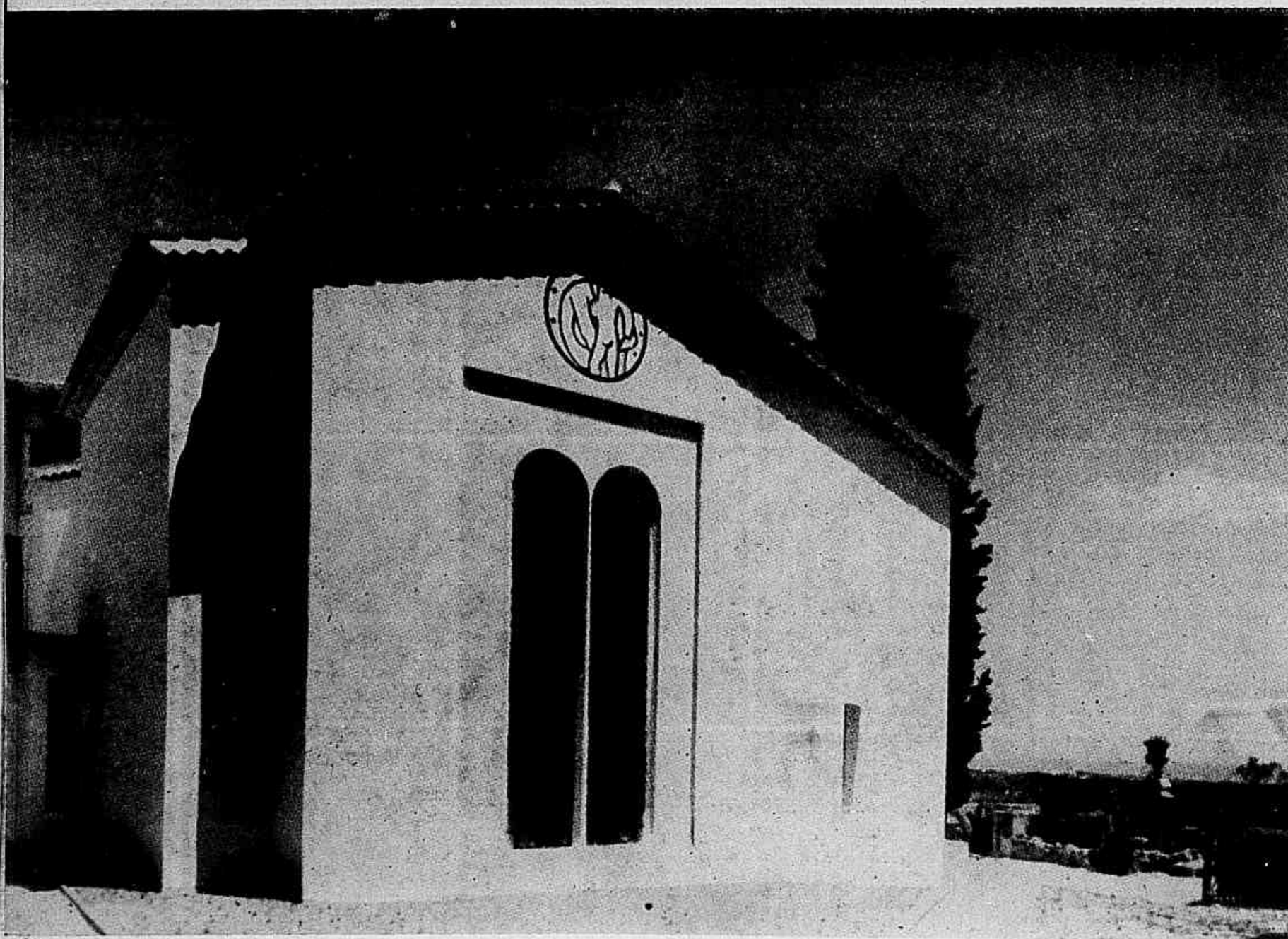


eu pensava nessa visita. Não por admiração pelo que do artista já conhecia, mas por curiosidade. Com efeito, Matisse partilha hoje com Picasso e outros poucos a glória da evidência. Há três anos, porque foi em 1949 que li um jornal francês uma entrevista do artista, surpreendido em pleno e fervoroso traba-

O altar-mór e o vitral.



Face principal da Capela do Rosário. A entrada é lateral.



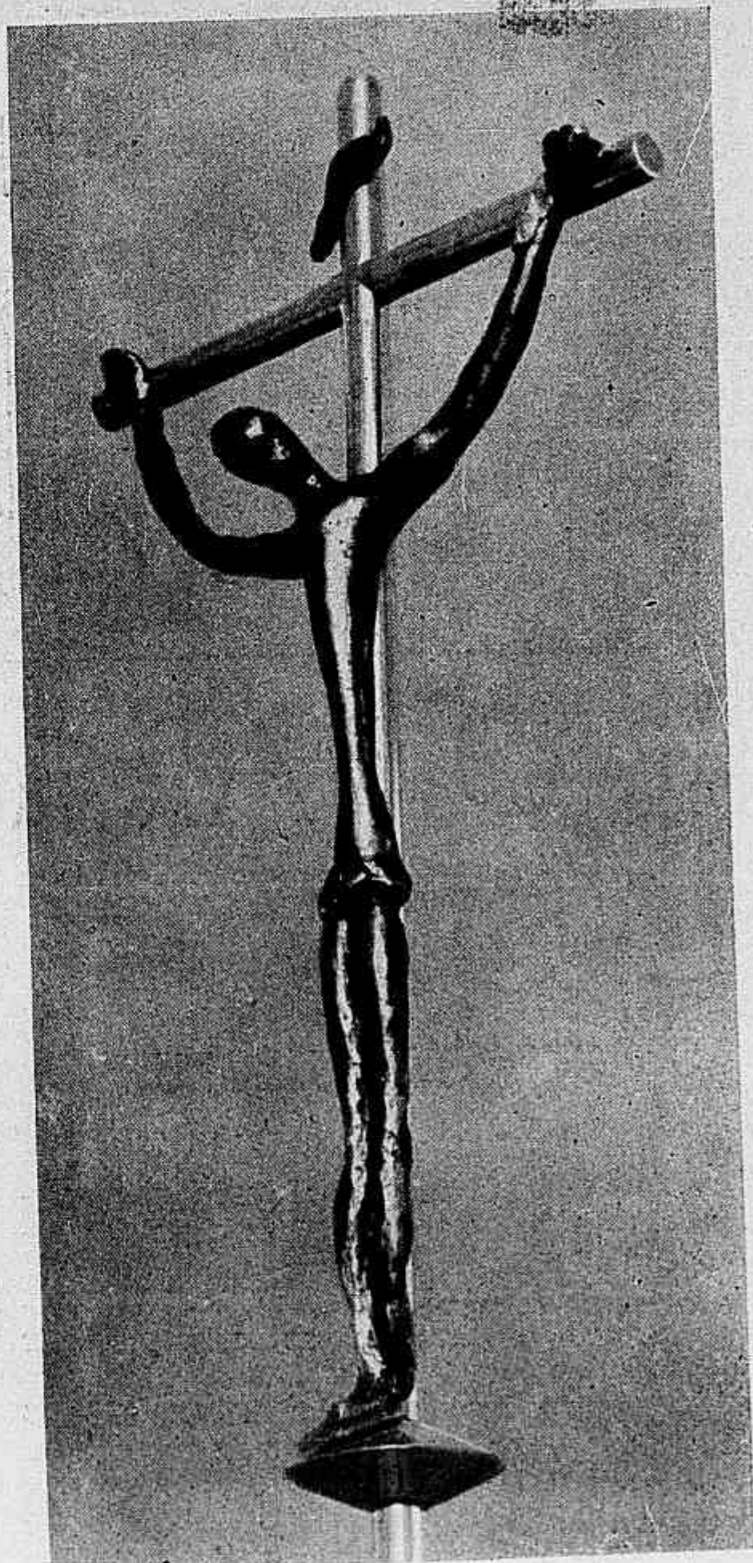
lho pelo repórter na capelinha alva dos dominicanos de Vence, trepado numa encosta de estrada audaciosa, em montanhas escarpadas da Provença, não longe de Nice. Muitas vezes tenho escrito sobre coisas de arte. Particularmente de pintura. Não raro tenho vibrado com obras artísticas, sentido sua beleza e poesia. Nunca, porém, me arroguei o direito ou a liberdade de criticá-las desprimorosamente. Em primeiro lugar, por não me julgar competente. Depois, por admitir sempre no artista, como toda a gente até que ocorram motivos plausíveis, a honestidade de suas intenções como de todos, é o de gostar ou não do que vejo. E' participar da emoção do artista. Entendê-lo ou supor que o entendo. Encontrar poesia ou construir a minha, quicá por vezes distante do sentimento que ditou a obra.

Lembro-me sempre do que escreveu Isadora Duncan no seu livro "Minha Vida". No começo de sua carreira a gloriosa artista criou um bailado que pretendia ser a dança da morte. Quando o dançou em público, adolescente e linda, pela primeira vez, foi ovacionada.

Um notável crítico coreográfico presente proclamou: — isso é o *bailado da juventude*. Com esse bailado e esse nome ela teve um dos primeiros grandes sucessos de sua gloriosa carreira. Voltando ao meu assunto, devo dizer que, quando não me ocorre gostar do que vejo, prefiro silenciar, duvidando sempre da minha capacidade emocional mais do que talento do artista.

Nesta Capela do Rosário dos Dominicanos de Vence, Matisse participou até da arquitetura. Diz o artista que, desde sua juventude rebelou-se contra os mestres que o mandavam "copiar a natureza". Procurou então outras possibilidades de expressão

Crucifixo do altar-mór.



Estudo para "A descida da Cruz"

fora da cópia literal. Tentou o divisionismo e o fauvismo.

Na Capela quis equilibrar uma superfície de luz e cores com uma parede inteira em desenho negro sobre o fundo branco. "Esta capela, afirma o artista, é para mim o resultado de toda uma vida de trabalho e a floração de um enorme, sincero e difícil esforço". Acredita que "será a expressão de uma época de arte". Dela, escreve ainda, talvez alguma coisa que possa estar errada, caia por si mesma, mas algo há de ficar, vivo, e que pode ser uma ligação entre o passado e o futuro. A isso chama "suas revelações", que acredita terem suficiente força fecundante.

Respeitemos, pois, as convicções do artista sobre sua laboriosa "floração" e aguardemos que o futuro nos revele se a semente por ele deposita nas grimpas provençais, nos muros religiosos da Capela, faz o milagre quotidiano da fecundação, germinando pelo mundo a fora na criação dos artistas plásticos.

Alguns visitantes que me acompanhavam interpelaram a outros: — que pensa? — que acha? Felizmente a mim não fizeram a pergunta. Ser-me-ia difícil dar com sin-

ceridade resposta curta como as que ouvi: "very nice", "magnifique". Investir contra uma opinião na moda é uma responsabilidade. Sobretudo para pessoas responsáveis. Apenas uma escritora inglesa, já avó, e também pintora, e que desejava voltar a Saint-Paul para ficar ali uma semana, o fim de fazer alguns *sketchs*, pontas de lapis e aquarelas, disse "pão, pão: queijo, queijo": — *warful*, não entendo nada. Com efeito, não vi nem ouvi nada feito ou dito com aquele entusiasmo (e convém recordar a etimologia deste vocábulo, que significa a participação no fogo sagrado da contemplação da verdadeira obra de arte. inspiração) que provoca frequentemente a Fiquei a pensar que, mesmo o homem inculto que se perde em uma nave gótica ou numa galeria de arte, sente algo de grande, de inspirado, de imponente naquilo que contempla.

Isso não existe na Capela de Vence. Será ela um requinte para grandes iniciados. Lembrei-me daqueles *gourmets* que enfiados das boas mesas fartas, deliciam-se com peitos de rouxinóis ou com violetas cristalizadas.

Aix-les-Bains, Julho de 1952.

*Algumas escolas por correspondência editam também revistas. Deve ser interessante essa que tanto prende a atenção do garoto.*

seus filhos. Aliás pode-se dizer, que a maioria dos pais tem tanta necessidade de instrução, quanto aos filhos. Sendo a educação obrigatória e gratuita, não seria possível deixar uma classe de crianças desprovidas dos benefícios que ela trás.

#### QUANDO NASCEU A IDÉIA

A idéia da fundação de escolas desse gênero surgiu em 1914, no Estado de Vitória. Um camponês, que morava a 120 quilômetros de distância da escola mais próxima, pediu ao Departamento de Educação que resolvesse o caso de seus filhos.

O problema dessas duas crianças era o mesmo em várias outras aldeias e seria interessante resolvê-lo em base geral.

O funcionário que recebeu essa carta teve a idéia de interrogar os alunos das Escolas Normais, a fim de inquirir o que pensava a respeito dos problemas.

*As lições chegaram pela volta do correio e os professores começam a examiná-las.*

# INSTRUÇÃO PELO CORREIO PARA CRIANÇAS E ADULTOS

GEORGE MULGRUE

**N**a Austrália, a instrução é obrigatória e gratuita. Entretanto, algumas dezenas de milhares de crianças não podem ir à escola. Nestes casos, é a escola que vai até eles, por meio do correio. Em todas as grandes cidades existe uma escola perfeita, com professores e pessoal administrativo completo, mas, não se vêem os alunos nem se ouve o ruído característico de crianças na escola. Poderia dizer-se, à primeira vista, que é uma escola fantasma, mas na realidade é uma escola por correspondência.

A importância das escolas desse tipo é compreensível num país em que grande percentagem da população se acha dispersa em território enorme, em florestas, montanhas, desertos, ou nos acampamentos provisórios de garimpeiros. Nesses lugares não há possibilidade de se estabelecerem escolas, nem se pode enviar professores para ensinar duas ou três crianças nesses ajuntamentos ou aldeias, distantes, uma das outras, centenas de quilômetros. Os pais, que consagram todas suas horas ao trabalho, não têm tempo para instruir

A resposta foi decisiva, ficando estabelecida a criação de uma grande rede de ensino à distância.

Cem estudantes declararam, voluntariamente, que ensinariam as crianças por correspondência.

Começaram a enviar diariamente, as lições pelo correio, recebendo as respostas pelo mesmo meio. Depois de um ano de experi-

Sacos de correspondência diariamente saem da "escola fantasma" para os alunos longínquos.



encia, o caso se tornou conhecido em outros Estados, que também organizaram escolas do mesmo gênero.

Graças a esse sistema, existem, hoje, numerosas escolas com corpo docente completa, cabendo um professor para cada 40 ou 45 crianças. Apenas, nenhum professor nunca viu os seus alunos.

#### TRÊS CURSOS

Estas escolas dividem-se em três cursos: primário cobre todo o ensino normalmente dado às crianças, durante os primeiros sete anos de curso elementar; para as meninas, nos últimos dois anos desse curso são dadas também lições de costura, e de cozinha.

Num curso complementar ainda

são administrados conhecimentos mais adiantados de língua inglesa e trabalhos do artesanato.

O curso secundário cobre todos os assuntos dados nas Escolas Normais. Os exames são feitos também por correspondência.

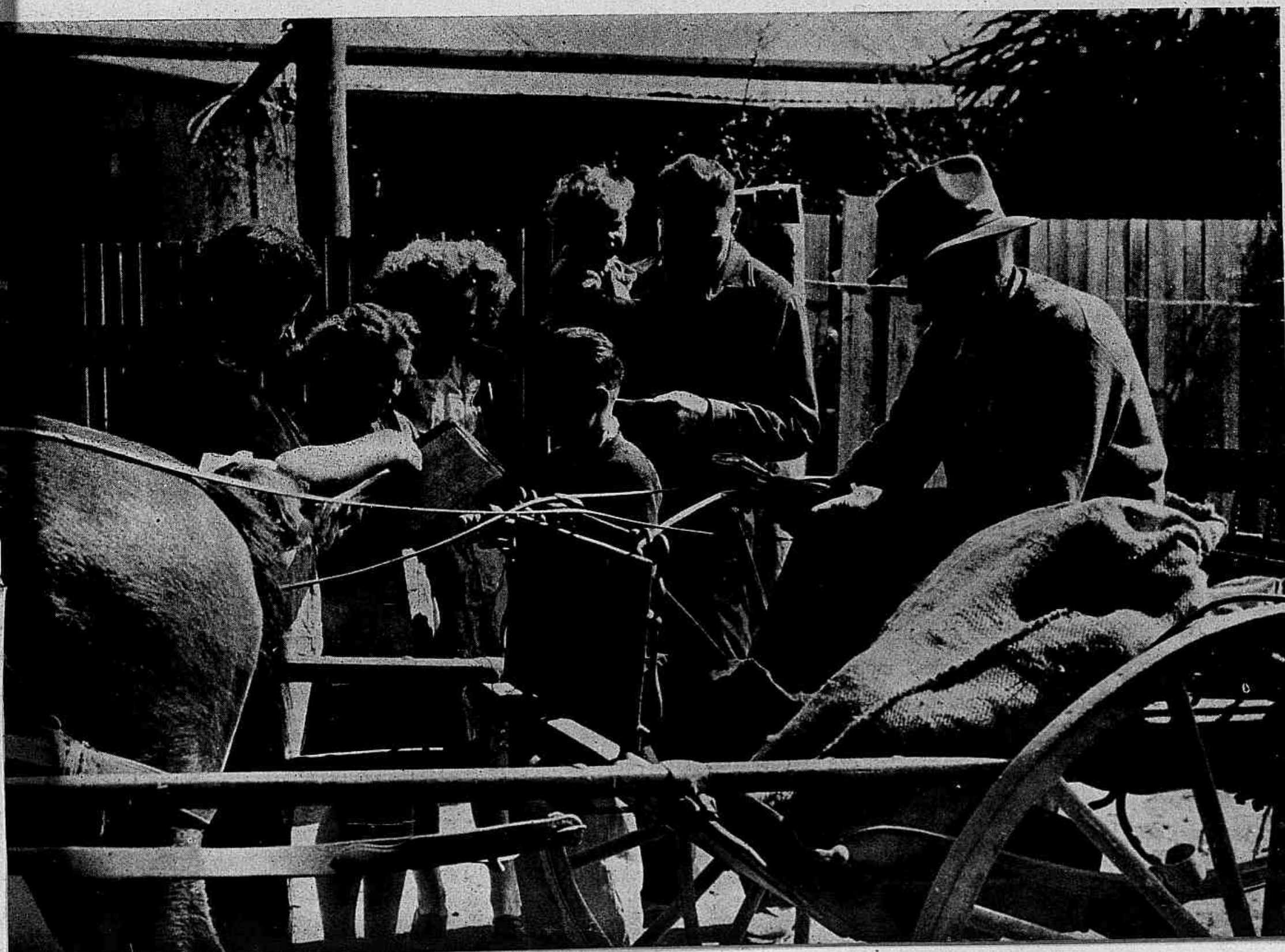
#### CURSO PARA ADULTOS

Outro curso destina-se aos adultos para alfabetização e para conhecimentos práticos das respectivas profissões.

Sendo esses cursos gratuitos, a correspondência também o é. Os pais tomam parte ativa nesse trabalho escolar, de acordo com a capacidade de cada um.

Em numerosos casos eles corrigem os trabalhos dos seus filhos, mas, são também numerosos os casos em que os pais aprendem ao mesmo tempo que os filhos...

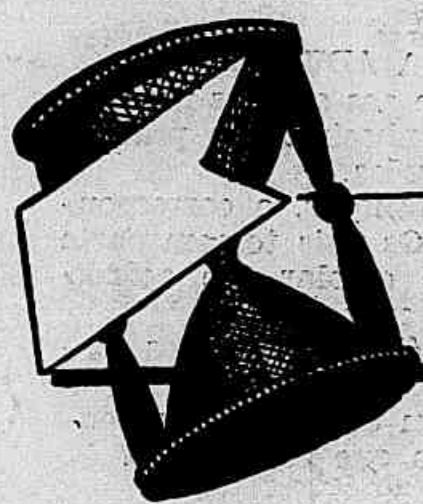
(IPA)



Chegou o correio e cada um recebe o seu envelope com as lições.

**O** Instituto Histórico é um dos nossos mais respeitáveis centros de cultura. A ele se aplica, com uma variante, o conceito de Capristano de Abreu sobre a influência jesuítica na formação da nacionalidade. Dizia o mestre que sem o conhecimento da ação dos Jesuítas não era possível escrever a história do Brasil. Pois o Instituto está em situação idêntica. Sem ele, sem a sua preciosa revista, e sem os seus arquivos, não se escreverá uma história completa deste país. Guarda ele, no pardieiro onde se abriga, uma riqueza bibliográfica monumental, constituída de uma biblioteca de mais de oitenta mil volumes, e de um documentário inestimável. Uma entidade desse porte, com a sua soma de serviços de mais de um século, deveria contar com o maior apoio dos poderes públicos e dispor de uma instalação à altura da sua finalidade. Mas a verdade é que o Instituto Histórico vive a sua existência de oficina da inteligência brasileira no antigo prédio do Silogeu mal instalado, sem segurança para as suas preciosidades. Mas não é só. No orçamento da República os legisladores reservaram-lhe apenas a irrisória soma de trezentos mil cruzeiros anuais. Com tão pouco tem o Instituto Histórico de manter o seu decoro, custear a revista e seu funcionalismo. E no entanto gasta-se tanto dinheiro a tã no Brasil...

**O** caso da Hiléia Amazônica ainda preocupa os interessados em arrancar do Poder Legislativo a legitimação de uma causa espúria. Que os responsáveis pela idéia se movimentem por todas as formas ao seu alcance e desenvolvam uma publicidade intensa e capciosa, compreende-se. Eles têm de queimar os últimos cartuchos na esperança de, num momento de confusão ou de distração dos espíritos vigilantes, conseguir a ratificação do convenio de Iquitos. Não se compreende, todavia, que o governo não lhes tenha dado a resposta à altura, desiludindo-os de uma vez por todas de alienar a soberania brasileira de um terço quase do nosso território. O assunto não precisa mais de ser esclarecido, porque o Estado Maior das Forças Armadas e o deputado Artur Bernardes, e mais o senador Meira, do Pará, já denunciaram nas suas minúcias o que representa o plano supostamente científico do Instituto da Hiléia Amazônica. A convenção adicional proposta, com a aparente intenção de atender às retificações sugeridas pelo Estado Maior, demonstrou que as más intensões permaneciam intactas. Aos empenhados nessa empreitada pouco se lhe dá que mudem as exterioridades de seu projeto, desde que as finalidades sejam obtidas. E' isso o que lhes serve. O resto virá depois, com vagar e com o tempo. O principal é vencer...



## ACONTECEU EM 30 DIAS

**O** ouro do Amapá, que está sendo novamente objeto da cubiça de milhares de indivíduos, tem a sua história. Não é de hoje que naquela região se observam os fenômenos que atualmente determinam a corrida de bandeirantes em busca do precioso metal. Lá um francês tentou de uma feita fundar uma república independente, a Republica do Cunani. Houve luta diplomática intensa e o Brasil teve necessidade de discutir com a França sobre o seu direito ao território. Mas a um patricio nosso, o famoso Cabralzinho, que reuniu numerosos elementos armados, deve-se a expulsão do aventureiro e seus apaniguados que se internaram na Guiana Francesa. O que os invasores queriam era o ouro abundante naqueles sitios remotos. Mas ainda assim não deixaram de carregar o mais que podiam, contando com a fronteira desguarnecida. Muitos anos correram durante os quais algumas toneladas de ouro foram contrabandeadas. Agora, porém, as notícias do Amapá começam a modificar-se e não justificam o otimismo dos primeiros momentos. Os garimpeiros que atingiram o ponto mais farto em pepitas recolheram, de fato, verdadeiros tesouros, mas também sentiram os efeitos das endemias que perseguem a população local. Voltam com as suas safras de ouro, mas sem vontade de novas investidas, porque a malária os inutiliza. O mesmo destino de Fernão Dias atraz das esmeraldas...

**O** Santo officio acaba de divulgar as suas observações relativas ao conceito da arte sacra acompanhadas da proibição do modernismo nos templos católicos. Essa atitude da Igreja estava demorando. Por aí a fora os elementos subversivos andavam abusando na decoração de edificios destinados ao culto, e talvez em parte alguma como no Brasil essa profanação houvesse ido tão longe. Nós tivemos aqui em Belo Horizonte a famosa capela da Pampulha com os seus altares povoados de figuras de monstros representando santos do cristianismo, e excomungada pelo Arcebispo da metropole mineira. Advogados não tem faltado para justificar aquela irrisão, aquele atentado à estética e à religião, que se enquadra no pensamento comunista de que é preciso "matar a arte, que é o belo estético" como já "foi morta a religião que é o belo moral". Há quem se bata pela revogação do ato do Arcebispo, aprovado pelo Cardeal Camara, citando o que ocorreu numa igreja de Vence, na França, pintada de bonecos feios pelo deformista Henri Matisse. Desejariamos saber até que ponto os franceses católicos aprovam essa invasão do modernismo na casa de Deus. E também tínhamos vontade de saber se muitos dos nossos burgueses ainda continuarão a fornecer alimento aos corruptores do gosto depois de tão veemente manifestação do chefe da cristandade...



**FEIRA SERTANEJA**

Téla de Baltazar da Camara

O talento é cosmopolita, pertence a toda parte.

\* \* \*

Há talentos especiais, vocação tendentes a uma certa ordem de aplicação, na qual, como em atmosfera própria, se desenvolvem e se legitimam. A natureza não abre todas as inteligências. Marca-lhes órbitas, como planetas.

\* \* \*

A arte, como todos os elementos sociais, tem se apurado, e o termo em que tocou, é tão avançado já, que nenhuma força conservadora, poderá fazê-la retroceder.

\* \* \*

Creio ainda que a consciência do dever é alguma cousa; e que a fortuna pública não está só em um farto erário, mas também na acumulação e circulação de uma riqueza moral.

\* \* \*

Entendo que o belo pode existir mais revelado em uma forma menos imper-

Se a arte fosse a reprodução exata das cousas, dos homens e dos fatos, eu preferia ler Suetonio em casa, a ir ver em cena Corneille e Shakespeare.

\* \* \*

A teoria realista, como a teoria romantica levadas até a exageração, deram o golpe de misericórdia no espírito público.

\* \* \*

Para que a literatura e a arte dramática possam renovar-se, com garantias de futuro, torna-se indispensável a criação de um teatro normal.

\* \* \*

A poesia não tem o dever de copiar integralmente a história sem cair no papel secundário e passivo do cronista.

\* \* \*

A tragédia, a comédia e o drama são três formas distintas, de índole diversa; mas quando o poeta, seja trágico, dramático ou cômico, vai estudar no passado os modelos históricos, uma única lei deve guiá-lo, a mesma

A posteridade só recebe e aplaude aquilo que traduz em si o cunho do belo.

\* \* \*

Tudo é possível num país onde há mais talento que modéstia.

\* \* \*

Dois elementos que explicam os aplausos das platéas: a sátira e o burlesco. Nem um nem outro exprimem a comédia.

\* \* \*

O burlesco, embora suponha da parte de um autor certo esforço e certo talento, é todavia um meio fácil de fazer rir as platéas.

\* \* \*

Acompanhar as alternativas caprichosas da opinião, sacrificar a lei do gosto e a lição da arte, é esquecer a nobre missão das musas.

\* \* \*

Exercer a crítica, afigura-se a alguns que é uma fácil tarefa, como a outros parece igualmente fácil a tarefa do

Não compreendo o crítico sem consciência. A ciência e a consciência, eis as duas condições principais para exercer a crítica.

\* \* \*

A crítica útil e verdadeira será aquela que, em vez de modelar as suas sentenças por um interesse, quer seja o interesse do ódio, quer o da adulação ou da simpatia, procure reproduzir unicamente os juízos da sua consciência.

\* \* \*

A intolerância é cega, e a cegueira é um elemento de erro; o conselho e a moderação podem corrigir e encaminhar as inteligências; mas a intolerância nada produz que tenha as condições de fecundo e duradouro.

\* \* \*

Causa tédio ver como se caluniam os caracteres, como se deturpam as opiniões, como se invertem as idéas, a favor de interesses transitórios e materiais, e da exclusão de toda a opinião que não comunga com a dominante.

\* \* \*

Viajar é multiplicar a vida. De país



feita, mas não é exclusivo de uma só forma dramática. Encontro-o no verso valente da tragédia, como na frase ligeira e fácil com que a comédia nos fala ao espírito.

\* \* \*

O que é a veneração da posteridade pelos artistas de teatro? As cenas palpitantes, as paixões tumultuárias, as lágrimas espontâneas, os rasgos de gênio, a alma, a vida, o drama, tudo isso acaba com a última noite do ator, com as últimas palmas do público. O que o torna superior acaba nos limites da vida; vai à posteridade o nome e o testemunho dos contemporâneos, nada mais.

\* \* \*

Não se contrarie as disposições naturais da vida, e dê-se a cada cousa o tom que lhe é devido, — tristeza para os que são tristes, — alegrias para os que folgam.

\* \* \*

É uma cousa reconhecida que os homens de pensamento são difíceis de transportar para o teatro, ao passo que aí se dão perfeitamente os homens de ação.

\* \* \*

lei que o deve guiar no estudo da natureza, e essa lei impõe-lhe o dever de alterar, segundo os preceitos de boa arte, a realidade da natureza e da história.

\* \* \*

É sem dúvida necessário que uma obra dramática, para ser do seu tempo e do seu país, reflita uma certa parte dos hábitos externos, e das condições e usos peculiares da sociedade em que nasce; mas além disto, quer a lei dramática que o poeta aplique o valioso don da observação a um aordem de idéas mais elevadas.

\* \* \*

Para os talentos conscienciosos, o trabalho é um dever; e quando a realidade do presente desanima, voltam-se os olhos para as esperanças do futuro.

\* \* \*

Os deveres e as paixões na poesia dramática não se traduzem por demonstração, mas por impressão.

\* \* \*

A reunião de algumas palavras enérgicas e sonoras, em períodos mais ou menos cheios, não supõe um estudo das paixões humanas. O ruído não é a eloquência.

\* \* \*

legislador; mas, para a representação literária, como para a representação política, é preciso ter alguma cousa mais que um simples desejo de falar à multidão.

\* \* \*

As musas, privadas de um farol seguro, correm o risco de naufragar nos mares sempre desconhecidos da publicidade.

\* \* \*

Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a esteril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levante por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada, — será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreantes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença, — essas três chagas da crítica de hoje, — pondo em lugar deles, a sinceridade, a solididade e a justiça; é só assim que teremos uma grande literatura.

\* \* \*

Crítica é análise, — a crítica que não analisa é a mais comoda, mas não pode pretender a ser fecunda.

\* \* \*

em país, de costumes em costumes, o homem que nasceu com propensão e gosto para isso, renova-se e transforma-se. Mas fique bem claro, é preciso ter gosto e propensão; é preciso ser poeta; os lorpas também viajam; mas, porque lhes falta o don natural de apreciar e sentir as cousas, aborrecem-se por vaidade, ou divertem-se por aberração.

\* \* \*

O crítico deve ser independente, — independente em tudo e de tudo, — independente da vaidade dos autores e da vaidade própria. Não deve curar de inviolabilidades literárias, nem de cegas adorações; mas também deve ser independente das sugestões do orgulho, e das imposições do amor próprio.

\* \* \*

As formas poéticas podem modificar-se com o tempo, e é essa a natureza das manifestações da arte; o tempo, a religião e a índole, influem no desenvolvimento das formas poéticas, mas não as aniquilam completamente; a tragédia trancêsa não é a tragédia grega, nem a tragédia shekespeariana, e todas são a mesma tragédia.



## AUGUSTO FRAGOSO

(Desenho do autor)

No celebrado romance "Dom Casmurro" de Machado de Assis, há no capítulo IV, como se recorda, a história de um soneto decassilabo que o protagonista, ainda como Bentinho, no tempo do seminário, não logrou terminar, deixando apenas com postos dois de seus quatorze versos; o inicial e o final. Repousava Bentinho no leito, quando, repentinamente, lhe saiu o primeiro verso como "uma exclamação solta", sem que soubesse êle nem como nem porque:

Oh! flôr do céu! oh! flôr cândida e pura!  
A flôr, naturalmente, era Capitú, mas, diz o romancista, "podia ser a virtude, a poesia, a religião, qualquer outro conceito a que coubesse a metáfora de flôr, e flôr do céu".

Sem deixar os lençóis, cuidou o seminarista de continuar o soneto, mas apesar de repetir muitas vezes o verso inicial, nenhum outro mais lhe brotou. Lembrou-se então de forjar o decassilabo final que seria uma das tais chaves de ouro que êle imaginava, e bem, seriam "fundidas antes da fechadura"...

Após prolongado esforço, viu Bentinho, por fim, aparecer este que se lhe afigurou logo "magnífico, sonoro, sublime":

Perde-se a vida, ganha-se a batalha!

Recitando agora os dois versos, pareceu-lhe melhor que a ideia fôsse a justiça ou a liberdade e não mais Capitú. Mas ao escolher entre uma ou outra, Bentinho, embora achando melhor a justiça, "aceitou afinal, definitivamente, uma ideia nova, a caridade" — e nesse ziguezague o herói era bem machadiano...

Em novas e persistentes tentativas mortificou-se Bentinho, mas em vão: "repetia o primeiro verso e esperava o segundo; o segundo não vinha, nem terceiro, nem quarto; não vinha nenhum". Já fatigado, ocorreu-lhe aí, para alcançar a inspiração precisa, inverter o sentido do último verso com a transposição de duas palavras:

Ganha-se a vida, perde-se a batalha!

O artifício que parecia engenhoso, não frutificou porém, "Trabalhei em vão — revela Dom Casmurro — busquei, catei, esperei, não vieram os versos"...

"Pois, senhores — arremata o memorialista — nada me consola daquele soneto que não fiz. Mas, como eu creio que os sonetos existem feitos, como as odes e os dramas, e as demais obras de arte, por uma razão de ordem metafísica, dou êsses versos ao primeiro desocupado que os quiser. Aos domingos, ou se estiver chovendo, ou na roça, em qualquer ocasião de lazer, pode tentar ver se o soneto sai. Tudo é dar-lhe uma ideia e encher o centro que falta."

\*\*\*

O oferecimento de Dom Casmurro aos desocupados não ficou sem eco: registram-se, pelo menos, dois concursos literários promovidos no Rio visando completar-se o soneto frustrado do jovem seminarista.

O primeiro foi instituído pelo diário *A Tribuna*, no ano mesmo do aparecimento do romance e por sugestão de Lucio de Mendonça, confessada em carta de Teresópolis, de 7 de abril de 1900, dirigida a Machado: — "conto-lhe, muito à puridade, que é meu o soneto da *Tribuna* ao Vinhais e que sugeri à folha o concurso para se completar o soneto do seu capítulo LV."

Na edição de 4 daquele mês anunciava o diário: — "Que os poetas se mexam e mandem-nos o soneto que Bentinho não achou meio de arranjar. Está aberto o concurso. Não lhes oferecemos em recompensa, apesar da moda, a palma do martírio; mas podem contar com a corôa de louros e até, se exigirem, com o retrato a óleo..."

Do mote de Bentinho — para usar a linguagem da fôlha — muitas teias seriam tecidas para consôlo da alma cândida e lograda de Dom Casmurro e gaudio dos leitores."

Surgem, realmente, em edições sucessivas do jornal carioca os sonetos de vários poetas, ou poetas, que acorrem ao chamado, quase todos metidos a humoristas e embaçados sob pseudônimos impenetráveis. O primeiro concorrente apareceu logo no dia inedito ao da abertura do concurso. Identificou-se apenas por dois asteriscos e pôs o trabalho sob o título *Consolação*. Seus versos eram deste tom:

Oh! flôr do céu! Oh flôr cândida e pura!  
D. Bernarda minha velha amante,  
Mais uma ofrenda te sagrei chibante,  
Com sincera paixão, sem má mistura.

Os outros concorrentes poram *Thom, Vitinho, Lop, Bento Machado, Salomar, Azevedo Junior, Saul Hitto, Joana d'Arc, O. C. e Oscar Vesper*. Não apontou o jornal o vencedor do concurso mas é bastante ler-se, por inteiro, o soneto de *Thom*, por exemplo, para que se julgue do diapasão e valimento da maioria das produções apresentadas:

Oh! flor do céu! Oh! flor cândida e pura!  
Fanada flôr da minha mocidade...  
Religião, virtude ou caridade,  
A Capitú de outrora, ou a futura

Capitú que nascer, uma figura  
Retórica e florida, uma deidade...  
O que é preciso é a ideia, a ideia que há de  
Dar alma ao verso, à rima envergadura.

As quadras estão prontas, Dom Casmurro,  
Os versos dos tercetos vem chegando,  
E a ideia não desperta nem a murro.

Enfim tem-se um consôlo e êste nos valha:  
O teu velho soneto terminando,  
— Perde-se a vida, ganha-se a batalha!"

Já o segundo concurso, organizado um quarto de século mais tarde, em setembro de 1925, pelo mensário *Vida Doméstica*, à época secretariado pelo poeta Renato Travassos, teve características mais sérias e resultado mais ponderável.

"Há dias, relendo na obra do mestre (no *Dom Casmurro*) o capítulo do soneto, acudiu a um dos nossos redatores a ideia de um concurso que nos pareceu original — explicava a revista, revelando descenhecer o concurso da *Tribuna*. "Trata-se de acabar o tal soneto. Será uma folga dada nos enigmas de palavras cruzadas que avassalaram todos os jornais e revistas dos quatro cantos do mundo!"

Os concorrentes enviaram seus sonetos sob pseudônimos e uma comissão constituída pelo secretário da revista e pelo crítico Osório Duque Estrada escolheria o melhor trabalho.

Um tanto tardiamente, só na edição de dezembro, divulga *Vida Doméstica* o resultado do prélio. Em página inteira, ilustrada com a fotografia, em oval, de Belmiro Braga, proclama a revista que dentre mais de 30 originais fôra julgado vencedor o trabalho intitulado *A Caridade* assinado por *Quincas Borba* que outro não era senão Belmiro.

"O poeta mineiro — dizia, amavel e justo, o mensário de Renato Travassos — valendo-se dos seus recursos literários, não teve, por certo dificuldades em realizar o que inutilmente intentou Dom Casmurro. É que o herói do nosso maior romancista não era um poeta de verdade."

Com a colaboração, pois, do poeta das *Montezinas*, armou-se assim o malgrado soneto de Dom Casmurro:

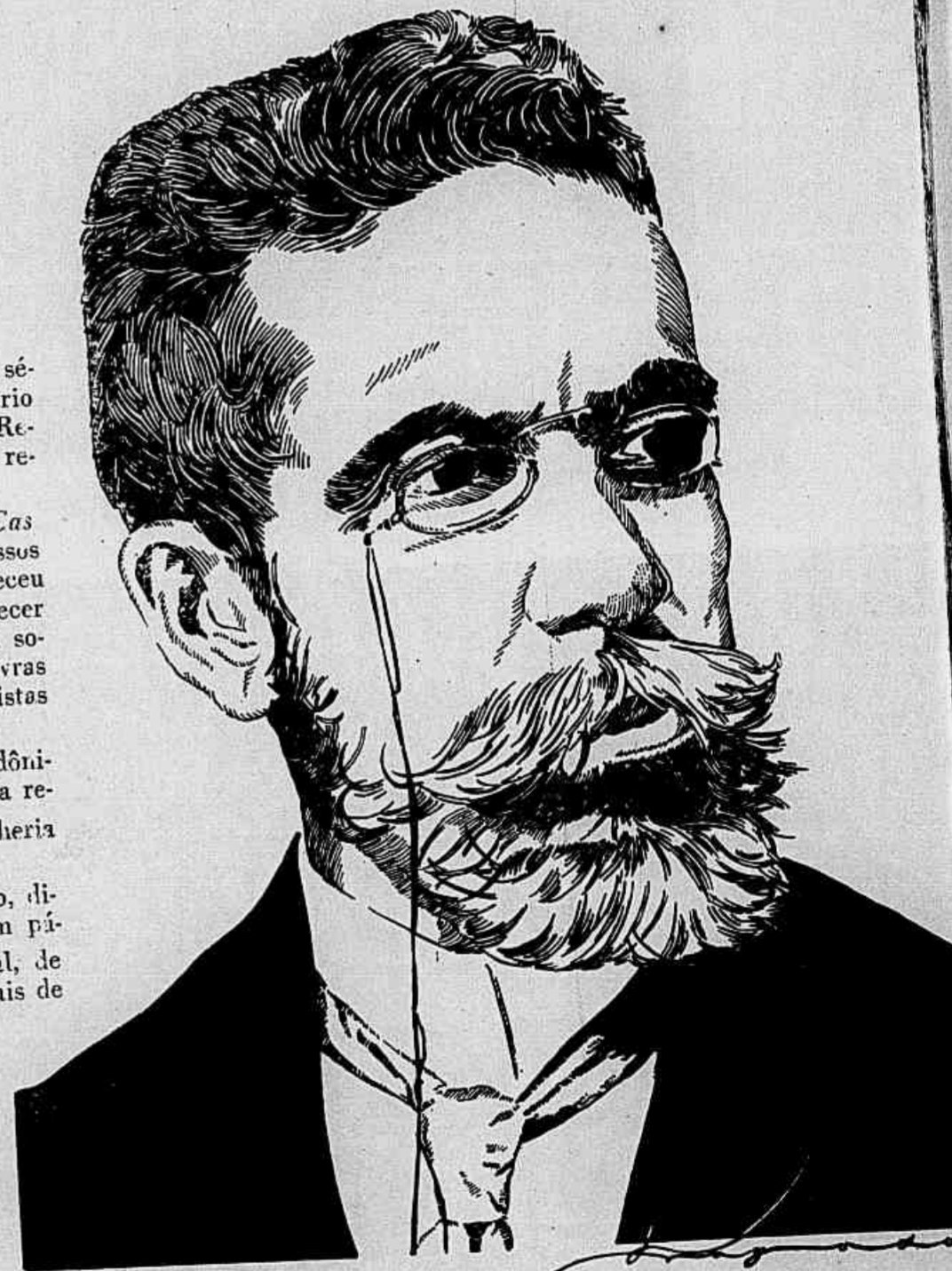
Oh! flôr do céu! Oh! flôr cândida e pura!  
aberta para os bons em seu caminho!  
Deixas cair as pétalas no ninho  
onde busque abrigar-se a desventura.

Em tua nívea côr mostras doçura,  
teu perfume transformas em carinho;  
em teus galhos ninguém encontra espinho,  
manchas ninguém descobre em tua alvura.

Essa bondade que de ti se evola  
tanto aos desprotegidos agasalha  
como dos tristes a aflição consola.

Flôr do céu — Caridade! o bem espalha!  
E se a vida é um combate, pela esmola,  
perde-se a vida, ganha-se a batalha!

Esquadrinhadas como vêm sendo, sob todos os ângulos, a vida e a obra de Machado de Assis, não tardará que se escreva, em pormenores, a história — atrante e saborosa sem dúvida — de cada uma das obras primas do grande romancista. Na biografia do *Dom Casmurro*, os dois concursos literários suscitados pelo capítulo do soneto e aqui recortados, nos seus traços essenciais, hão de constituir episódios ilustrativos a marcar, de certo modo, a repercussão do famoso livro.



— Machado de Assis num desenho do autor do presente artigo.



Século XVI — 2.º ato. Notável cena V, onde o rigor da indumentária, cenário, harmonia de beleza e arte, com grandes artistas portugueses: Maria Sampaio (Magdalena); Raul de Carvalho (Manuel de Souza); Maria Dulce (Maria) e Thomás Macedo (Frei Jorge).



Manuel de Souza (Raul de Carvalho): — que se dizia o coração, minha filha? Maria (Maria Dulce) — Oh! meu querido pai! Já me não diz nada o coração.



No prefácio da 1.ª edição de "Camões" (Paris-1825), diz Garret:

"Não sou clássico, nem romântico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em coisa nenhuma); e por isso me deixo ir para onde me levam minhas idéias boas ou más".

Assim escreveu, depois de ter sido clássico, romântico e dentro do imenso talento, um espírito inquieto, turbulento, livre. Foi por toda a vida um outado; procurou fugir das convenções e protocolos, muito sofrendo sua liberdade de pensamento, mas deixando, por isso mesmo o seu traço luminoso de homem e artista. João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu no Porto, em 1899, e já em 1810, acompanha a família na fuga para os Açores (Ilha Terceira), por ocasião da última invasão francesa. Quando voltou ao reino foi para Coimbra e, enquanto estu-

# GARRETT



Por SEBASTIÃO FERNANDES

João Baptista da  
Silva Leitão de  
Almeida Garrett.

dou, fez odes e sonetos, mas também organizou vários movimentos; e, quando se bacharelou, em 1821, publicou o "Retrato de Venus", livro que scandalizou gente pacata e reacionária; acusado de atentar contra os bons costumes, houve processo e teve que ir ao Tribunal, mas foi absolvido.

Em 1822 está casado e toma parte numa revolução. Infeliz no matrimônio e nas vicissitudes políticas é obrigado emigrar para a Inglaterra. De volta, traz escrito "Camões", já de laços rotos com o classicismo; mas em 1826, com a morte de D. João VI, parte novamente para o exílio. Logo depois regressa para, em 1828, emigrar para a França e Inglaterra. Sempre em contínuos vai-e-vens, já em 1832 está no Porto e escreve o seu único romance "O Arco de Sant'Ana", que a vida do burgo no tempo de Pedro I, quando não eram cordiais as relações entre o povo e o bispo. Em tudo que escreve há sempre o sopro da revolta, o traço do lutador. Estavam em voga na Europa os romances históricos de Walter Scott, e Garrett, como pioneiro do romantismo em Portugal, experimentou uma nova técnica no gênero, mas não esqueceu de mostrar a angústia humana, ante a autoridade temporal — tanto assim que o romance em várias edições sofreu amputações...

Em 1843, depois de ler Xavier de Maistre, em vez de passear em volta dum quarto, Garrett partiu para o Minho "provincia dileta do romantismo" e nos trouxe um livro

Manuel de Souza (Raul de Carvalho) — Mas se ele vivesse não existia tu agora, não te tinha nos meus braços.

de ternura e simplicidade: "Viagens em minha terra". Páginas ingênuas com algumas ironias, onde a moral convencional foi bisbilhotar o namorador precoce e taxá-lo de indivíduo perigoso, imoral e cético". Continua sua biografia mostrando dentro do movimento lutando contra uma época, aparando golpes adversos dos políticos e ao mesmo tempo poeta, soldado, orador, historiador, publicista, teatrólogo, deputado, romancista, par-do-reino, ministro, exilado, sempre grande Don Juan, com refinado gosto pelas mulheres, fossem louras ou morenas, com tanto que fossem amorosas... Almeida Garrett bateu-se em várias ações militares, pois era patriota e guerreiro, ora homem do campo, ora homem de academias, nas côrtes, nas tribunas, nos parlamentos, nos choques de ruas, nas alcovas, em tudo sempre uma figura de realce, lutando pela liberdade, provando a vida ampla sem setarismo, censura ou puritanismo. Distante dos hipócritas e fanáticos forçosamente os intolerantes e invejosos lhes fariam guerra sem tréguas. Dai as vicissitudes e as emigrações. E, sendo perseguido, lastimava-se de potrememente ter que passar o inverno em terras estranhas. Em 1848, escrevia Garrett no prólogo da segunda edição de "Dona Branca":

"Nenhum homem ainda fugiu tanto ao seu destino como eu; porém nenhum foi tão perseguido do 'inevitable fatum'".

Desterrado sempre — daí a idéia de escrever "Camões" que também foi um grande proscrito — basta contudo na península ibérica o céu torna-se azul e as claridades plenas da liberdade iluminar o torrão luso e consentirem na sua volta, e chegava com o mesmo fervor para escrever e construir.

E Garrett, artista voluptuoso no qual se entrelaçava os impétos políticos aos desvaneios literários e ainda romancesas paixões amorosas, já passava dos quarenta anos quando foi tomado de grande amor por Adelaide Deville. A moça de dezoito anos sabia-o casado e infeliz. Foi um grande e intenso amor que só durou quatro anos (1837-1841), quando sucumbe Adelaide deixando-lhe uma filhinha de meses. No seu recolhimento em Bemfica, junto daquela criança orfã, lê um romance de Balzac "Coronel Chabert" que lhe produz grande influência. É a história da extranha situação do personagem dado como morto na guerra napoleônica; e daí escrever "Frei Luiz de Souza", que é a tragédia de um lar, em Lisboa, em 1599. Fidelino de Figueiredo nos esclarece que há em Portugal um gênero literário referente aos naufrágios pois é um país que sempre viveu ao sabor da navegação e das surpresas do mar. E "Frei Luiz de Souza" é tema do regresso inesperado dum parente, no caso o reaparecimento de D. João de Portugal que não teria morrido na África junto de D. Sebastião, mas ficara prisioneiro dos mouros em Alcácer-Quibir e detido em Marrocos por longos anos. Julgando-se viúva casara-se novamente com o fidalgo Manuel de Souza Coutinho. O choque, as perturbações pela aparição do presumido morto os levam ao convento tal como se fazia na época, e Garrett se inspirou na elegância moral do nobre que como religioso foi o dominicano Frei Luiz de Souza. Mas a esposa Madalena tinha do segundo matrimônio uma filha, Maria, débil menina que morre de vergonha vendo que se separaram os seus progenitores, e ainda está vivo o marido de sua mãe.

Como disse Rodrigues Lapa, a peça escondia outro intuito. Traduzia a angústia moral de Garrett, impossibilitado de dar nome limpo a sua filha, fruto do pecado. O autor atormentado pelo seu caso pessoal queria demonstrar o perigo das situações ilegítimas e mover os homens à piedade para os filhos nascidos do matrimônio natural, tão querido e tão filhos como os outros. A peça é como tantos outros páginas de Garrett um portesto. Como sempre o autor era um elemento perturbador tal qual o moço de Coimbra. Mesmo no seu caso pessoal que justifica e altera o drama, fazendo de Madalena, uma pecadora, — pois amára Manuel de Souza em vida de D. João de Portugal — e de Maria uma menina doente. Sendo orador de poderosa eloquência, a leitura de Autos, Farsas e Tragicomédias de Gil Vicente muito lhe auxiliaram.

(Continúa no fim do número)

Romeiro (Barreto Poeira): — Fui imprudente, fui injusto, fui duro e cruel. E para quê? D. João de Portugal morreu no dia em que sua mulher disse que ele morrera.



Manuel de Souza (Raul de Carvalho): — Oh! Magdalena! não tenho mais nada que te dizer. Crê-me, que to juro na presença de Deus, a nossa união, o nosso amor é impossível.



Telmo (João Villaret): — as fermais palavras daquela carta, escrita na própria madrugada do dia da batalha e entregue a Frei Jorge que vo-la trouxe: — "Vivo ou morto".



# SERÃO FAMILIAR

(INÉDITO)

ESERAGNOLLE DÓRIA

Ao redor da grande e pesada mesa de jantar, alumeados por uma lâmpada belga de lucwélo côr de rosa, estão duas senhoras idosas, uma moça e duas crianças, um menino e uma menina.

A mais velha das senhoras, cochila, a outra segue a leitura que o menino faz num livro dourado, sem dúvida prêmio do colégio; a menina cobre de pausinhos um caderno de escrita, só molhando a pena no tinteiro, nêle batendo sempre com a ponta da pena. A moça cose, costura sem pressa, dessas tarefas que deixam distrações apontar a lembrança de quem trabalha.

A noite é de inverno. No céu escuro, as nuvens de vestes rotas pela pressa do vento; chove discretamente, as árvores sussurram mostrando que as rajadas do vento as desinquietam arrancando-lhes as folhas. Os postigos estão todos fechados. Sobre a mesa há dois vasos de flores, num rosas vermelhas, deitam-se em sangue sobre umas margaridas frescas; no outro lado há camélias castas, niveas, formosas e gélidas.

Um tapete escuro sobre a mesa, está apenas erguido no lugar em que a menina escreve, compreende-se, a tinta em mãos infantis...

Junto à moça brilha uma tesoura, mostram-se novelas de linha e carreteis de várias côres, sobre o tom dos carreteis e novelos se instala, às vezes, um dedal de prata, conforme as exigências da costura.

A porta da sala, está aberta, deita para um longo corredor no fundo do qual, a cozinha iluminada, mostra um fogão aceso para um chá próximo. Do teto pendem duas gaiolas; numa, a maior, dormem dois periquitos; enguliram a algazarra do dia; são duas bolas verdes num poleiro. A segunda gaiola está vazia; algum passarinho alí morreu há pouco e não achou substituto. O relógio da parede do fundo é antigo, cada bater de hora um cuco de madeira sai do interior pia com a voz sem graça dos autômatos.

Um gato levanta a cabeça, na eterna desconfiança dos felinos pelos ruidos suspeitos, espreguiça-se, distende as assestinadas molas dos músculos, dilata a pupila num despertar de esmeralda, aquieta-se e sonha, como devem sonhar os bichanos, com unhas a escorrer sangue e camondongos estripados.

A mais velha das senhoras chama-se Deolinda Pessoa Vaz Martins, viuva do tenente-general Vaz Martins que morreu na batalha de Monte-Caseros; a outra, irmã dela, Idalina Pessoa da Silva, é também viuva, viuva em segunda núpcias de um empregado de fazenda; as crianças são orfãs de pai e mãe, orfãs de uma filha de D. Deolinda, o menino chama-se Sérgio e a menina Cora.

E a moça? O ponto luminoso da tela. — Olympia tem os olhos negros, sob a proteção de longos cílios; o nariz pode ser alvo de censura por um pouco arrebatado demais; mas a bôca, o oval do rosto, a cutis, são perfeitos. Os cabelos formam nu-

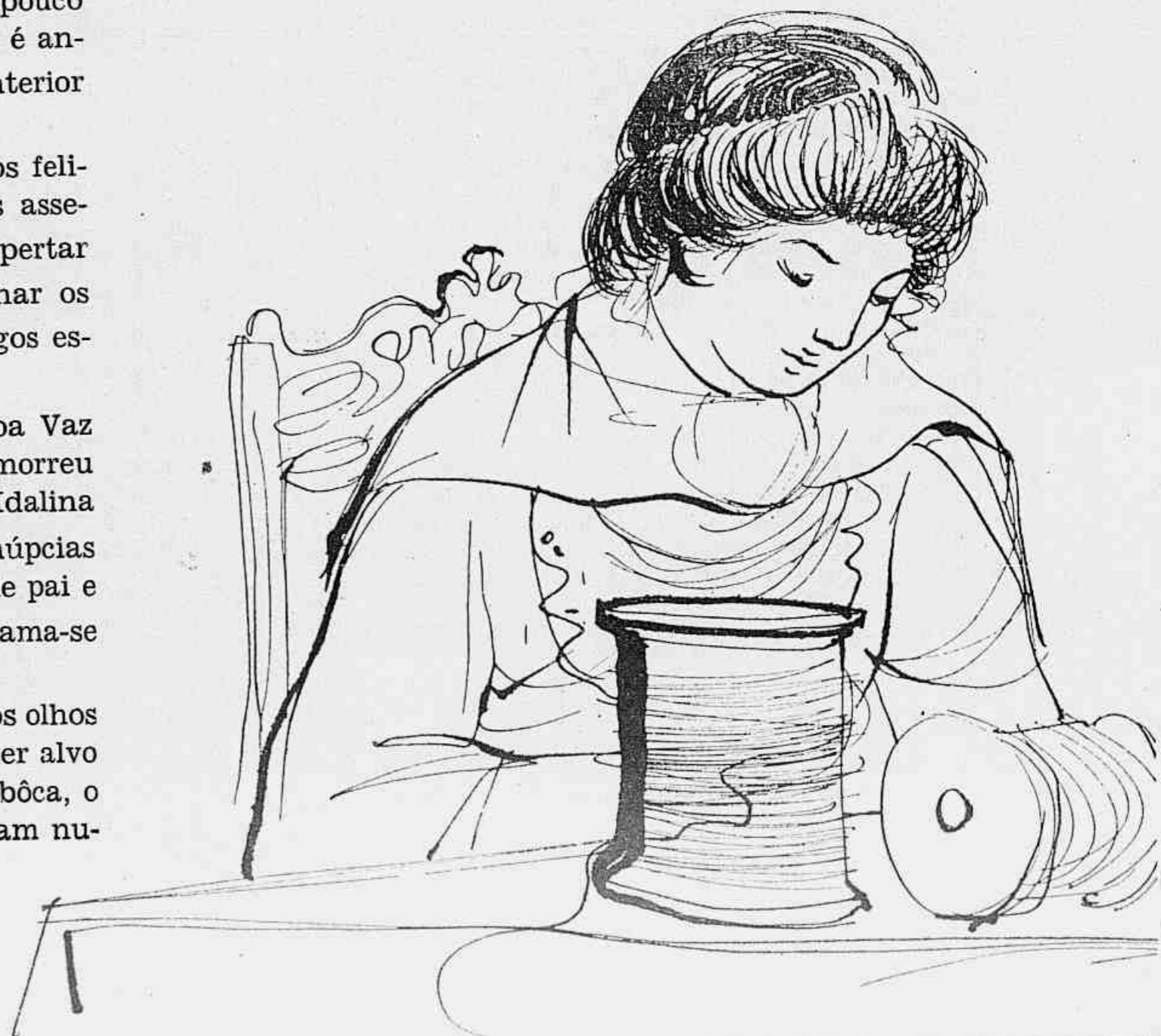
anças de azas de corvo; a cintura traz donaire; o corpo põe a pureza das linhas ao compasso da gentileza faceira. Olympia é sobrinha neta de D. Deolinda, é bonita e graciosa, dessas moças bonitas que dividem logo a alma pelas mil vidas da simpatia.

O pai, oficial de marinha, se foi num naufrágio; a mãe morreu e ainda vive, pois a recolheram às grades de um hospício.

Olympia para alí veio pequena, alí se fez moça, sempre sob a guarda vigilante das parentas. Educou-se em casa; assistiu a muitas festas de igreja, nunca foi a um baile de estrondo; viu quatro ou cinco mágicas num intervalo de doze anos, saiu duas vezes de virgem na procissão do Corpo de Deus, na Catedral, cantou nas novenas dos Capuchinhos do Castelo e mal soube dançar, tão poucas às vezes que dançou. Tem agora vinte e nove anos, já podia ter casado; mas não só qualquer namoro é difícil no domicílio das parentas, como Olympia não obteve da natureza um desses corações que só sabem dar largos à paixões instantâneas. Terra de amores para Olympia não havia de estar coberto de rosas desfolhadas ao vento por caprichos.

Não tinha o coração virgem, oh! isso não. Quizera bem; sofrera e chorara no segredo de uma afeição infeliz por um tenente de artilharia, Máximo de Assis Fontoura, um moço bonito, olhar atrevido, conquistador, espirituoso, a coqueluche de muita Eva de altos coturnos.

Máximo era, porém, suscetível de emenda, entre meia dúzia de estroinas, revelava uma alma franca, leal e generosa. Simpatizava bastante com Olympia, sem contudo jámais



perceber o violento amor que para ela o estremára entre os outros homens.

Também assim que as velhas perceberam a possibilidade de um namoro entre Máximo e Olympia, trataram de separá-los, de vijiá-los, de não lhes dar tempo de se apegarem.

Máximo partiu para o Rio Grande do Sul a servir contra os federalistas revoltados contra o govêrno local. Caira numa emboscada de maragatos e fuzilado sem dó nem piedade, no dia em que o *Diário Oficial* trazia a promoção do tenente Máximo de Assis Fontoura a capitão por atos de bravura.

Olympia chorou lágrimas de sangue, mandou celebrar missa por alma de Máximo e exigiu que a deixassem ouvir só, apenas acompanhada por uma das crianças da casa, máu grado as velhas, as censuras, os comentários rabujentos das parentas. "Pois uma moça solteira mandar dizer missa por rapaz estroina que nem seu noivo era! "Que diria o mundo, os conhecidos que diriam?"

Olympia fez a sua vontade.

Um mês depois da morte de Máximo foi que a coitada padeceu devéras. Convidaram as velhas para um saráu em casa de D. Francisca Bastos de Aguiar, provedora da Irmandade de S. Miguel e Almas, onde D. Deolinda era irmã influente, Batizava-se uma menina; o celebrante do ato era o bispo de Mariana. Como faltar?

Olympia teve impetos de atirar-se de uma janela abaixo. Ir a uma festa quando o seu amado desapareceu e de que modo! Nem enterrado fôra! E ela de branco, muito pálida, os olhos com um leve marejo de pranto, assistir ao batizado, do jantar de festa!

A noite as moças quizeram dançar e o piano até de madrugada sofreu a pressão dos dedos de um pianista de aluguel, a moer mecanicamente polcas, valsas e quadrilhas inexpressivas, como quem põe à salário bemois e sustenidos.

Olympia pretextando violenta dor de cabeça, recusou-se a dançar e foi com um suspiro de satisfação que viu a hora da saída.

Chegando à casa, subiu as escadas depressa, fechou-se no quarto, atirou-se sôbre a cama e chorou, chorou, chorou, a bôca cheia de soluços abafados.

As velhas não deram pela coisa, olharam para Olympia como quem olha para um ser moldável a todas as situações, a quanto desejo egoistico lhes brotava da mente.

Vários casamentos podiam calhar a Olympia. As velhas não os atraíram; Olympia não lhes dava apreço; de um lado o egoismo sob a capa de afeição vigilante e do outro lado indiferentismo por excesso de dôr.

E o tempo se passa, os meses correm, os anos vão atraz dos meses, a vida familiar se escôa tranquila, monotona, cômoda. Em um ou outra ocasião as velhas pensavam no futuro de Olympia, pretendiam deixar-lhe alguma coisa, afinal para que casar?

Elas casaram, é verdade, mas...



Oliveira Lima, ao comentar a "História da Revolução de 1817", mente honrado nos seus processos e nos seus dirigentes. Alde Moniz Tavares, diz ter sido aquele movimento "essenciais-guns deles podiam ter defeitos, mas todos eram gente limpa". Realmente, as figuras diretoras da Revolução constituíam a nata da sociedade: Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, ouvidor geral, autor de projeto da Lei Orgânica; Domingos José Martins; padre João Pessoa Ribeiro de Melo, espirito culto, naturalista e filosofo; padre Miguel Joaquim de Almeida Castro — o padre Miguelinho — sacerdote ilustre, lente do Seminário de Olinda; frei Caneca, frade carmelita, erudito e brilhante; Cruz Cabugá, comerciante acreditado; Domingos Teotônio Jorge, militar de brio; José de Barros Lima, o "Leão Coroado", "homem destimido e apaixonado"; José Luiz de Mendonça, advogado, jurista, homem de talento e de cultura; Gervasio Pires Ferreira, negociante; José Inácio de Abreu e Lima, o "Padre Roma"; coronel José de Barros Falcão Lacerda; Felipe Neri Ferreira, tenente de milícia etc.

\* \* \*

A Revolução não se excedeu em práticas de violências ou de vinganças políticas. Vitoriosos, senhores do poder, os republicanos, respeitaram a pessoa do governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro que ponde embarcar para o Rio, acompanhado da família e de amigos com tôdas as garantias de vida. Outorgaram uma Lei Orgânica que, na opinião de Oliveira Lima, "quando muito representava um esboço da Constituição a vir, uma fixação das suas bases". Eles "sonharam com uma democracia sem jaça, com um governo do povo pelo povo, que é o governo dos que o representam e o guiam". Eram idealistas e sinceros. Seus principais dirigentes saíram do clero católico. Pelo menos 50 sacerdotes estiveram envolvidos no movimento, pagando alguns com a vida o crime de amar a liberdade e desejar a independência da pátria.

A revolução de 1817



Domingos José Martins

é apontada de separatista por muitos historiadores. Na sua proclamação ao povo pernambucano o Governo Provisório prima em acentuar a expressão "brasileiros" e não "pernambucanos". Refere-se ao "generoso continente do Brasil". Acentua no último paragrafo: "A Pátria é a nossa mãe comum, vós sois seus filhos, sois descendentes, sois brasileiros, sois pernambucanos". Estendendo-se à Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, a Revolução tinha um roteiro: infiltrar-se por todo o território nacional. Jamais pensaram os revolucionários em separação. Essa iniciativa poderia vir, num caso extremo, num desespero de causa. O que de fato existiu foi a tendência republicana. Alguns dos revolucionários, entre eles Antonio Carlos, bateram-se pela conservação da forma monárquica com o acatamento à pessoa do rei a quem pediriam uma Constituição. Vê-se por aí que não havia o pensamento separatista. O ideal republicano triunfou, graças à energia de Pais de Andrade, o futuro chefe da Confederação do Equador. A pecha de separatista foi atirada por historiadores como Varnhagen, Pereira da Silva e Pereira Pinto "os três mais eminentes auxiliares da inverdade na história das revoluções nos Estados do Norte". Acentua Ulisses Brandão que "a malevolência de Varnhagen vem do seu fetichismo monárquico. E' ele o escritor que na História Geral do Brasil, escrita sob os auspícios do Imperador e dedicada ao Augusto Senhor diz "os reis são a imagem da misericórdia". E quanto à revolução de 1817, obtempera que "é um assunto para o nosso ânimo tão pouco simpático que, se nos fôra permitido passar sobre ela um véo, o deixariamos fora do quadro que nos propomos traçar..."

\* \* \*

Bem diferente das atitudes dos pernambucanos foi a do governo Real. Enquanto os revolucionários faziam questão de instituir um regime de paz e de confraternização, os áulicos do Rei se desmandaram em práticas de terror na reação contra o movimento vitorioso. Contando com homens da insensibilidade moral de um Conde dos Arcos

ou de um Luiz do Rego, o governo real só poderia mesmo manchar de sangue aqueles dias da história brasileira. O último dia da República foi o 20 de maio. Tudo estava perdido. O padre João Ribeiro sessoa, "que era uma alma de uma candura imaculada, toda voltada ao bem", suicidou-se para não cair nas mãos dos monstros do Rei. Tomou um veneno e, segundo narrativa do coronel João Pedroso, "não tendo o veneno produzido efeito por ingestão, o padre João Ribeiro rasgou uma das côxas e nela introduziu uma dose do mesmo veneno, feito o que, ajoelhou-se sobre uma cadeira ao pé do altar-mór da igreja do Paulista e assim foi encontrado morto". As tropas do general Cogominho entraram no Recife aos gritos de "Sangue! Sangue!" Ao encontrarem o cadaver do padre João Pessoa ficaram alucinados. Conta Moniz Tavares: "aqueles esfaimados tigres, não podendo beber-lhe o sangue já exausto, lançaram-se sobre o cadaver para devorar-lhes a carne, a carne pôdre: o desenterraram, o mutilaram, separaram a cabeça do tronco e com ela entraram exultantes no Recife. Depois de passearem pelas ruas mostrando-a com escárneo a depositarem no Pelourinho por ordem de Rodrigues Lobo".

\* \* \*

A reação seria implacável. O padre Roma foi executado na Bahia, por ordem do Conde dos Arcos, quando lá seguira a serviço da Revolução. Antonio Henriques, enforcado no Recife. Dias depois, sofriam o mesmo suplicio o Padre Pedro Tenório, José de Barros Lima, e Domingos Teotônio. Exultava Luiz do Rego com esses quadros. Outras vítimas caíram a seus pés: coronel Amaro Gomes Coutinho, Inácio Leopoldo Pereira, os tenentes coroneis Silveira e José Peregrino de Carvalho. A fera solta no Recife estava sedenta. E entristeceu quando veio ordem do Rio de Janeiro para suspender a carnificina. Na Bahia também foram sacrificados Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça, padre Miguelinho. Muitos outros tiveram igual sorte. A mortandade foi tremenda. E só parou em vista da revolução constitucionalista do Porto que teve intensa repercussão no Brasil. Os demais presos foram depois postos em liberdade.

\* \* \*

AS GRANDES PÁGINAS DA HISTÓRIA BRASILEIRA

# A REVOLUÇÃO DE 1817

E SEUS OBJETIVOS BRASILEIROS

AMÉRICO PALHA

No estudo da revolução de 1817 é de notar o procedimento humano e cristão dos seus chefes. Pequenos incidentes, sempre naturais num movimento político desse porte, não puderam macular a nobreza de intenções dos republicanos. Prefaciando a "História da Revolução de 1817" de Moniz Tavares escreve M. L. Machado: "Quando entre os republicanos não se ouvia um unico impropério contra a monarquia, nem exagerados elogios à república, eram os pernambucanos tratados por "infames" e mandava o Conde dos Arcos fusilar a todos, que não seguissem rapidamente os soldados baianos, autorisando a estes, como coisa licita, a atirar naqueles como a lobos".

Melo Moraes, referindo-se à figura odiosa do Conde dos Arcos, observa: "Os abusos e violências praticados pelo conde dos Arcos contra os pernambucanos e a execução do padre Roma, ordenada por ele, depois de um ligeiro processo verbal, produziram geral estupefação, ainda mesmo entre os membros do governo; e, se pelo aviso de 19 de abril de 1817, foram aprovadas as medidas tomadas em relação aos acontecimentos de Pernambuco, todavia o ministro do Reino — Tomás Antonio Vila-Nova Portugal — desaprovou em reservado o seu procedimento de mandar matar na Bahia, sem as garantias da lei, os membros de revolução de Pernambuco que lhe caíam nas mãos, mandando que cessasse de o fazer".

\* \* \*

Merece especial referência nesta breve notícia sobre a revolução de 1817 a influência decisiva das sociedades secretas e a ação educativa do Seminário de Olinda, fundado pelo grande e eminente bispo d. José Joaquim de Azeredo Coutinho. O Areópago de Itambé, fundado pelo dr. Manuel de Arruda Camara fazia intensa propaganda da Independência e da República. A Academia do Paraizo e a Academia de Suassuna eram igualmente centros de intensa campanha libertadora. Antonio Carlos fundou em sua casa uma Universidade Democrática. Por outro lado, as lojas maçônicas agiam no mesmo sentido. Quatro lojas se criaram: Pernambuco do Oriente, Pernambuco do Ocidente, Guatimosim e Restauração Pernambucana. Oliveira Lima acentua que "as ideas republicanas no Brasil são, pode-se dizer sem risco de incorrer em inexatidão, o resultado direto das suas sociedades secretas, algumas delas disfarçadas com o nome de academias, devendo englobar-se nessas instituições de caracter revolucionário as lojas maçônicas importadas do estrangeiro, rebentos de árvores europeias ou meras criações originais americanas".

Foi nessas sociedades que se formou a mentalidade revolucionária de 1817. A Revolução não foi, pois, fruto de descontentamentos de quarteis, nem ação de desordeiros de rua. Ela nasceu da pregação, da doutrina e da cultura ministrada à mocidade daquela época.



# A ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

A MAIS ANTIGA DAS INSTITUIÇÕES CONGÊNERES NO BRASIL

Talvez nem todos saibam que a "Academia Cearense de Letras" é a mais antiga das instituições congêneres existentes no Brasil.

E mais antiga até do que a "Academia Brasileira de Letras", por isso que foi fundada a 15 de Agosto de 1894 e a "Brasileira" é de 20 de Julho de 1897. Foram seus fundadores: Barão de Studart, Justiniano de Serpa, Farias Brito, Pedro de Queiroz, Drumond da Costa, Francisco Alves Lima, Antônio Augusto de Vasconcelos, Alvaro de Alencar, Valdemiro Cavalcante, Antonio Fontenele, Franco Rabelo e Benedito Sidou.

O seu elenco de 28 associados completou-se com Tomás Pompeu (o segundo), Henrique Teberge, Raimundo de Arruda, Alvaro Mendes, Antônio Bezerra, Virgílio de Moraes, Eduardo Studart, José Carlos Júnior, Adolfo Luna Freire, Alcântara Bilhar, Antônio Teodorico, Eduardo Salgado e Rodrigues de Carvalho. Recebeu primitivamente a designação de *Academia Cearense*, por influência manifesta da *Academia Francesa*, como em *Instituto do Ceará* se nota o influxo do *Instituto de França*. Foram aprovados os seus Estatutos na sessão de 26 de setembro do ano de sua fundação. Traziam a assinatura de Justiniano de Serpa, Pedro de Queiroz e Valdemiro Cavalcante. As sessões preparatórias tiveram a presidência do Barão de Studart e realizaram-se em sua residência, à antiga Rua Formosa n. 46 (hoje Rua Barão do Rio Branco). Foi, porém, Tomás Pompeu seu primeiro presidente eleito.

O 1.º número de sua Revista, hoje segunda fase, saiu dos prelos da tipografia "Studart", em 1896. No governo de Justiniano de Serpa, em 1922, foi reorganizada, sob os auspícios do ilustre Presidente e pelos esforços, principalmente, de Leonardo Mota, um dos maiores folcloristas nacionais. Seguindo o exemplo da *Academia Brasileira* foi o número das suas cadeiras elevado a quarenta.

Entraram, então, para ela: — Antônio Sales, Leonardo Mota, Papi Júnior, Padre João Augusto da Frota, Alf. Castro, Rodolfo Teófilo, Tomás Pompeu Sobrinho, Adonias Lima, Júlio Maciel, Alba Valdez, Moreira de Azevedo, Carlos Câmara, Leiria de Andrade, Padre Antonio Tomás, Sales Campos, Cruz Filho, Octávio Lobo, Cursino Belém, Matos Peixoto, Jorge de Sousa, Beni Carvalho, Fernandes Távora, Francisco Prado, Júlio Ibiapina, Ferreira dos Santos, Andrade Furtado, José Quintino Cunha, Raimundo Ribeiro e Antônio Drumont.

Justiniano de Serpa fê-la declarar de utilidade pública pela Assembléa Legislativa e, na mensagem de 16 de Outubro de 1922, pleiteava para ela a aquisição de um prédio. Mas, o Presidente morreu pouco depois e, ainda hoje, vive a Academia com sede de empréstimo, funcionando no edifício do *Instituto do Ceará* (Avenida Alberto Nepomuceno 332).

Na presidência Matos Peixoto, foi novamente organizada, em 1930, graças ao denodo de Walter Pompeu, em sessão realizada a 21 de Maio, em sua residência, à rua 24 de Maio n. 862, sob a presidência de Leirri de Andrade, sendo, então, eleito presidente Antônio Sales.

Dolor Barreira, Presidente da Academia Cearense de Letras.



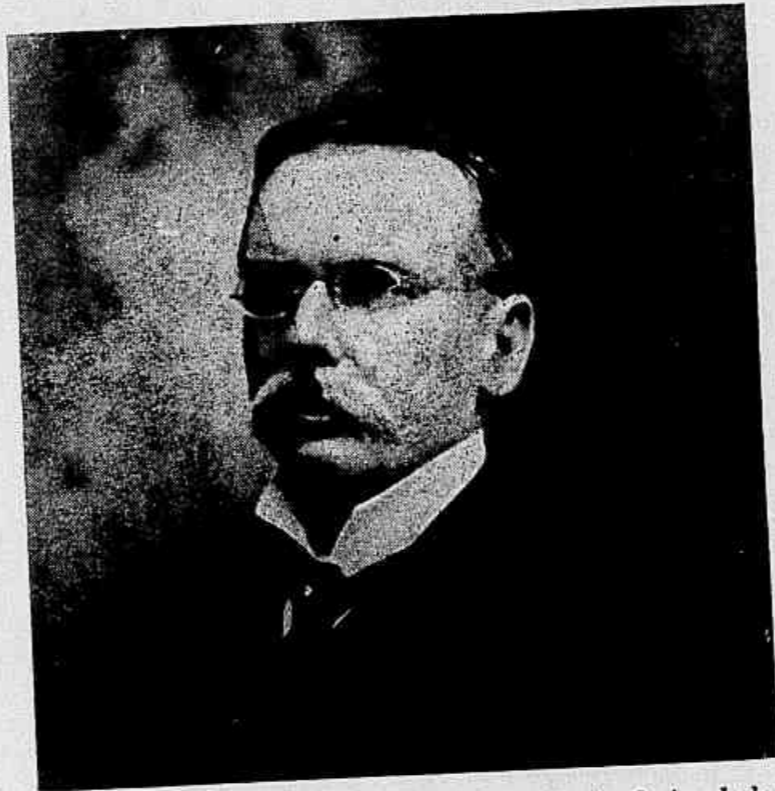
Desde 4 de Setembro de 1936 está filiada à *Federação das Academias de Letras do Brasil*, onde foram seus primeiros representantes Monte Arrais e Carvalho Júnior. Atualmente, são seus delegados: Monte Arrais, Mário Linhares e Carlos de Oliveira Ramos. Após a última reorganização da *Academia Cearense de Letras*, criou-se no mesmo ano (1930), paralelamente, a *Academia de Letras do Ceará*, com sede na "Casa de Juvenal Galeno".

Felizmente, por amor às tradições culturais da terra cearense, com mútua compreensão e fraterno sentimento de unidade espiritual, fundiram-se as duas *Academias*, prevalecendo o nome da primitiva. Foi uma linda festa de conagração realizada a 15 de Agosto de 1951, em Fortaleza, a que compareceram as mais altas expressões da intelectualidade da terra de Iracema.

A *Federação das Academias de Letras do Brasil*, especialmente convidada, enviou o acadêmico Mário Linhares como seu representante que, nessa solenidade, disse da alegria de todo o Brasil mental em ver confraternizados os dois colendos codalicio num bloco uno, forte e indestrutível, para glória maior da gleba alencariana.

Em favor dessa união muito se bateu o acadêmico Mário Linhares, não somente nas sessões da "Federação" como na sua "História Literária do Ceará", em cujas páginas fez ardente apêlo neste sentido. A *Academia Cearense*, num preito de reconhecimento a esse seu delegado fez constar, com aprovação unânime de todos os seus pares, na reforma dos seus Estatutos, o seguinte dispositivo:

"Em homenagem especial ao membro correspondente Mário Linhares, que há prestado relevantes serviços à Academia, a cadeira n. 7, patrocinada por Clovis Bevilacqua, será ocupada por ele, da qual será considerado empossado na data da aprovação destes Estatutos".

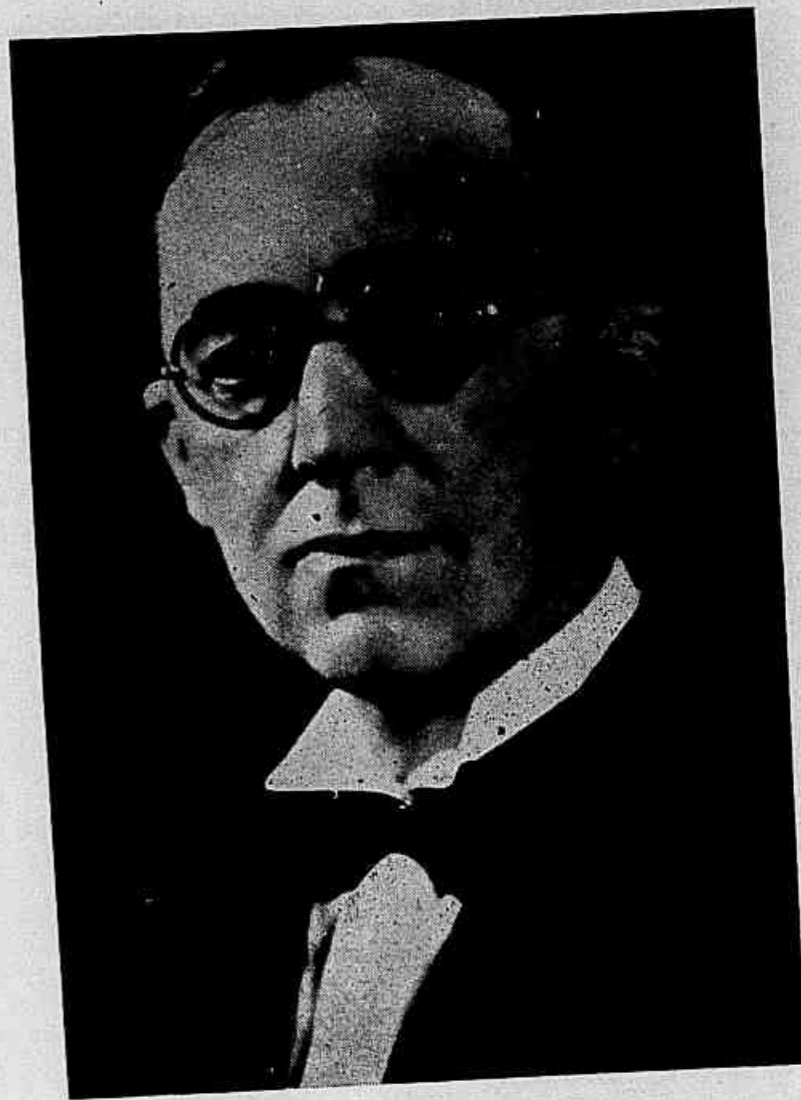


Barão de Studart, idealizador e principal fundador da Academia.

A sua atual Diretoria está assim constituída: Presidente de Honra: Tomaz Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho; Presidente: Dolor Barreira; Vice-Presidente: Raimundo Girão 2.º Vice-Presidente: Martins de Aguiar; Secretário-Geral: Manoel Albano Amora; 1.º Secretário: Abelardo F. Montenegro; 2.º Secretário: A. de Filgueiras Lima; Tesoureiro: M. A. de Andrade Furtado; Bibliotecário: José da Cruz Filho; e Diretor de Publicações: Fran Martins.

Eis o quadro de seus quarenta membros efetivos, seguidos dos patronos, na ordem das respectivas cadeiras: 1.ª — José Vicente Sidney Neto (Adolfo Caminha); 2.ª — Luiz Cavalcante Sucupira (Alves Dias Martins); 3.ª — Antonio Martins Filho (Antonio Augusto de Vasconcelos); 4.ª — Raimundo Girão (Antônio Bezerra de Menezes); 5.ª — Fran Martins (Antônio Papi Júnior); 6.ª — Tomaz Pompeu Sobrinho (Antonio Pompeu de Sousa Brasil); 7.ª — Mário Linhares (Clóvis Bevilacqua); 8.ª — Manoel Fernandes Távora (Domingos Olimpio Braga Cavalcante); 9.ª — Vaga (Fausto Carlos Barreto); 10.ª — Abelardo Fernando Montenegro (Gonçalves Inácio de Lardo Fernando Montenegro (Gonçalves Inácio de Loiola e Albuquerque Melo Mororó); 11.ª — Joa-

quim Alves (Guilherme Studart, Barão de Studart); 12.ª — Natanael Cortez (Heráclito de Alencastro. Pereira Graça); 13.ª — Padre Misael Gomes da Silva (D. Jerônimo Tomé de Saboia e Silva); 14.ª — Já-



Tomás Pompeu Sobrinho, Presidente de Honra da A. C. de Letras.

der de Carvalho (João Brígido); 15.ª — Joaquim Braga Montenegro (João Capistrano de Abreu); 16.ª — Joel Linhares (João Franklin da Silveira Távora); 17.ª — Renato Braga (Joaquim de Oliveira Catunda); 18.ª — João Octávio Lobo (José Cardoso de Moura Brasil); 19.ª — Martinz de Aguiar (José de Abreu Albano); 20.ª — Clodoaldo Pinto (José Liberato Barroso); 21.ª — Antonio Filgueiras Lima (José Martiniano de Alencar); 22.ª — Alba Valdez (Justiniano de Serpa); 23.ª — Henriqueta Galeno (Juvenal Galeno da Costa e Silva); 24.ª — Gastão Justa Lívio Barreto); 25.ª — Carlyle Martins (Manoel de Oliveira Paiva); 26.ª — Manoel Antonio de Andrade Furtado (Manoel Soares da Silva Bezerra); 27.ª — Adonias Lima (Manoel Soriano de Albuquerque); 28.ª — Júlio Maciel (Mario da Silveira); 29.ª — Vaga — (Paulino Nogueira Borges da Fonseca); 30.ª — Josafá Linhares (Raimundo Antonio da Rocha Lima); 31.ª — José Leite Maranhão (Raimundo de Farias Brito); 32.ª — José Valdo Ribeiro Ramos (Raimundo Ulisses Pennafort.); 33.ª — João Perhoyre Silva (Rodolfo Marcos Teófilo); 34.ª — Dolor Barreira (Samuel Felipe de Sousa Uchôa); 35.ª — Carlos Livino de Carvalho (Thomás Pompeu de Sousa Brasil); 36.ª — Hugo Catunda (Tomás Pompeu de Sousa Brasil, senador); 37.ª — Manoel Albano Amora (Thomás Pompeu Lopes Ferreira); 38.ª — Francisco de Menezes Pimentel (Tibúrcio Rodrigues); 39.ª — José da Cruz Filho (Tristão de Alencar Araripe Júnior); e 40.ª — Tomás Pompeu Filho (Vicente Cândido Figueira de Saboia).

Com a reforma, o sócio efetivo que, em caráter permanente, fixou residência em lugar de onde não possa frequentar as sessões, passará à categoria de correspondente, readquirindo os seus direitos, desde que volte a residir em Fortaleza.

Com a aquisição de outros valiosos elementos, a instituição retemperou-se de novas energias para prosseguir a sua marcha galharda.

A "Academia Cearense de Letras" fórma, com o "Instituto do Ceará", um dos mais notáveis centros de cultura do país.

Assim, a Terra da Luz está sempre na vanguarda de todos os movimentos que forjam a grandeza da Nacionalidade.

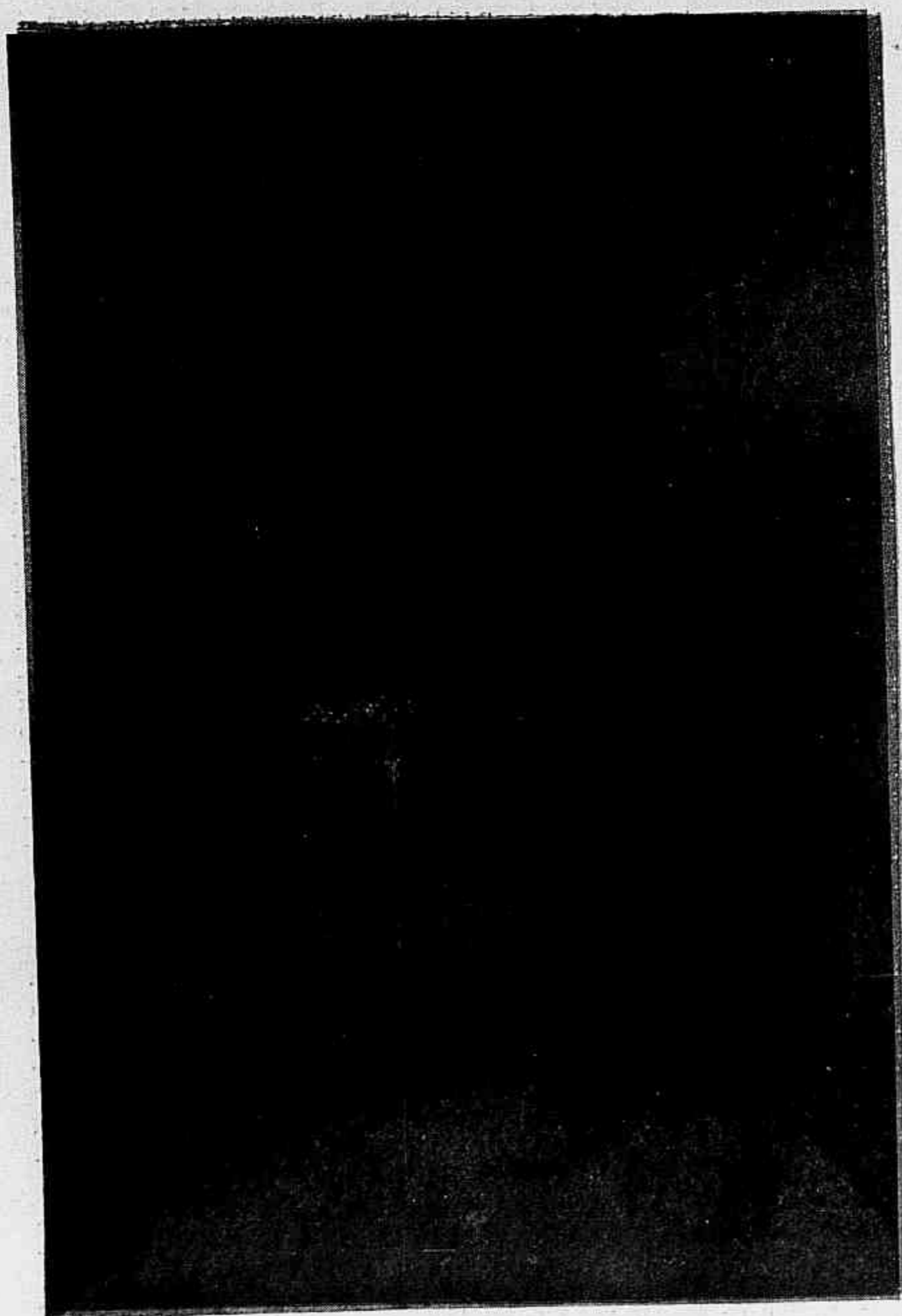
IMAGENS  
DO FUTURO



*Marisa, com 2 anos, filha do casal  
Francisco Xavier Falcão.*



*Maria Lucia, com 5 anos, filha do casal  
Adelino Lui.*



*Maria da Conceição, com 8 anos, filha do  
casal Raymundo Mendes Sobral.*

FOTOGRAFIAS TIRADAS  
NOS STUDIOS DE  
**FOTO PREUSS**  
(SÓ CRIANÇAS)  
RIO — NITERÓI



Não poderíamos deixar de registrar o casamento de Jorge Luiz e Gabriele. E' o noivo filho de Oswaldo de Souza e Silva, amigo dileto e principal orientador desta Revista. Mas, ainda que não fosse por este motivo, outro ainda determinaria que se fizesse publicidade em torno das bodas. E' que foi o casamento um autentico acontecimento social que reuniu na Igreja de Santo Inácio amigos e admiradores das duas distintas famílias que ora se entrelaçam em matrimonio. Sem duvida oportuno se nos afigura recordar a magnitude desse sacramento. O matrimonio — ensina a Igreja — é uma imagem da união de Cristo com a sua Igreja e, por este motivo, indissolúvel. Deus mesmo une e abençoa os esposos que nas mãos Dele depositam o seu futuro e as suas esperanças. Apenas isso, colhido entre os trechos mais expressivos da Missa que selou os destinos de Jorge Luiz e Gabriele, diz bem alto da grandeza desse ato que foi, a par de uma grande demonstração social, um esplendido atestado de fé católica. Não falaremos de elegancia. As noivas são sempre bonitas, elegantes, felizes... Desejamos, porém, que essa felicidade seja perene e que os noivos de outro dia mirem-se nos exemplos dos seus maiores e procurem segui-los e, se possível, aperfeiçoá-los... Distinta e elegante, a Senhora de Souza e Silva recebia os



## Enlace

EBERT NORDSCHILD - SOUZA E SILVA

cumprimentos dos seus inumeros amigos. O mesmo diremos da Senhora Elfriede Ebert Nordschild, mãe da noiva, cuja felicidade era bem um reflexo daquela que aureolava o jovem par. Que sejam felizes e possam, segundo o texto sagrado, "ver os filhos dos seus filhos"...

SOUSA BRASIL





*Flagrante quando jilava o Sr. Embaixador Antonio de Faria, vendo-se os Srs. Vargas Neto, Souza Batista e Goes Mota.*

## Na embaixada de Portugal a delegação do Sporting

○ Sr. Embaixador de Portugal e Sra. Antonio de Faria, em sua residência, no Cosme Velho, ofereceram uma bela recepção em honra da Delegação do Sporting Club de Portugal, à qual estiveram presentes as figuras mais representativas dos desportos brasileiros, da imprensa, da colônia portuguesa e do "Sek" carioca, que deram uma nota de elegância e de brilho aos salões da Embaixada. Nessa encantadora reunião os esportistas portugueses do Sporting tiveram ensejo de confraternisar com os desportistas brasileiros e figuras de destaque das sociedades brasileiras, convidados do Sr. Embaixador de Portugal. Trocaram-se amistosos brindes, tendo falado os Srs. Goes Motta, chefe da Delegação Portuguesa; dr. Antonio de Faria Embaixador de Portugal; dr. Vargas Neto, Presidente do Conselho Nacional de Esportes; Inocencio Leal, Presidente da Federação Metropolitana de Futebol e dr. Lucio de Souza.

A seleta assistência deixou a Embaixada de Portugal com gratas recordações da encantadora festa e o acolhimento sempre fidalgo e amavel do distinto casal Antonio de Faria, sempre inecceidiveis em prodigalisar gentilezas aos seus convidados.



*Um elegante grupo de senhoras em companhia do banqueiro Antonio Sarda e outros.*

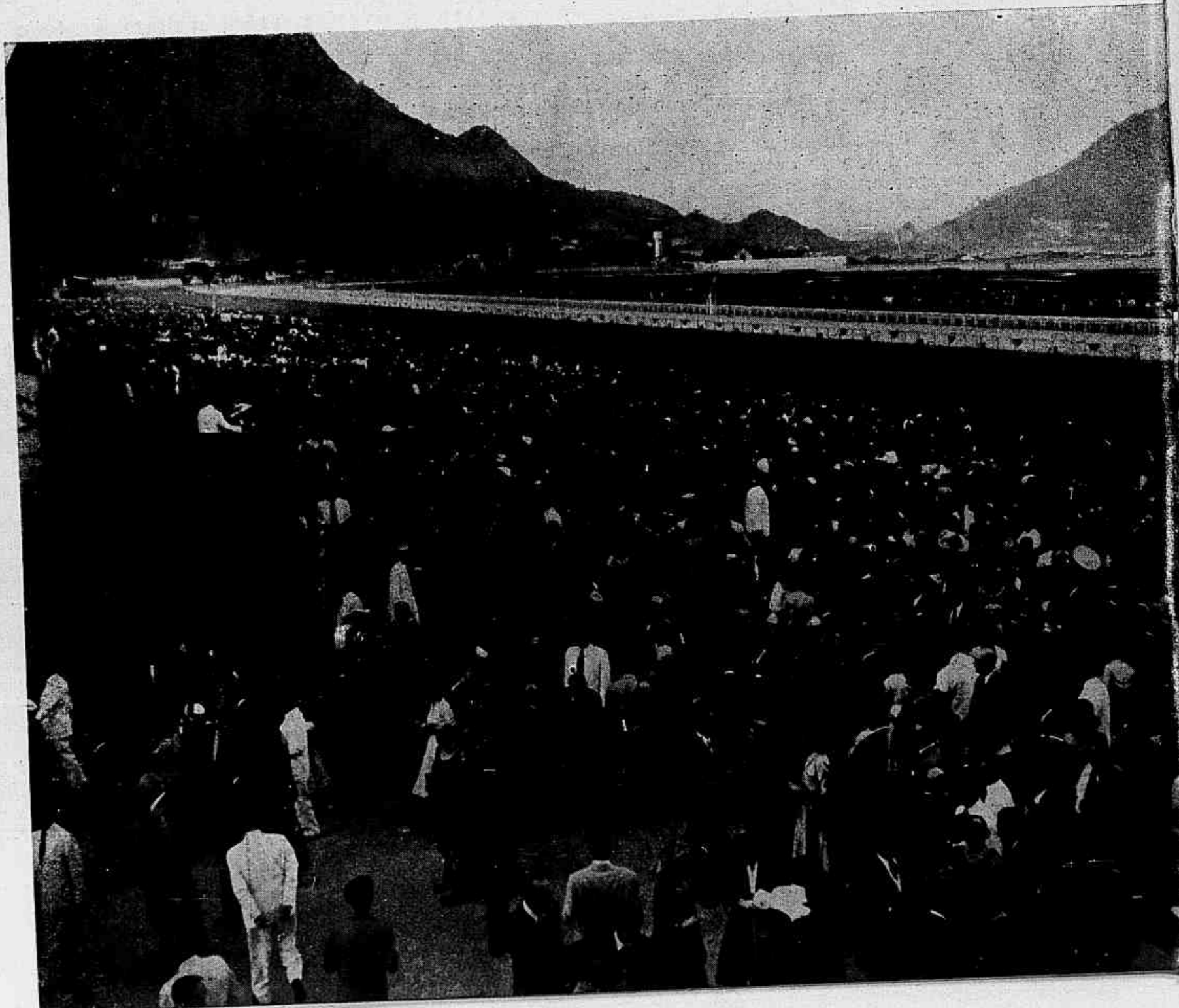


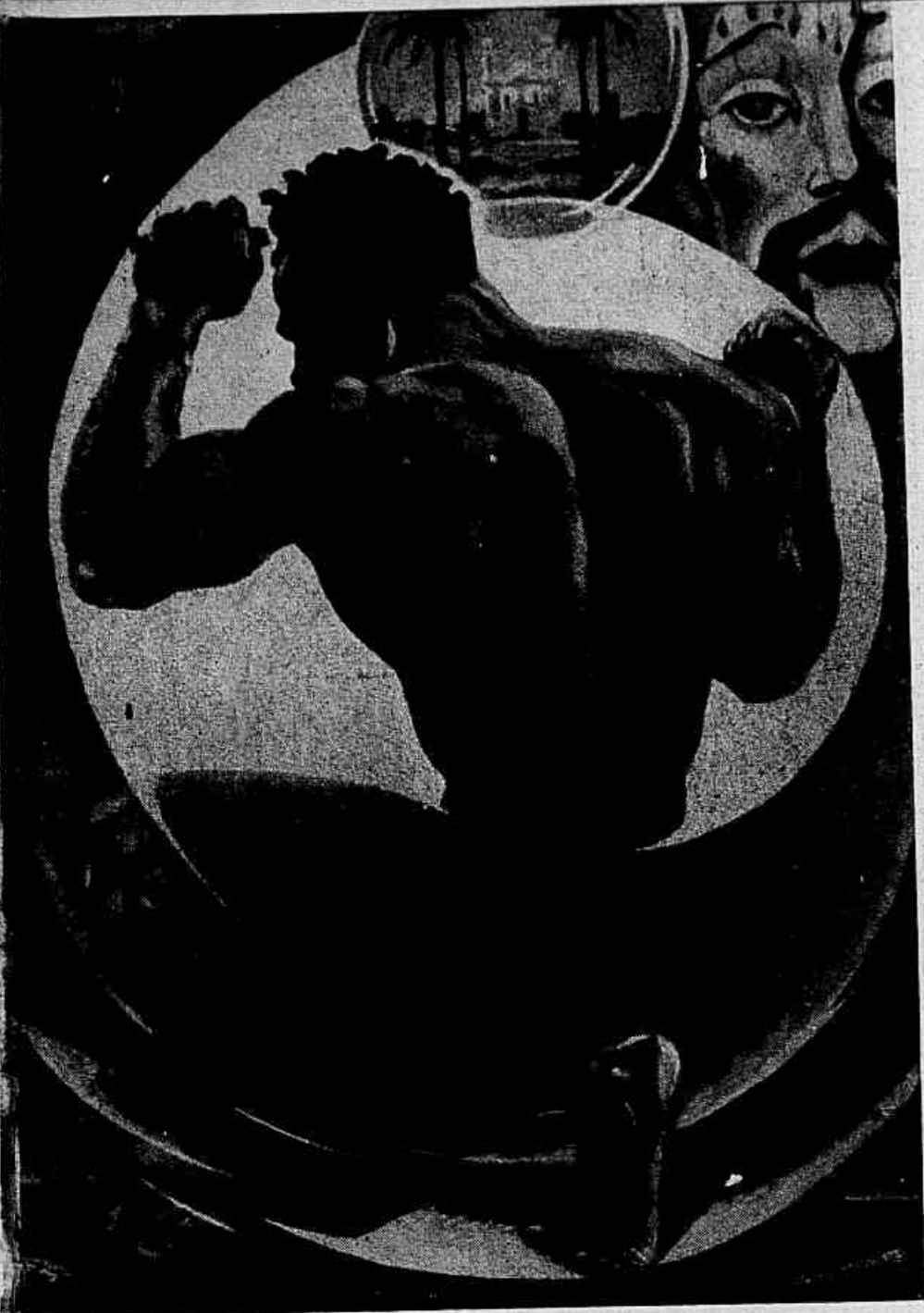
*A Delegação do Sporting na Embaixada de Portugal, vendo-se o Sr. Embaixador e a Sra. Cantilo de Faria e, entre outras personalidades de destaque, os Srs. Goes Motta, Vargas Neto, Souza Batista, Joaquim Campos, Herculano Rebordão e Muniz Pereira.*



## "O GRANDE PREMIO BRASIL"

Flagrante colhido no prado do Jockey Club Brasileiro quando era disputado o "Grande Prêmio Brasil", vendo-se num deles o Presidente da República Getulio Vargas entre o casal Dr. Mario Ribeiro, Presidente do Jockey Club.





## ENRICO CASTELO, PINTOR E POETA

pela arte e disposto a não se deixar vencer pelo desanimo. Pinta brilhantemente. Os elementos oficiais de Minas o festejaram e prestigiaram a sua bela mostra. E Enrico Castello, poeta, escreveu um soneto à gloria do Aleijadinho, um lindo soneto que vai a seguir traduzido daquele sonoro idioma gentil em que Dante vasou as suas estrofes de ouro e chama.

A gravura representa o "Retrato simbólico do Aleijadinho" que Enrico Castello compoz inspirado na obra do genio torturado que esculpiu os monumentos que enchem de orgulho a arte religiosa do Brasil colonial. O soneto, o poeta o escreveu em italiano e o verteu para o brasileiro, demonstrando nessa tarefa grande virtuosidade.

### ALEIJADINHO

Aleijadinho, nunca tua figura,  
teu semblante não vi, mas que me importa?  
toda cousa de carne é cousa morta  
se amor por arte não a transfigura.

Minha mente portanto te figura  
mais que no rosto em teu genio absorta;  
e toda a obra tua, direita ou torta,  
mais te revela que tua face obscura.

Es tu o profeta miguelangelesco,  
Cristo gótico, tu, que sangue cõa,  
tu, no verismo crú e no grotesco.

tu, eloquência que silente võa,  
tu, sem rosto, possante, gigantesco,  
ó desnudo artesão, que o sol corõa.

O nome de Enrico Castello apareceu aqui antes da guerra de 1914. Era futurista. Trouxe da Italia alguns quadros que expoz no Rio. Tinha muito talento e muito espirito. Pintava audaciosamente, e ligou-se ao grupo que pouco depois desencadearia o movimento modernista. Mas não era um modernista do genero dos deformadores da beleza que infestariam o mercado, e sim um artista que procurava dentro das velhas regras fórmas novas de beleza. Muitos anos passaram, e agora Enrico Castello volta ao contato com o publico brasileiro. A sua recente exposição realizada em Belo Horizonte no-lo mostra animado de entusiasmo

## SENHORA-MENINA

Enquanto existir o amôr haverá o romance. Mesmo quando neste mundo louco tudo ficar materializado, e desgraçadamente caminhamos para essa cruel e dolorosa fatalidade, ainda haverá de forma embora outra, um romance prático, de observação e análise da aproximação dos corpos.

Mas enquanto não vier o cataclismo, vamos lendo os bons autores, e entre esses um que honra Portugal e o nosso idioma, Augusto da Costa, — autôr de muitos livros e bons.

Mas este "Senhora-Menina", que recebo com dedicatória carinhosa, é um livro de grande observação psicologica, de movimento, de ação, de observação aguda, de análise fiel.

Bem sabemos que esse autor é um jornalista, ensaista e contista. Mas, acima de tudo, é um belo romancista, que muita vez nos faz pensar.

É um consagrado pela Academia das Ciências, e é um autor completo, armando bem o enrêdo, criando personagens humanas, fazendo êstes dançarem na ronda da vida, feliz na observação aguda, sabendo contar os fatos e descrever as paisagens. E tudo isso freme, palpita, dentro dum estilo alto e bem cuidado, neste "Senhora-Menina"

que é um belo romance; que honra o Portugal intellectual. O que está fazendo Augusto da Costa? Nada mais, nada menos do que uma obra bem pensada, — a crônica-romance do século XIX português. Este escritor tem um pouco de Camilo e de Eça. É um romancista português do século XX, lembrando a época do anterior. E "Senhora-Menina?" Ele abriu o ciclo com "Aldeia Rica", que foi um êxito. Agora é Maria del Carmen, um sentimento de Mulher, tranquillo e suave, que o destino marcou numa tragedia dolorosa. Dizia um crítico, assinando bem o fato, que Augusto da Costa fixou nestas páginas o drama duma sociedade. Há a análise quente de duas épocas, — a da invasão francesa e a do sistema liberal. O prazer nosso, se espaço houvesse, era acompanhar este romance feliz capitulo a capitulo. É o romance histórico português em sua plenitude. Daí os nossos aplausos não só a Augusto da Costa, como ao Portugal intellectual.

RAUL DE AZEVEDO

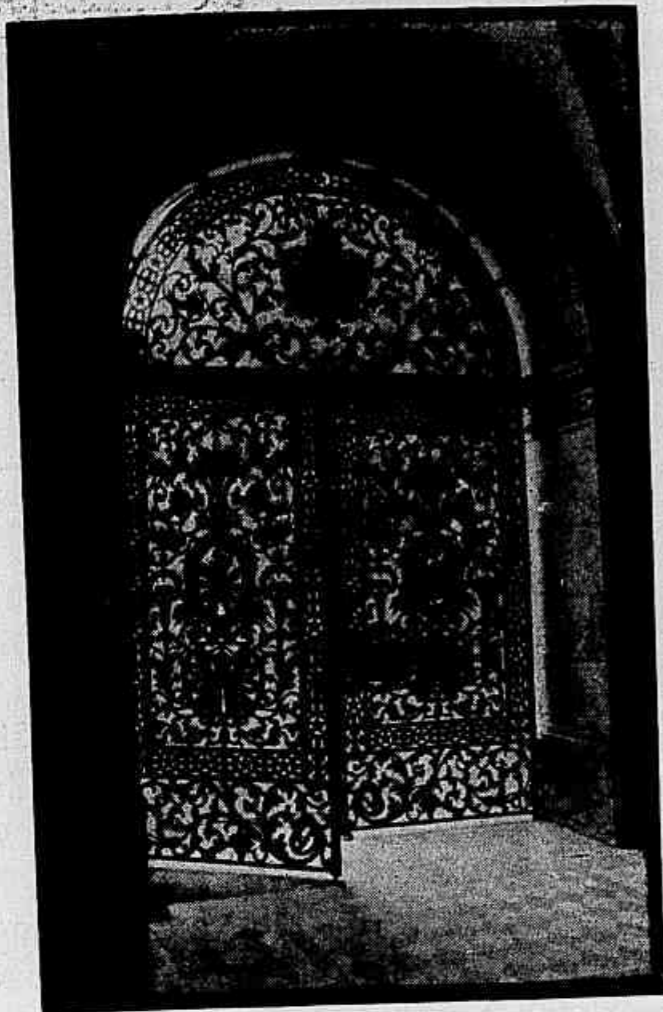
### FESTIVAL HIPICO-SOCIAL EM BENEFICIO DAS OBRAS SOCIAIS DA SRA. DARCY VARGAS

Na noite de quarta-feira, 16 de julho, realizou-se bela festa hipico-social, no Hipódromo da Gávea em beneficio das obras sociais da Senhora Darcy Vargas. Houve o concurso da Sociedade Hípica Brasileira em prova do "Steeple-Chase". A parte social constou de um jantar dançante ao qual compareceram elementos dos mais representativos da nossa alta sociedade. Efetuou-se um sorteio de valiosos brindes para as damas e os cavalheiros que compareceram ao jantar-dançante. Aos vitoriosos da prova do "Steeple-Chase" foram oferecidos prêmios igualmente de valor. A noite foi pois, de alta elegância, de acentuado espirito esportivo e também de cooperação do grande público que superlotou o Prado.



A estudante uruguaia, Senhorita Violeta Rodrigues Maciel, quando recebia a estola de "vison platinee" que lhe coube no sorteio de brindes.

Ao centro o General Caiado de Castro, Chefe da Casa Militar do Presidente da República. No grupo, veem-se o Presidente do Jockey, dr. Mario Ribeiro, outros diretores dessa sociedade e cavalheiros que tomaram parte na prova de "steeple-Chase".



Um dos portões do Mosteiro de S. Bento, obra grandiosa em ferro fundido.

## PARA A HISTÓRIA DAS ARTES NO BRASIL

No domínio das Artes Brasileiras, a recente obra "Construtores e Artistas do Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro", de D. Clemente Maria da Silva Nigra, se nos afigura de uma grandeza invulgar.

Sob todos os aspectos, essa obra que acaba de aparecer é verdadeiramente monumental.

Com mais de oitocentas páginas, com numerosas gravuras e mapas nos fala desde a sesmaria de Manoel Brito de Lacerda que a doou aos primeiros beneditinos, em 1586, para o Mosteiro, até os nossos dias.

Não é apenas um livro magnífico, mas, outrossim, indispensável a qualquer estudioso de nossas artes.

Além de focalisar a igreja, as sacristias, o claustro, tudo, enfim, desde a primeira construção, no século XVII, presta inúmeras informações que permaneciam inéditas.

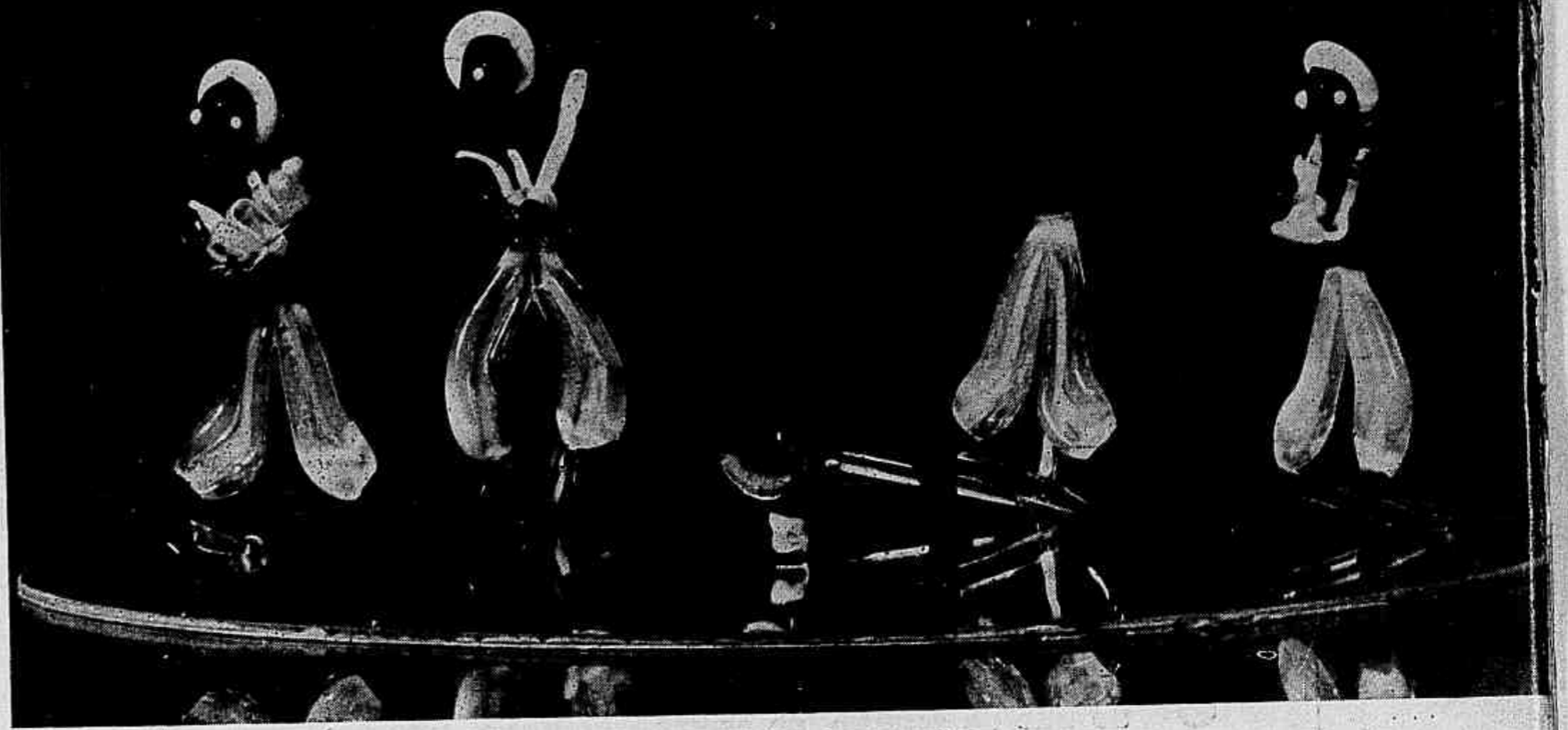
Ao simples folheio do texto, fica-se na dúvida do que mais admirar: se a paciência beneditina do ilustre beneditino, ou se o acervo estupendo que é a documentação artística e histórica da primorosa obra.

D. Clemente Maria da Silva Nigra é hoje grande e refulgente nome nos domínios das Artes Brasileiras e, por si mesmo, já se impoz à consagração meritória.

O Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, tem sido o abrigo de grandes artistas, como Frei Ricardo do Pilar, Frei Domingos da Conceição, Frei Agostinho de Jesus, Dr. Frei Gregório de Magalhães, Frei Bernardo de S. Bento Corrêa de Souza, Frei Estevão de Loreto Joassar e tantos outros monges arquitetos, pintores, escultores e entalhadores.

Em sua igreja e nos seus claustros outros grandes artistas como José Oliveira Rosa, Inácio Ferreira Pinto, Alexandre Machado Pereira, Mestre Valentim, Pedro Americo e mais outros têm trabalhado como até hoje o pintor e poeta Dr. Jordão de Oliveira que acaba de restaurar inúmeras e preciosas telas.

De tudo nos dá conta D. Clemente Maria da Silva Nigra, cujo nome já está incorporado, definitivamente, às grandes figuras que têm ilustrado a Ordem Beneditina e a História das Artes no Brasil.



## Vidro e Arte — novas mascottes

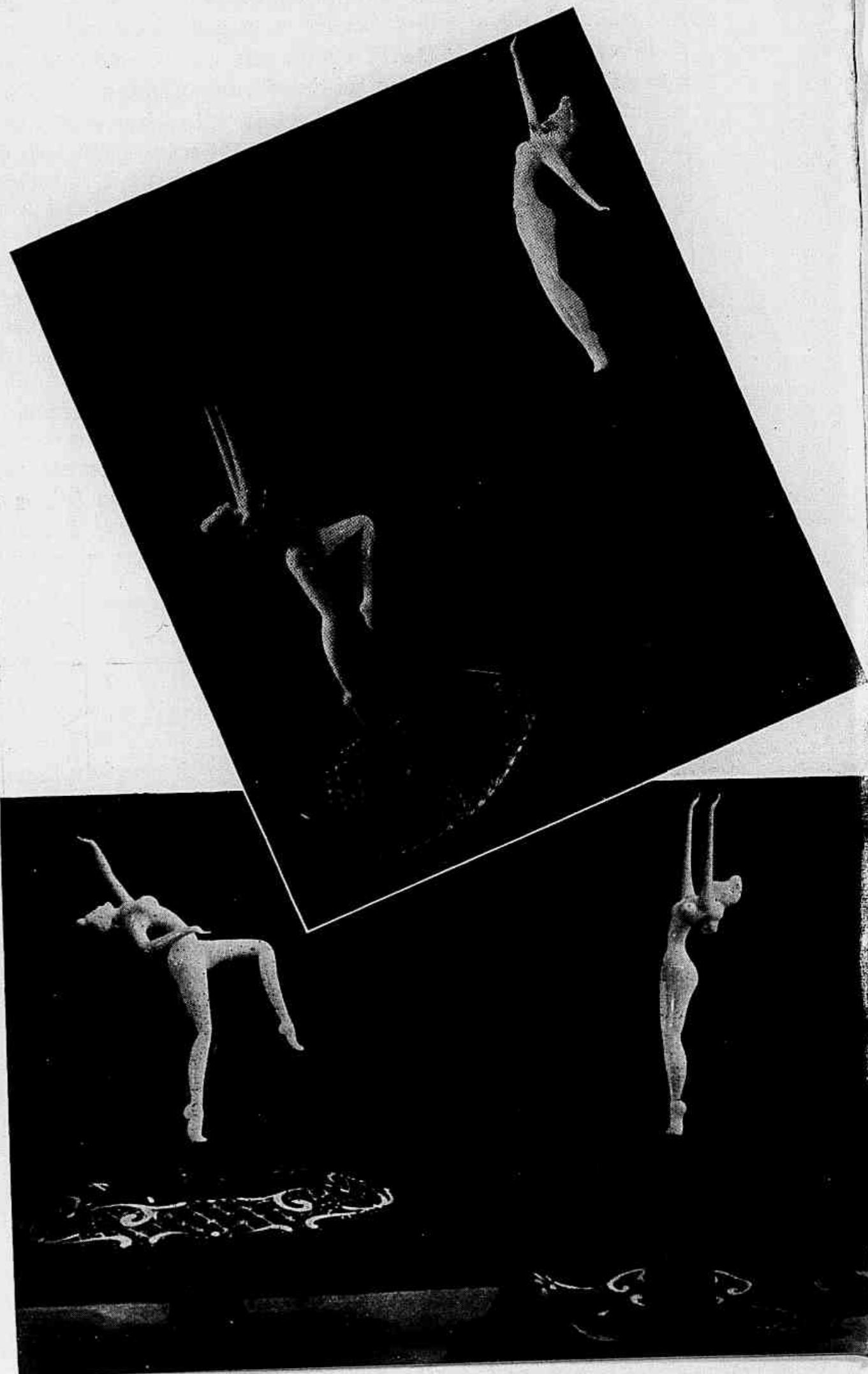
RAUL DE AZEVEDO

Vieira de Murano, perto de Veneza, na Italia famosa, a Arte delicada de trabalhar o vidro em lindos "bibelots". E aconteceu que um dos seus professores Alamiro Ferro chegou a S. Paulo e gostou da terra, da cidade e dos seus homens. Viu também um mercado propício as suas especialidades, e assim instalou na capital Bandeirante uma fábrica, por ora modesta, da industria de Murano. E vi trabalhar por ele, e pelos seus dois auxiliares Giorgio Carbone e Aldo Botti, essas filigramas de vidro, — bailarinas e piguins, cães e gatos, girafas e zebras, papagaios e araras, enfim, aves, feras e mulheres. Desenhos,

modelos, em cartões ou estanho? Nada.

Há um maçarico fumegante, soprando o fogo, e o artista com dois vidros roliços e finos, alguns ôcos, maneja-os proximo a ele, e fórma os belos objetos que estão sendo procurados como "Mascottes". Em contacto os vidros especiais, proximos ao sopro da maquina, amolecem e o artista vái dando a fórma que deseja a materia plástica. E dos seus dedos ágeis surgem rapidamente as figuras, animais, flôres, colares, broches, brincos, pulseiras, objetos de adôrno para o Lar e para a Mulher.

Os coloridos são dados por outros bastões de vidros, pelo mesmo processo, trabalhados por três artistas que afinal são escultores. Essas bailarinas ao redor vi fazê-las em dez minutos cada uma! Quasi num sopro...



## ATAVISMO RESISTENTE

Uma das características da força do sangue, e mais do que do sangue, do espírito lusitano, está em certos hábitos dominantes no meio literário brasileiro. O progresso material destes últimos cinquenta anos, os contactos com outros povos de mentalidade diferente, as cruzas da imigração, nada disso atenuou as influências do tremendo atavismo que resiste nos miscigenados como nos puros descendentes de portugueses que escrevem para o publico. Quem estuda a literatura de além-mar, principalmente a de polemica e de critica, verifica, desde logo, uma alta dose de intolerancia para com os adversários e ao mesmo tempo verdadeiros derrames de louvores sempre que se trata de amigos. A razão sentimental, tanto para o ataque quanto para o elogio, domina e vence a razão logica. Não estou, por enquanto, fazendo alusões à actualidade. Penso e escrevo neste momento em termos de 1879, época em que Camilo Castelo Branco produzia as páginas envenenadas do "Cancioneiro alegre" e nelas incluía esta observação profunda: "Ora, cada jornal tem uma celula em que esfervilha um recheio de ignorancia hostil à autoridade". Referia-se o amargo romancista e furibundo panfletario ao esquecimento propositado a que se lançavam as glorias mais velhas. A juventude não as respeitava e timbrava em não nomea-las, e isso era como que o receio das claridades solares que ofuscavam. Os ingenuos assim procediam convencidos de que o sol deixa de nascer todos os dias só porque eles se recusam a reconhecer-lhe a existencia eterna... A suposta idéa nova não admitia o confronto com o passado... O raciocínio simplista dessa especie de gente fá-la acreditar na infalibilidade de seus juizos e no terrível prestígio do silencio. Se não sai o nome de alguém nas folhas pode esse alguém ter a certeza de que morreu.

A "celula" nega-lhe o direito à vida. A imprensa distribui a fama de acordo com a vontade de meia dúzia de individuos plantados em suas colunas ou ao sabor da propaganda remunerada.

Camilo Castelo Branco foi uma vítima de seus contemporaneos que lhe invejavam a opulencia de cultura e lhe temiam o tacape verbal. As suas novelas circulavam no meio do povo, mas a casta letrada empenhava-se em azedar-lhe a existencia com um desprezo calculado e a negação sistemática do aplauso ou do registro de seus trabalhos na crônica do dia. Vingava-se ele em opusculos de circulação limitada. A divulgação de sua obra não se fez em larga escala senão muitos anos depois do seu falecimento.

Setenta e três anos correram sobre essas considerações e parece que a atmosfera é a mesma nestas plagas americanas. As "celulas" funcionam rigorosamente de maneira identica. Os que não se enquadram no seu regimento interno, não lhe frequentam as tertulias, não cabem no seu mundinho de intrigas, são condenados a não figurar nas suas antologias para escolas, nas suas historias de encomenda, nos seus programas radiofônicos. São promovidos à categoria de fantasmas. Os de agora aperfeiçoaram o sistema antigo envolvendo os editores, os industriais do livro que se dedicaram a esse comercio como se teriam inclinado para o ramo de secos e molhados. Cada editora possui o seu conselho intelectual, os seus criticos mercenarios. E' do seu julgamento que depende a publicação de uma obra. Sem o seu voto inapelavel o autor não tem outro remedio senão desaparecer da arena ou recorrer ao dinheiro para imprimir o que escreveu... Nesse particular não progredimos nada. Continuamos em Portugal de 1879...

CARLOS MAUL



Generoso Ponce

### GENEROSO PONCE, UM CHEFE

Generoso Pais Leme de Souza Ponce foi uma das grandes figuras da República. Em Mato Grosso, seu Estado natal, atuou com uma rara energia de verdadeiro caudilho e lutou pelo regime em horas difíceis da sua vida. Pertenceu ao partido de Pinheiro Machado, com Antonio Azaredo, outro matogrossense de boa lei que influiu poderosamente nos destinos politicos do país durante longo

tempo. A biografia de Generoso Ponce, escrita por seu filho, com ternura e com verdade, não é apenas o retrato sentimental do varão ilustre, mas a pintura de uma época historica. Generoso Ponce Filho, nesse alentado volume a que deu o título de "Generoso Ponce, um chefe" reuniu material de primeira ordem para o conhecimento da vida republicana num período de mais de trinta anos. Trata-se menos de uma prova de devotamento filial ao progenitor do que de um vasto documentario destinado a

esclarecer duvidas e a explicar obscuridades da historia brasileira. O velho Ponce cresceu no ambiente em que abriu os olhos graças às suas virtudes e ao seu espirito de luta. Venceu obstaculos, criou a sua personalidade e impoz-se ao conceito de seus contemporaneos. Governou o Estado, foi deputado e senador. Venceu uma revolução e deixou de sua vida uma esplendida lição civica. Esse livro, brilhantemente escrito e melhor documentado, vale por uma reconstituição historica preciosa.

## JARBÁS DE CARVALHO E A ACADEMIA

A Academia Brasileira de Letras acaba de conceder um de seus prêmios anuais ao livro de contos de Jarbas de Carvalho: "Dez noites de amor". Do mérito dessa nova obra do ilustre escritor patricio já tivemos oportunidade de dizer, quando registramos o seu aparecimento. Reafirmamos agora os conceitos então emitidos, e que traduzem a admiração ao prosador magnifico e ao narrador de esplendidos recursos que possui a técnica perfeita do romance em miniatura que é o conto. A Casa de



Jarbas de Carvalho

Machado de Assis concedendo a Jarbas de Carvalho o seu prêmio não fez mais do que reconhecer o valor de um dos nossos mais fulgurantes homens de letras da atualidade.

## "MEMORIAS" DE RAUL DE AZEVEDO

Um livro de memórias é sempre útil, principalmente quando o autor é pessoa que tem o que contar de sua vida. Está neste caso Raul de Azevedo, nosso brilhante patricio, escritor de renome, autor de vários livros aplaudidos. Raul de Azevedo está escrevendo as suas "Memórias". Muito tem ele a revelar de uma existência bem vivida no trato

das letras e da administração pública. Sempre trabalhando com a pena de escritor, Raul de Azevedo nunca deixou, entretanto, de servir ao país em postos



Raul de Azevedo

que lhe confiou o governo, aqui e no Amazonas, terra adotiva onde passou muitos anos. Espírito vibrante, Raul de Azevedo nos dará com certeza páginas de emoção e de evocação preciosas, e também alguns capítulos de história. Com o seu talento e o seu senso de observação, demonstrados em tantos trabalhos já divulgados, as suas "Memórias" constituirão motivo para justos louvores a esse nobre compatriota em quem a idade proecta não arrefeceu os entusiasmos.

## "ANEL DE SETE PEDRAS"

Natercia Freire é uma poetisa eminente de Portugal. "Meu caminho de luz", "Estátua",



Natercia Freire

"Horizonte fechado", "Rio Infundavel", são coleções de poemas em que vibra um li-

rismo profundo. "A Alma da Velha Casa" é um volume de contos, genero a que também se dedica essa devota das musas. Agora temos-a em "Anel de sete pedras", titulo simbolico de um livro de formosas estancias, ricas de sensibilidade, harmoniosas e sugestivas, na forma e no conteúdo. Não são unicamente versos bem medidos, de ritmo sonoro, os que compõem essas páginas, mas estrofes em que há poesia verdadeira, poesia-emanção divina da alma. Natercia Freire, com o seu "Anel de sete pedras" confirma as esperanças dos que aprenderam a estimá-la nos livros anteriores e lhe admiram a força espiritual. É um livro excelente, um breviário de beleza.

## "TRES MOMENTOS DO EXISTENCIALISMO"

«O que caracteriza o existencialismo é a revolta da vida contra a idéia. Para Kierkegaard a existência tem a primazia sobre a essência. A essência seria aqui uma idéia de substrato das cousas e a existência seria a vida em si, não pensada». É assim que Victor Visconti nos fala do existencialismo no seu vigoroso e erudito ensaio "Tres momentos do existencialismo". O Existencialismo, como a filosofia repontou com Kierkegaard, foi desenvolvido e interpretado por Marcel e Heidegger, e corrompido por Jean Paul Sartre, precisamente por aquele que deveria usufruir melhor propaganda da idéia que ele conspurcara. E. Victor Visconti nos descreve três situações dessa doutrina, com argumentos interessantes e com brilho de palavra. Os seus vastos conhecimentos de filosofia lhe permitem dar assunto um sentido atraente e fascinante.

## AGRIPINO GRIECO POETA

Na sua recente viagem a Portugal Agripino Grieco foi recebido não só como o crítico famoso que todos conhecem, mas também como o poeta das "Anforas". Os suplementos domingueiros desta banda do Atlantico ficaram muito espantados com o caso e registraram-no. Como o autor de "Fetiches e fantoches" também escrevera versos? E saíram gritando a novidade. Ora, Agripino Grieco era poeta, e continua a sê-lo embora não tenha publicado mais versos, porque a sua sensibilidade em certas páginas de prosa denuncia a alma do poeta. Mas o seu livro "Anforas" não é por aí uma cousa qualquer. É um livro que deve ser incorporado à sua obra completa como as "Noces corinthiennes" o foram à obra de Anatole France. De "Anforas" falaram, quando de seu aparecimento, Araripe Junior, em longo e erudito artigo do "Jornal do Comercio" e Alcindo Guanabara em crônica de "A Imprensa".

## "FONTE DE AROMA"

A poesia brasileira tem em Amelia Tomás uma de suas personalidades mais representativas, nestes dias de tanta confusão criada pelo modernismo desnor-teador de vocações. "Fonte de aroma" é o seu livro recém-publicado, e nele tudo encanta pela simplicidade do pensamento e pela sinceridade que transpira dos seus versos. Musica de palavras, jogo de imagens e de símbolos, sensibilidade a despontar em cada estrofe, há nos versos de Amelia Tomás uma graça infinita e um vigoroso poder de sedução. Destaquem-se desse conjunto, especialmente, os treze sonetos que são magnificos e dão uma idéia exata da virtuosidade dessa poetisa ilustre.

# AS ARTES PLASTICAS DA NORUEGA



S. M. Haakon VII Rei da Noruega

No Ministério da Educação, e sob os auspícios da Legação da Noruega, inaugurou-se em agosto deste ano, uma exposição de gravura e pintura homogêneas. Com esse ato, comemora-se o 80.º aniversário de S. M. o Rei Haakon VII. Organizou essa mostra em que figuram numerosos artistas daquele grande país da Scandinávia a Divisão do Intercâmbio Cultural do Ministério das Relações Exteriores da Noruega, sob a direção do Dr. Erling Christophersen em cooperação com o Instituto de Cultura Brasil-Noruega presidido pelo Embaixador Lafayete de Carvalho e Silva.

A exposição é limitada a apresentar ao público brasileiro uma amostra do desenvolvimento e posição da Arte norueguesa de pintura e gravura no século atual. Não são portanto, representados os grandes mestres do século passado como, J. C. Dahl, Gude, Tidemand, Cappelen, Fearnley, Harriet Backer, Munthe, Krohg, Thaulow, Werenskiold e tantos outros. A exposição dará uma expressão de geração que seguiu às dos idealizadores e realizadores da arte moderna norueguesa. Mais ainda, a exposição não representa uma determinada tendência dentro da Arte plástica, nem um certo grupo de artistas. A exposição reúne ao todo 101 obras de 44 pintores e 17 artistas gráficos, entre os quais 9 são representados por pintura, bem como por trabalhos gráficos. O número de artistas participantes é portanto 52: os 48 artistas vivos estendem-se desde o nestor Rudolf Thygesen com seus 72 anos até Weidemann com apenas 29 anos e inclui os maiores nomes da atualidade. Em outras palavras se pode dizer que a exposição é somente uma espécie de traves da arte contemporânea de pintura e gráfica norueguesa sem pretensão alguma de mostrar a maestria dos artistas noruegueses.

Uma execução constitui todavia Edvard Munch (1863-1944); considerado um dos reformadores da pintura europeia. Era grande como pintor, mas talvez maior como gráfico. Ele é considerado o maior gráfico ao lado do Daumier. Um pequeno número dos seus melhores trabalhos gráficos como: "Moça doente", "Vampiro", "Retrato de Augusto Stridberg", "Auto-retrato" de 1895, estão representados na exposição. Uma exposição retrospectiva de Munch, realizada há poucos meses em Paris, e que foi também comentada na imprensa brasileira constituiu um grande sucesso. Durante o último ano outras exposições Munch foram realizadas, por exemplo na Inglaterra, Escóssia, EE. UU., e Suíça.

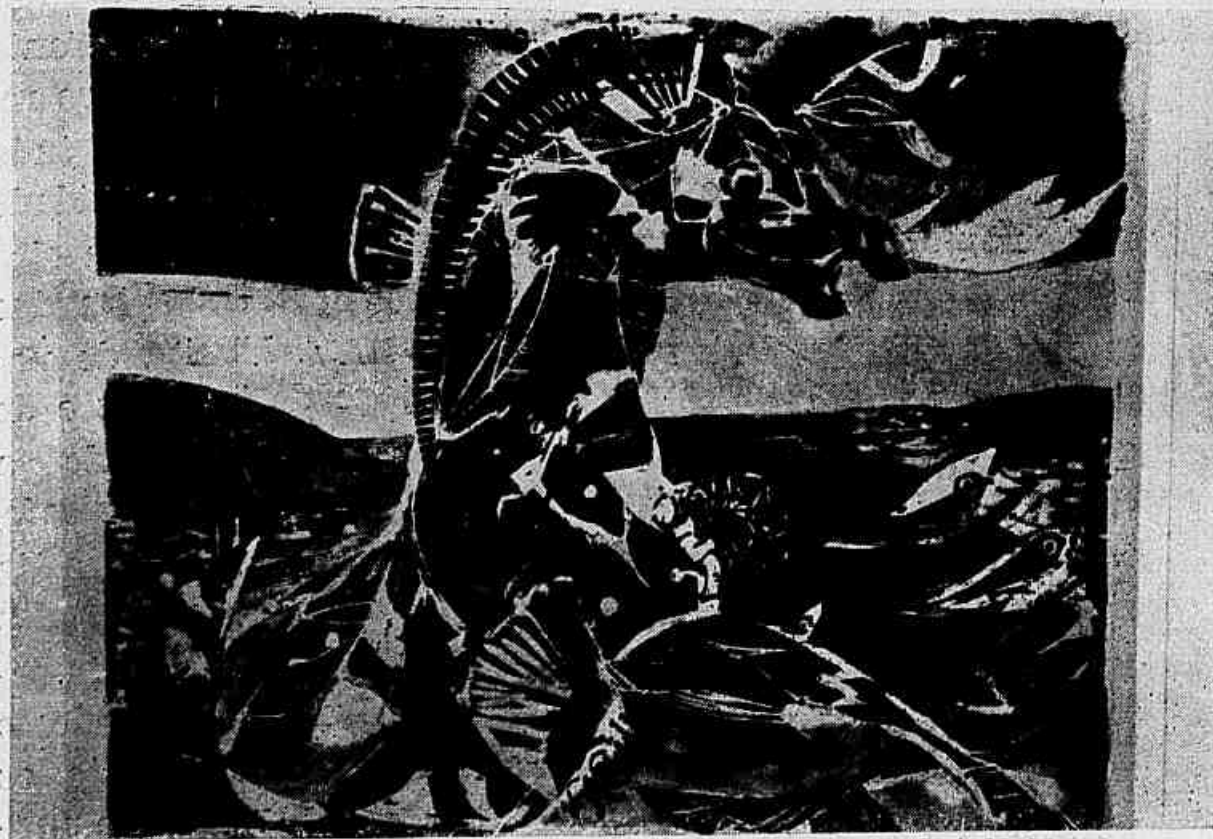
Todos os 44 artistas exerceram suas atividades artísticas durante este século sendo que o quadro mais velho entre os exibidos data de 1907 ("Brilho de Sol Preto" de Nikolai Astrup 1880-1928) e os mais recentes de 1952 (Ludvig Eikaas: "Composição"). Os trabalhos gráficos exibidos começam com as nove obras de Edvard Munch (1863-1944), sendo a maioria do período de 1894 a 1898. O mais novo é o pintor e gráfico Ludvig Eikaas (1920). Interessante é Paulo René Gauguin (filho de Pola Gauguin — norueguês naturalizado — e neto do grande Paul Gauguin). Paul René Gauguin — e autodidata na arte gráfica.



Oluf Wold Torne (1867-1919). "Maçãs e cactus". 1918. Pintura pertencente à exposição "Pintura e Gravura Norueguesa" no Salão do Ministério da Educação e Saúde.



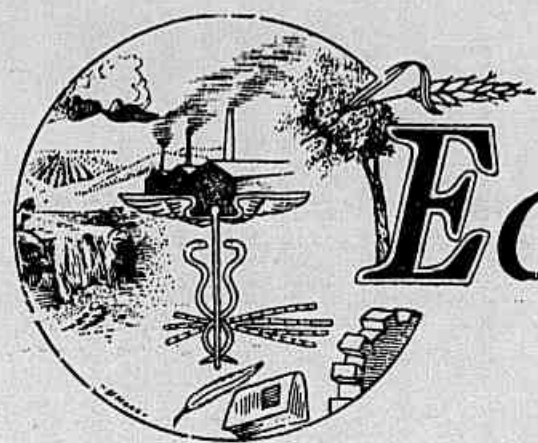
Per Krohg (1889). "Retrato", 1944. Pintura pertencente à exposição "Pintura e Gravura Norueguesa" no Salão do Ministério da Educação e Saúde.



Paul René Gauguin (1911). "Hipopampo". Gravura pertencente à exposição "Pintura e Gravura Norueguesa" no Salão do Ministério da Educação e Saúde.

Entre os trabalhos gráficos encontram-se também vários que representam tentativas de criar arte dentro do poder aquisitivo do povo. É esta a primeira vez que uma exposição de arte norueguesa é enviada a um país ultramarino, sem contar os EE. UU. É a primeira exposição de arte norueguesa a atravessar a linha do equador. Todas as obras pertencem a coleções particulares norueguesas cujos donos colaboram eficientemente com a comissão organizadora norueguesa para realizar a exposição.





# Economia e Finanças

## O U R O N E G R O

CARLOS MATHEUS

A economia humana se arraiga nas entranhas da natureza. O trabalho do homem não tem significado outra coisa, senão aproveitar as energias latentes no seio da terra. Os espontâneos mananciais de energia são as colunas fundamentais da Economia, seja individual ou universal. Dado a sua importância é que nos ocupamos de sua influência, primordialmente.

Desde as épocas primitivas conseguiu o homem por a seu serviço, toda uma série de energias naturais. Mas a investigação sistemática e a exploração racional dessas forças foram se produzindo como consequência imediata da necessidade econômica, das preocupações que suscitava manter uma população cada vez mais numerosa, e a satisfação de aspirações sempre crescentes, cujo efeito foi a revolução econômica, ocorrida nos países ocidentais da Europa, no transcurso do século XVIII ao XIX. Quando se tornou necessário encontrar uma energia natural cuja eficácia multiplicasse por vários milhões a energia física do homem, obedecendo-lhe dócilmente sua inteligência; uma força que sem folga puzesse em movimento potentes máquinas e vigorosas alavancas.

O fato da transformação econômico-cultural ter se operado primeiramente na Europa, foi devido a favorável situação geográfica do ocidente europeu. Sua posição entre mares com profundas enseadas, a distribuição privilegiada de terras altas e baixas, a existência de rios que penetram até ao coração do Continente, relacionando entre si as zonas econômicas mais diversas, o aprazível clima que reina em território de grande extensão, pela proximidade de mares, assim como a abundância de minerais de fácil extração: todas estas circunstâncias geográficas proporcionaram a uma população gigantesca desenvolvida, plena capacidade técnica, firme base para o progresso econômico, e condições de vida cada vez mais confortáveis.

Tanque de óleo aberto no sítio de Orutu.

Precisamente na Europa, Malthus é vencido por Watt, onde a energia a vapor dágua, permitiu consideráveis progressos econômicos sobre a base de copiosas jazidas carboníferas, circunstância que de certo modo tem uma justificativa geográfica, visto que o carvão apareceu na Europa, situado junto às jazidas de ferro, viga mestra da cultura industrial do século passado e da época presente.

Sob o negro e grande cetro do carvão, elevado em fator decisivo, da técnica e da cultura, tanto no setor econômico como no político, expandiram-se e se fortaleceram as Ilhas Britânicas. A medida que crescia a vontade dos homens em captar novas energias, foi-se tornando mais opressor o jugo imposto pelo carvão sobre as nações, econômica e politicamente.

Milhares e milhares de homens, milhões e milhões de capitais, tiveram que pagar seu tributo através de guerras criminosas; um ligeiro exame nas modificações geográficas após as duas guerras mundiais, demonstra até que ponto o mundo político estava escravizado pelo negro tirano.

O petróleo que em oposição ao carvão, constitui um elemento mais importante e valioso, cuja significação na ordem político-econômica será fator decisivo nas contendas que os povos sustentarão nos próximos anos. As vantagens do petróleo em relação ao carvão são muito diversos: valor térmico mais elevado, peso mais leve, maior limpeza e combustão mais cómoda, facilidade e modici-

dade de transporte por meio de oleodutos e barcos-tanques. No terreno do automobilismo, da navegação e da aeronáutica o petróleo atinge um ciclo de eficácia inestimável, havendo deslocado o ponto de gravidade desde a elaboração da substância para a iluminação até a essência produtora da força motriz.

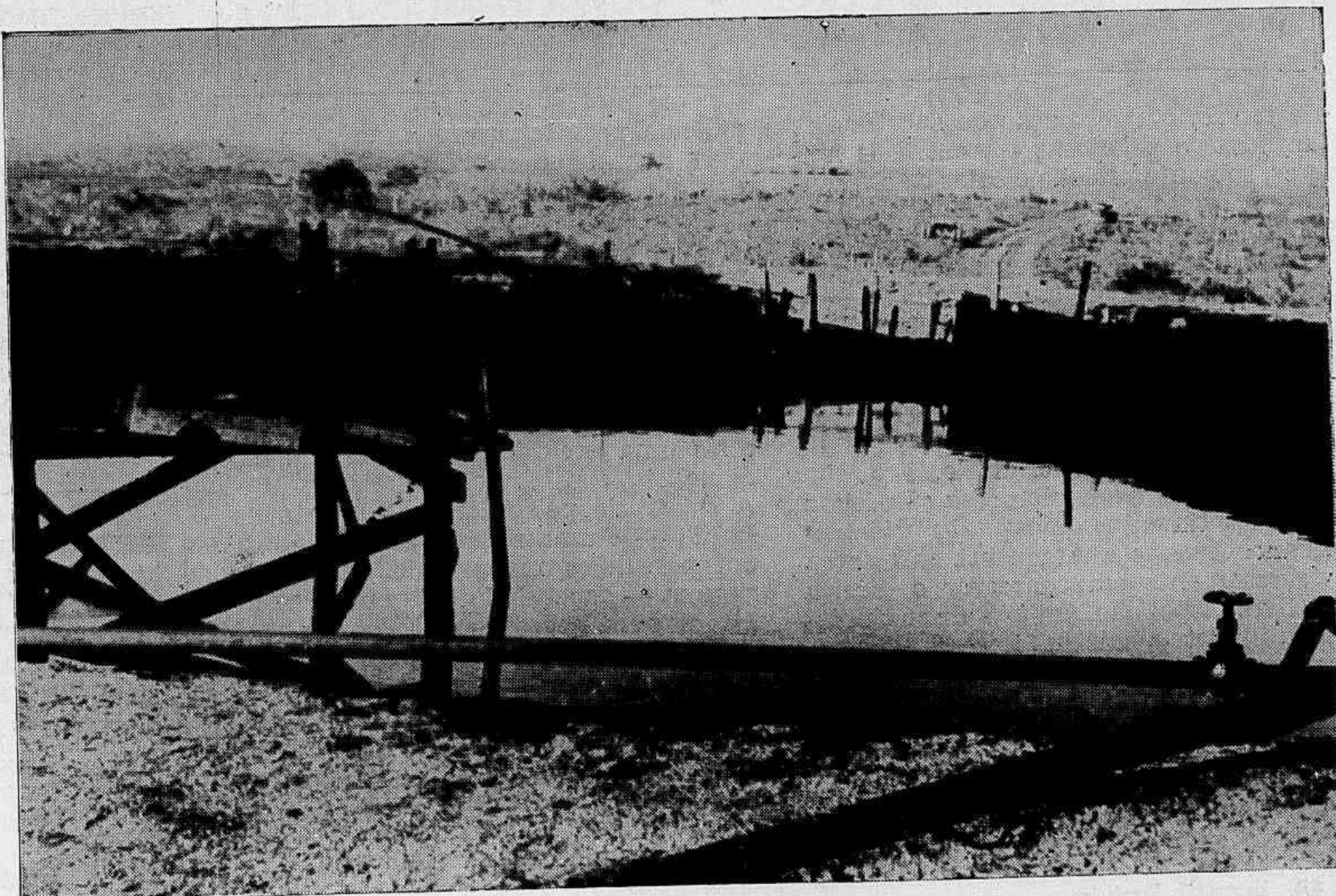
O petróleo constitui um agregado de importantes compostos químicos, que são as pedras angulares da técnica e da economia moderna: como fonte térmica, luminosa e especialmente energética, elemento precioso, de grande procura econômica por parte das grandes potências numa decisiva luta geopolítica. Sua substância é de origem orgânica formada dos tipos de sedimentos contendo em abundância organismos inferiores microscópicos como: foraminíferas (animal marinho) microscópico da classe dos protozoários, diatoms (diatom vulgare — vegetal marinho pertencente à ordem das algas).

Estes sedimentos também quando destilados produzem petróleo.

O petróleo é um grande migrador, procura as zonas tropicais e subtropicais do Sul, que até agora pobres em fontes de energia experimentam uma compensação economicamente bem apreciável, despertando a cobiça de grandes países.

Encontra-se nos extratos de todos os períodos geológicos, preferentemente no paleozóico e terciário nas etapas de formação, caracterizadas por intensos sedimentos da crosta terrestre — schistos carbonosos (carbonaceous shales) e arenitos contendo suficiente material orgânico.

O movimento tectônico facilita a erosão a sedimentação, e o desenvolvimento de plantas e animais, entre lagos e pantanos, dando lugar a dessecação

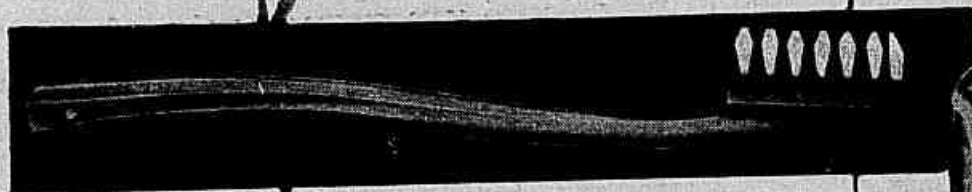




MANTENHA A SUA BÔCA  
SEMPRE FRESCA E SADIA USANDO A

## TRÍADA BUKOL

Experimente a TRIADA BUKOL e V. terá resolvido facilmente o problema da higiene perfeita de sua bôca! A escova Bukol, tecnicamente preparada, lhe permite atingir todos os dentes, tornando-os limpos e claros. A pasta Bukol, purifica o seu hálito e dá à sua bôca a agradável sensação de frescor. E o aromatizante Bukol, refresca, tonifica as gengivas e a mucosa bucal.



Faça portanto a higiene  
total da bôca com a

**TRÍADA BUKOL**

**laboratório capivarol Ltda.**

RUA BARÃO-DE-ITAIPU, 17 - RIO-DE-JANEIRO

de terras, e a formação de substâncias argilosas e pegajosas em extensos lençóis, sob cuja pressão e calor os elementos animais e vegetais se acumulam abundantemente, formando materiais combustíveis em determinadas "jazidas". Na América do Sul somente possuem jazidas de petróleo em exploração a Colômbia, Venezuela (Maracaibo), Argentina, (Rivadavia, Neuquen) e o Perú nas proximidades das montanhas andinas, de sedimento terciário. Em sua maior parte as explorações são feitas por investimentos de capital norteamericano. Apenas a Argentina se esforça vigorosamente em conservar o direito de livre disposição, em prol de sua próspera indústria e de sua florescente agricultura, onde o tráfego aumenta de ano a ano — sendo que atualmente suas ferrovias empregam quase que exclusivamente o petróleo como combustível para a produção de força motriz. A Inglaterra sente a debilidade de seu poderio geopolítico, pela falta de pe-

tróleo em seu território, e portanto procura investir com fortes capitais privados e públicos a exploração de novos mananciais petrolíferos em outras partes do mundo, uma vez que neste hemisfério lhe é vedada a intervenção ante o grupo de interessados representado pelos Estados Unidos. No Oriente seu domínio petrolífero periclita assim como seus Shell Trust — onde a Anglo-Iranian Oil Company após uma explosão de ferveência nacionalista, lhe banuiu os direitos. A existência petrolífera em Lobato na Bahia — é uma realidade borbulhante em profundos mananciais de grande riqueza — aspergindo em potente energia o "ouro negro", em tórno do qual se tecem discussões, "sloangs" e debates parlamentares — sobre a "PETROBRÁS" — surgindo prós e contras. O sincero objetivo deste projeto de lei deriva da certeza de nossa capacidade, e de nosso amadurecimento político, através de muitas experiências no campo político-econômico, advertidos da im-

portância desse elemento como fator decisivo, ao qual estão parcialmente ligados o destino dos povos, a vida humana, as formas econômicas e o progresso da cultura.

Os combustíveis, sua escassez ou superabundância, em conjeturas econômicas tem causado em repetidas ocasiões sensíveis transtornos no "equilíbrio mundial dos povos", e continuarão sendo sem dúvida, nos tempos em que se avizinham, os fatores enérgicos da política universal, da estrutura e história dos Estados.

Saudemos portanto, com sinceridade e patriotismo este novo ciclo na órbita de nossa estrutura econômica — o petróleo — esse "ouro negro" que é nosso, e do qual faremos o lastro de nossa emancipação econômica.

### PRODUÇÃO DE DISCOS

O Brasil foi o primeiro país na América do Sul a iniciar a fabricação de discos, indústria que se vem desenvolvendo satisfatoriamente, proporcionando assim a divulgação da música brasileira em todos os continentes.

A massa de que é feito o disco é moída e conduzida a um rôlo, onde é calandrada para a formação de "biscoitos" ou "tabletes" os quais, por sua vez, são colocados numa mesa de vapor e depois levados às prensas, onde já se encontram as matrizes com a gravação. Há três categorias de discos exploradas comercialmente: a denominada "Shelack" de discos fabricados a partir de biscoitos de goma-laca e destinados à rotação normal de 78 por minuto. Estes discos vão modernamente cedendo lugar aos já populares "long-playing", produzidos à base de biscoitos de vinilite (45 e 33 1/3 rotações por minuto). Há, finalmente, os discos de alumínio revestidos de acetato, essenciais para gravações mais perfeitas e considerados "discos virgens", feitos de actato, apropriados para receber a gravação inicial, dando origem ao que se denomina "matriz inicial" ou "matriz madre". Esta, posteriormente, produz as matrizes de cobre, níquel e cromo, que são as que, por prensagem nos biscoitos de goma-laca ou de resina vinílica, produzem os discos.

São em número de três as firmas paulistas produtoras de discos: a R. C. A. Vi-

AGUA DE TOILETTE  
**RAINHA DA HUNGRIA**

De Mme. Campos  
LIMPA E FECHA OS PÓROS  
À VENDA EM TODA A PARTE

**NOBRE DE FRANCE**

PERFUME DA MODA  
PERFUME QUE EMBRIAGA  
FINO — SUAVE — DELICADO  
Perfume que deixa recordação  
e saudades

LOÇÃO — COLÔNIA — QUINA  
Perfumaria Soberana Ltda.  
ANDRADAS, 102 — Rio — Tel.: 23-2710



O Provedor Ministro Lafayette de Andrada em companhia dos Irmãos Dr. Arnaldo Balesté, Faustino Chaves e Monsenhor Dr. Benedito Marinho.

Encerrou-se, festivamente, a Exposição documentaria-artístico religiosa, mandada organizar pelo Provedor Ministro Antonio Carlos Lafayette de Andrada, destinada a comemorar a passagem do centenário do Hospital.

O curioso certamente provocou intensa curiosidade do público tendo a Exposição sido visitada por mais de duas mil pessoas, inclusive especialistas de raridades, destacando-se nessa categoria o Dr. Jaime Leal Costa, Provedor da Irmandade da Glória do Outeiro, que ficou surpreso com o esplendido acervo pertencente ao patrimônio da velha Instituição.

A Exposição recebeu ainda a honrosa visita da Embaixatriz de França do Embaixador de Portugal e do Ministro da Ordem de Malta, Dr. Olgierd Czartoryski que se mostraram encantados com tudo que lhes foi dado apreciar.

Na data do encerramento procedeu-se a entrega dos prêmios as orfãs mantidas pela Misericórdia, enfermeiros e enfermeiras.



## ÉCOS DO CENTENÁRIO DO HOSPITAL DA SANTA CASA

O ministro Lafayette de Andrada entregando um dos prêmios a uma enfermeira, vendo-se ainda o escrivão Dr. Elycio Rodrigues Lima, o mordomo do Hospital e o Irmão Eduardo Shalders. Dr. Carlos Pena, o diretor da Secretaria Sr. La Roque

tor S. A., com uma produção mensal de 400 mil unidades; a Produtos Elétricos Brasileiros, com 400 mil unidades, e as Indústrias Elétricas e Musicais Fábrica Odeon S. A., com 300 mil unidades, num total, portanto de 1.100.000 unidades mensais. A matéria prima usada é a goma-laca da Índia.

### MAQUINAS NACIONAIS PARA A INDÚSTRIA PETROLÍFERA

O Presidente do Conselho Nacional do Petróleo, engenheiro Plínio Catanhede, falando na reunião do Centro e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, fez a seguinte declaração:

“Disse-vos há um mês aproximadamente, quando iniciamos esses contactos, que não esperava que a indústria paulista pudesse, dentro de poucos meses, oferecer ao Conselho Nacional do Petróleo a segurança de um fornecimento satisfatório de peças e equipamentos para a indústria petrolífera. Hoje, quando acabamos de terminar uma série de visitas às vossas fábricas, desejo manifestar-vos não a minha opinião pessoal, exclusivamente, mas a opinião dos engenheiros e técnicos do Conselho Nacio-

nal do Petróleo, a respeito da vossa capacidade de produção no setor que nos interessa. Trata-se, na verdade, da opinião de homens que há longos anos vêm dando o melhor de sua capacidade e de sua dedicação à indústria do petróleo no Brasil. Trata-se da opinião de homens frios no trato de questões dessa natureza, de homens que não sabem fazer literatura nem frases de efeito. Trata-se da opinião de homens que se formaram no trabalho e na luta. A opinião desses homens, — que é opinião do Conselho Nacional do Petróleo — é a de que devemos, a partir deste instante, nos declarar em sessão permanente — os industriais paulistas e o Conselho Nacional do Petróleo — para que sejam estabelecidas as bases e iniciado imediatamente o entrosamento que buscamos. A nossa impressão quanto ao que podemos obter da indústria paulista é altamente lisonjeira para o parque manufatureiro bandeirante. Acreditamos, depois do que vimos, que não há problemas insuperáveis para as vossas fábricas, cujo aparelhamento e organização, a par da boa vontade dos seus capitães, abrem magníficas perspectivas à indústria petrolífera brasileira”.

### APROVEITAMENTO DO CARVÃO RIOGRANDENSE

Um dos tópicos da mensagem do governador Ernesto Dornelles à Assembléia Legislativa, refere-se ao aproveitamento econômico do carvão riograndense. Falando sobre tão importante problema, afirma o general Dornelles que a utilização da “ulha negra”, in loco, é mais recomendável. Assim, a construção de usinas termo-elétricas junto à boca das minas seria a solução ideal para remover várias dificuldades enfrentadas pelos produtores, tais como falta é custo de transportes e com a vantagem, ainda, de ser aproveitada a escória do carvão não comerciável e totalmente perdida nas condições atuais. As palavras do governador Dornelles vieram encorajar aqueles que estudam os nossos problemas econômicos e aqueles que encontraram, também, a solução ideal, projetando construir uma grande geradora junto às novas minas descobertas em Charqueadas, município de São Jerônimo, com capital próprio e, portanto, sem nenhum onus para o Estado. Essa usina produzirá 45.000 kw e o carvão já sondado nas jazidas referidas garantem, pela sua qualidade, 50 anos de funcionamento.



**CABELLOS  
BRANCOS  
QUÉDA  
DOS  
CABELLOS**

**JUVENTUDE  
ALEXANDRE**

**DR. UBALDO VEIGA**  
Especialista em doenças de  
péle e sífilis  
Chefe desta clínica na  
Beneficencia Portuguesa

**CONSULTAS**

Rua do Ouvitor, 183-5.º - S. 504  
Nas 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs — Das 16 às 17,30



**AGUA PURA  
SAUDE SEGURA**  
SO' COM VELAS  
ESTERILISANTES

**SENUN**

**G A R R E T T**

(Continuação da página 25)

E historiando a usurpação espanhola, fiel à Pátria, apresenta Lisboa ainda com peste, e de ares contaminados pelas conturbações públicas, — malquerenças entre castelhanos e portugueses; o sebastianismo de Telmo; — Magdalena quer paz e alegria, um engano de poucos instantes para ter felicidade e só há agouros, presentimentos da doença da filha. E tudo é a fatalidade que pesa sobre todos como nas tragédias gregas. E' interessante fixar o final do 1.º ato, quan-

do requisitam o seu palácio, e estremeceu de indignação e deitando fogo à casa, com as tochas, diz:  
Ilumino a minha casa para receber os muito poderosos e excelentes senhores governadores destes reinos.

O que constitue a essência da tragédia grega é o destino inflexível pesar sobre os homens, tal qual escreveu Garrett num máximo de simplicidade.

Não é peça revolucionária, ou como o modelo revolucionário em que Hugo fez época, com delírio verbal, pois mesmo sendo Garrett um renovador o seu teatro tem sentido sóbrio, ático.

quem fundou o teatro português com "Um Auto de Gil Vicente" e "Frei Luiz de Souza" e sua carreira dramática importa em retratar a convulsão social que determinou a Revolução de 1836, pois ele via o estado de coisas públicas, onde os homens não se entendiam, as paixões dominavam completamente a razão, ninguém sabia o que queria, era o caos, traições, crimes, e todas as classes da Nação, atingindo o último degrau de desmoralização, tudo devesa. E o chefe da Revolução, Passos Manuel, teve ao seu lado Garrett, que iniciou todas as reformas.

Quando, em Julho de 1843, no teatro da Quinta do Pinheiro, ao ser representada pela primeira vez — "Frei Luiz de Souza" — para pessoas da sociedade — e não profissionais — Garrett representou o papel do velho escudeiro Telmo País. Desde então, pisando palco e escrevendo para teatro procurou regulamentar a arte histriônica, restaurou os seus elementos fundamentais: autor, ator e público; reformou o conservatório de música, agregando-lhe uma Escola Dramática e criou a Inspeção Geral dos Teatros. A sua influência foi considerável e benéfica, pois modificou os dramalhões e comédias de cordel.

E assim passou do livro para a tribuna e, desta, para o palco mas sempre com o penacho de lutador.

No 3.º volume das "Farpas", diz Ramalho Ortigão:

"Garrett aparece como um mensageiro do novo espirito europeu. Foi ele que, de chancarnada, monóculo no olho, um charuto na boca, calças de quadrados, gravata nos beiços e chibata em punho, vergastou as orelhas do velho mundo português e o obrigou a abrir a primeira garrafa de champagne. Nós não eramos todos senão uns robres velhotes, uns ginjas, uns chéché. Foi ele o primeiro que, por meio dos seus livros, nos deitou nos copos e nos fez beber o vinho da mocidade. E foi depois de re-amar a liberdade, a compreender as arconfortado por esse generoso licôr de poesia que nós aprendemos a estimar a beleza, tes e a querer o progresso".

Também Porto Alegre nos apresentou um homem de estatura mediana, de aparência grave, simpática e de uma fisionomia expressiva. A parte superior de sua cabeça era sublime, mas a inferior humanamente sensual, mormente a boca.

E Julio Dantas retrata-o através da sua toilette complicada, como a de Brummell, enrolando em volta do pescoço, com uma solenidade de ritual, a sua gravata de seda negra de um palmo de altura; cingindo em volta dos rins o seu espartilho francês como os "leões" do boulevard de Gand: vestindo a sua célebre casaca verde com botões de ouro, em busto de abelha; que, apesar dos ombros postiços, das ancas postiças, teria merecido um sorriso de aplauso a Lamartine; compondo com feminino cuidado os punhos encarnados, de bretanha; e por fim, colocando na cabeça, sobre o chinó lúcido, de cosméticos, o seu chapéu alto Murillo, de aba larga.

Quando não ficava no quarto embrulhado num grande casaco de xadrez vermelho, fumando um cigarro que segurava preso por uma pequena pinça para não queimar os dedos, ou com sua caixa de rapé, que como dizia, "avivava os talentos"; ou seguia para suas visitas furtivas de Maria

Krus "a confidente amorosa" ou da Viscondessa da Luz "a mulher fatal".  
E depois de aparecer num teatro ou dirigir o Ministério dos Estrangeiros, depois de tantas lutas e paixões, veio a velhice e o desencanto — a velhice súbita em que o vemos em quase abandono, numa agonia triste como todas as agonias o notável Visconde de Almeida Garrett, e faleceu em Lisboa, em 9 de Dezembro de 1854.

(Estampas extraídas da versão cinematográfica, cedidas pela Luso Filme.)

## BELOS TRABALHOS

Monumental pela utilidade a todos os profissionais; pelo valor de sua organização; pela cultura que representa é o "Vocabulário técnico", de Francisco J. Buecken, maravilhoso volume das Edições Melhoramentos, em 2.ª tiragem! Obra de incomparáveis qualidades, indispensável em todas as bibliotecas! 25 mil termos em português, inglês, alemão e francês. Também de Melhoramentos: "Caçando e pescando por todo o Brasil", de Francisco de Barros Júnior, 6.ª série. Araguaia e Tocantins: "Expedição aos Martirios", narrativa histórica em linguagem atraente, como é de hábito em Francisco Marins, o feliz autor da série Taquara-Poca: "História e Solidão do homem", de Carlos Burlamaqui Kopke, ensaios de estética e literatura.

## A AVE SAGRADA DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

(Continuação da página 11)

de luta. Elas se enchiam de grilos e voavam ao rio mais perto Bebiam água, vomitavam fóra os grilos e voltavam à cena do combate. Em poucos dias, a luta, foi ganha. Desde então, a gaivota se tornou a ave sagrada dos mormons, que, seguindo o exemplo dos egípcios, os quais erguiam pirâmides ao Ibis — sua ave sagrada — resolveram erigir um monumento à gaivota. Quem visita Salt-Lake-City nos dias que passam, tem a oportunidade de ver, em pleno coração da cidade, no terreno do Templo, esse belo monumento. Rodeado por uma linda fonte, em que os pássaros costumam beber e banhar-se, vê-se um pedestal quadrangular, sobre a qual se ergue uma soberba, coluna granítica. No topo, uma grande esfera, que sustenta duas gaivotas de bronze folheadas a ouro, de asas abertas em atitude de voo. — único monumento no mundo inteiro, erigido em honra a uma ave.

## DR. OSVALDO SERRA

DA  
FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA

Doenças da Péle e Sífilis

Tratamento especializado da cutis, cravos, espinhas, manchas da péle, verrugas, sinais congénitos (nevus), extração de pêlos da face. Tratamento de varizes, úlceras, eczemas crônicas e alergias, urticárias, doenças dos cabelos e unhas. Tratamento dos angiomas e canceres da péle pelo RADIUM (Radioterapia).

Ondas curtas, Ultra-violeta, Infra-vermelho, Neve-carbonica, Diatermia, Radium.

Consultório. Rua 13 de Maio, 23 — Edifício Darke-7.º and. — salas 723/1. Consultas diárias das 16 às 19 horas exceto aos sábados.

# O presente ideal



O Método "Toutemode" organizado e impresso em bellissimo livro, magnificamente encadernado, contem cerca de 400 figuras, que esclarecem com facilidade a execução de qualquer modelo de figurino, por mais difícil que pareça, acompanhando o texto com claras e simples explicações.

Lições completas sobre vestidos, golas, mangas, pijamas, casacos simples e de "tailleurs", "manteaux", roupas de crianças, roupa branca de senhoras, pontos de adorno e roupa branca para homem.

O preço de cada exemplar do livro com excelente encadernação, é de Cr\$ 150,00. A venda em todas as Livrarias do Brasil.



## METODO DE CORTE E ALTA COSTURA *Toutemode* DE ENSINO SEM MESTRE AUTORIA DO PROFESSOR J. DIAS PORTUGAL

PEDIDOS AOS EDITORES: "S/A. O MALHO" Rua Senador Dantas, 15-5.º andar.  
Caixa Postal 880 - RIO - Enviamos pelo Reembolso-Postal

O PROF. J. DIAS PORTUGAL, AUTOR DESTA IMPORTANTE OBRA, MANTEM CURSOS POR CORRESPONDENCIA E NAS ACADEMIAS "TOUTE-MODE", COM DIPLOMAS PARA MODISTAS E PROFESSORAS, AVENIDA 13 DE MAIO, 13-16.º and. - TEL. 22-6835 - RIO.

MODA E BORDADO EM SUA NOVA FASE • MODA E BORDADO EM SUA NOVA FASE • MODA E BORDADO EM SUA

# DE Paris

PARA VOCÊ...

modelos de vestidos  
sugestivos  
fascinantes  
muito elegantes!  
criados pelos mais  
famosos figurinistas  
parisienses  
COM EXCLUSIVIDADE!



# MODA

e  
BORDADO

UMA PUBLICAÇÃO DA S. A. O MALHO  
RUA SEN. DANTAS, 15 - 5.º ANDAR



*e ainda*

conselhos de beleza  
receitas culinárias  
decorações  
e muitas outras  
seções uteis!

A REVISTA QUE É UM FIGURINO... O FIGURINO QUE É UMA REVISTA!

Gráfica Pimenta de Mello Ltda. — RIO.